3 1761 06680731 4

RIEF
PQD
)36125

ALBERTO PIMENTEL

MEMORIAS DO TEMPO DE CAMILO

A. A.

PORTO
COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
Rua da Fabrica, 5
11, Largo dos Loyos, 14
119, Rua do Almada, 123
—
1913

MEMORIAS DO TEMPO DE CAMILO

TYP. DA EMPRÊSA LITTERARIA E TYPOGR.
(Officinas movidas a electricidade)
R. Elias Garcia, 184 PORTO MCMXIII

ALBERTO PIMENTEL

MEMORIAS DO TEMPO DE CAMILO

A. A.

1913
MAGALHÃES & MONIZ, L.da — Editores
11, Largo dos Loyos, 14
PORTO

125

Iniciarei estas **Memorias** *evocando recordações saudosas duma geração de portuguêses, que eu ainda conheci, e que foi grande pelo seu talento e saber, pela sua fecundidade mental, pelos seus triunfos e até pelos seus infortunios.*

Assim como o nosso olhar vai seguindo com interessada simpatia a folha de árvore, que sôbre a espuma da torrente voga arfando no marulho bravio, assim tambem, entre toda essa geração de homens ilustres, enternecidamente verei flutuar no torvelinho do seu destino revôlto uma dolorida figura de mulher, que as tempestades do coração e os lampejos do talento arrastaram para o imenso e clamoroso oceano da História.

I

Um supôsto enigma

Em 1860, na *Revista Contemporanea de Portugal e Brazil*,[1] foi publicada, sob o título *Martyrios obscuros*, uma sentimental história de amor infeliz, cuja assinatura se velava no segrêdo destas duas letras: *A. A.*

O facto de a *Revista Contemporanea*, que nesse tempo era o mais cotado órgão das letras portuguêsas — uma especie de olimpo para escritores consagrados — ter recebido a colaboração da pessoa a quem aquelas duas iniciais mascaravam, já de per si mesmo dizia que essa pessoa dispunha de méritos próprios e ainda de poderosas recomendações para entrar no cenáculo dos plumitivos selectos.

O director da *Revista*, Ernesto Bíester,[2] des-

---

[1] 2.º ano, página 301.

[2] Era originário de familia alemã. Seu avô, do mesmo nome, fôra amigo de Filinto Elisio, e por este distinguido com a dedicatória de duas odes.

denhando, ao contrario de seus irmãos, o comercio e as finanças, tinha-se lançado na carreira literária, especialmente na teatral, onde correu

Retrato de Ernesto Biester

todas as aventuras inerentes á profissão de autor dramático.

Biester não era um estilista nem um erudíto, faltava-lhe espírito agudo, ilustração extensa, vocabulário variado, mas tinha alguma educa-

ção artística, era trabalhador fecundo e conhecia, em relação ao seu tempo, o processo de construir peças interessantes.

Numa palavra, o teatro tornou-se-lhe mais familiar do que qualquer outra especie de literatura.[1]

Faz-lhe *pendant* em França Theodóro Barrière, que durante trinta anos monopolizou o teatro, quase sempre com aplauso e bons lucros, mas que nunca foi além de «*un bon charpentier*».

O repertório de Bíester, como o de Barrière, passou, esqueceu, viveu apenas a vida efémera de uma época.

A má língua insinuava que Mendes Leal, cunhado de Bíester, lhe delineava e corrigia as peças: isto carecia absolutamente de fundamento.

Eu conheci Ernesto Bíester já decadente em anos e dinheiro: magro, alto, com umas suissas grisalhas, de córte inglês, falando pouco, fumando muito, sempre agarrado voluptuosamente a um grande charuto e a uma grande actriz.

A qual actriz era Emilia Adelaide, que, du-

---

[1] Além das produções teatrais e de crónicas e artigos na *Revista*, apenas publicou, em opúsculo, *Uma viagem pela litteratura contemporanea* (1856), oferecida ousadamente a Alexandre Herculano.

rante um largo período de tempo, no teatro de D. Maria, ceifou louros, estonteou corações e viu passar pela ante-sala do seu camarim, almofadada de damasco amarelo, uma longa geração de férvidos admiradores.

Em França, ela teria chegado á opulência. Em Lisboa pôde facilmente dissipar quanto ganhára.

Retrato de Emilia Adelaide na mocidade

Foi ao Brasil, e ficou lá muitos anos. Mas arranjou as coisas de modo que, além de velha, voltou pobre — unicamente amparada pela sua reforma como antiga actriz do Normal.

A nostalgia do palco levou-a a reaparecer na Trindade para recitar a *Judia* de Tomás Ribeiro.

Fui ouvi-la. Pouca gente na sala. Emilia Adelaide apresentou-se com uma das suas melhores *toilettes* de outrora — velha como ela. Na fisionomia os traços mais característicos estavam apagados ou, o que era pior, deformados cruelmente. A voz perdêra as inflexões quentes, vibrantes, que foram um dos poderosos recursos teatrais da actriz. A memória falhára-lhe a meio

da recitação da *Judia*, que ela, aliás, tinha dito mil vezes. Os velhos que estavamos presentes aplaudimo-la em respeito ao passado; os novos, poucos seriam, preguntavam irónicos se era aquela a famosa Emilia Adelaide e certamente acoimavam de ignara a geração que a tinha aclamado.

Sim, era aquela a famosa Emilia Adelaide... noutro tempo. Mas tudo já então estava fóra de moda: ela mesma, a sua *toilette*, a sua dicção, e até — a própria *Judia*.

Dias depois Emilia Adelaide pediu-me uma conferencia no teatro de D. Maria, onde eu estava condenado a ser comissario do governo. Vi-a chegar, comovida, com o olhar nublado, a voz trémula: que saudade dos seus longinquos triunfos lhe não despertariam aquelas paredes... Significou-me o desejo de representar a *Fernanda* de Sardou para retomar o seu antigo e brilhantissimo papel de Clotilde. Comprehendi-a, quis auxiliá-la, satisfazer o seu desejo. Mas tive de ceder, amargurado, perante razões económicas, segundo as quais não podia ser obrigada a companhia a ensaiar uma peça de que resultaria um desastre certo.

Ora Ernesto Biester não se limitou a pôr as nobres páginas da *Revista Contemporanea* á disposição de *A. A.* Na crónica literária que êle escrevia em todos os números, fez-lhe um acolhimento elogioso:

Agora a revelação. Está nos *Martyrios obscuros*, e vamos proval-o. Ha mais interesse, mais vália do que pensam, n'aquelle romance tão singelo e tão sentido, que impressiona profundamente e commove devéras. Haviam de reparar que está modestamente firmado por duas iniciaes. E não as adivinharam, iamos apostar. Nem é facil, pelo que valem e pelo que escondem. Valem um grande talento e escondem uma senhora! Mas, o nome? dirá o leitor. Esse é segredo, segredo que já o elegante folhetinista da *Revolução de Setembro*[1] guardou, e que o chronista da *Revista Contemporanea*, tambem guarda. Bons modelos e bons exemplos seguem-se sempre. Ambos mereceram igual e inteira confidencia; um ha de ser tão digno d'ella como o outro foi. Tenham paciencia os leitores em concederem este privilegio ao folhetinista e ao chronista, que é um privilegio do officio, e d'esta vez tambem um privilegio da amisade.

A máscara ainda não caiu de todo: mas está perto disso, porque já ficou reduzida ao *loup*, á *demi-masque*, que deixa vêr o mento gracioso de um rosto feminino, como nas damas do século XVII, especialmente em Italia.

Ernesto Biester, transcrevendo logo a seguir palavras de Julio César Machado, quase levanta o fôlho da misteriosa mascarilha, porque essas palavras contéem alguns pormenores elucidativos.

Segundo elas, *A. A.* é talentosa e *mártir; formosa* e infeliz; estivera algumas vezes em

---

[1] Julio César Machado.

Lisboa e da última partira sufocada em lágrimas.

Por sua parte, Ernesto Biester não resiste á tentação de comentar as palavras de Julio César Machado por modo a insistir na amarga situação da talentosa e bela dama infortunada:

> Leiam os *Martyrios Obscuros*, que são uma pagina solta d'aquella vida torturada e angustiosa, mas cheia de abnegação e rica de sacrificios.

Estamos vendo que se trata de um dêstes segrêdos de imprensa, que parece serem guardados apenas o bastante para que toda a gente os possa descobrir.

E no caso de *A. A.* assim era.

Os jornalistas e homens de letras sabiam de que dama se tratava e bastavam êles para que no Martinho, no Grémio, no Passeio Público, nas palestras das livrarias, ficasse saciada a curiosidade dos amigos, dos conhecidos, dos preguntadores, que dali levavam o segrêdo a outros amigos, a outros conhecidos, a outros preguntadores.

O Passeio Público, compreendido entre a actual Praça dos Restauradores e o Salitre, era uma espécie de *Arcada* sem arcos, de palratório com árvores e bancos, onde ás noites, desde a primavera ao outono, toda a gente ia saber o que não queria ignorar.

— Por que se mataria Fulano? dizia-se ao jantar no seio desta ou daquela família.

— Não sei, na minha Repartição ninguem sabia.

— Vai logo ao Passeio Publico e pregunta.

Todo o bom cidadão alfacinha, quando recolhia a casa para dormir, levava a história do «prato do dia» na ponta da língua.

A moderna Avenida é bisbilhoteira como todos os centros de reunião, corta-se ali na casaca de quem vai passando, fala-se por certo de muita cousa e muita gente.

Mas o antigo Passeio Publico, encaixilhado em grades de ferro, protegido por arvoredo espêsso, com pouca luz se não havia festas, e com longas filas de bancos, parecia um logar ageitado para ser o Paraíso Terrestre da má-língua, a que sempre a sombra, a escuridade, a emboscada foram propícias.

Ouvia-se ás vezes dizer mal, e não se via quem falava, nem quem escutava. Era qualquer grupo, era o anonimato, era o bosque irresponsavel, era o paradeiro nocturno, cintado por um gradeamento fúnebre como os cemiterios, onde cada um póde ir vêr enterrar... os outros.

Nas livrarias havia serões de boa conversação, mais alta em conceitos e menos funda em intrigas.

Com ser então menor a população da cidade — a quarta parte do que hoje é — o número de

homens de letras subia a um algarismo importante.

Ainda alguns anos depois eu conheci prédios ocupados de alto a baixo por literatos.

Ao Salitre, esquina da travessa do Moreira,[1] no prédio hoje tristemente célebre por uma tragédia de família, habitava o 3.º andar Julio César Machado, que era o proprietário; no 2.º andar morava Rangel de Lima; e no 1.º Ernesto Biester.

Defronte da Biblioteca Nacional, a casa n.º 14 tinha por inquilino no 1.º andar Silva Túlio, no 2.º Latino Coelho.

Este escritor e outros, entre os quais o dramaturgo Ricardo Cordeiro, funcionário superior do Ministerio do Reino, eram certos todas as noites na livraria do Silva ao Rocio, — esse pobre Silva a quem não faltou certa aura, mas que depois passou, decadente, para uma lojinha na rua do Ouro e por fim para um cubículo ainda mais estreito — a sepultura.

Latino Coelho apenas saía de casa durante o dia para ir dar aula á Escola Politécnica — sempre acompanhado pelo irmão, porque a sua neurastenía lhe não permitia andar só.

Numa carta a Teixeira de Vasconcelos, publicada na *Revista Contemporanea*, êle mesmo

---

[1] Actualmente Rua de Julio César Machado.

confessa ser «uma organização excentricamente nervosa»; depois fala de outros casos da sua vida, como dizer el-rei D. Fernando que êle só *fazia flores* e alguem, creio que fôra Carlos Bento, tê-lo definido *um estilo á procura de uma ideia*.

Tambem Bonaparte chamou a *madame* De Staël *une phraseuse* e esta odiosa opinião em nada a prejudicou perante a posteridade.

Latino era sem dúvida um estilo, um belo e soberbo estilo, onde as flores não faltavam, como no manuelino; mas dentro dêsse opulento estilo, que profundeza de conceitos, que vasta erudição, que saber fortemente cimentado em conhecimentos scientíficos e adquirido nas muitas línguas que Latino versava facilmente!

Neste homem ilustre o conversador, ou o orador académico e parlamentar, não ficava jámais desnivelado com o plumitivo.

Êle dizia coisas lindas e sábias com a sua vózinha de velha rabujenta, num gesto frequente de compôr o cabelo e o colarinho.

Era um prazer, uma delícia ouvi-lo — e aprendia-se sempre lendo-o ou escutando-o.

A noite, Latino saía de carruagem com as irmãs e o irmão. Os dois apeavam-se á porta da livraria Silva, e as senhoras ficavam dentro do trem, onde esperavam ás vezes longas horas.

Porque em estando a conversar naquela livraria ou em qualquer outro logar em que se

lhe deparassem amigos, Latino distraía-se, animava-se, esquecia-se de si próprio, dos seus nervos doentes, e não dava tento das horas que iam passando.

Á livraria Pereira, na rua Augusta, concorriam quase todas as noites Andrade Côrvo, Inocencio Francisco da Silva, e dois homens a quem não faltava ilustração para serem apreciados entre escritores: o juiz José Maria Borges e o tabelião Barradas.

Não pareça ao leitor que já deixei quebrado o fio da narrativa.

Deve lembrar-se de que estou falando, aliás bem a propósito de *A. A.* e da sua época, de uma notável geração de escritores portuguêses, que na minha mocidade encontrei ainda florescente e que vi extinguir-se dia a dia, homem a homem.

Tem-se dito que era o tempo do *elogio mutuo?*[1] Por que? Porque assentava na verdade e na justiça o que algum escritor dizia de outro — pelo menos em público?

Ainda teremos ocasião de mostrar, nestas

---

[1] Vem a propósito citar o testemunho autorizado de um homem ilustre daquela época, testemunho que eu só recentemente encontrei no 2.º vol. das *Cartas de París*, por Teixeira de Vasconcelos. « Alguem disse que os redactores da *Revista (Contemporanea)* tinham fundado n'ella a Companhia do Elogio Mutuo. Não é verdade, ao menos na parte

mesmas páginas, que o louvor e a censura eram independentes e livres.

Chamar a isso *elogio mutuo!*

Especialmente as censuras eram tão livres... que chegavam a ser crueis: Ernesto Biester e Julio César Machado foram duas vitimas dos censores.

Póde lá acreditar-se que, em tempo algum, dez, vinte, duas dúzias de literatos fizessem confraria para elogiar-se uns aos outros e mantivessem o pacto, sem de vez em quando o atraiçoar? Quem o acreditasse não os conheceria.

Hoje, hoje é que, vistos já de muito longe, os tempos, quase remotos, de 1860, nos chegam a parecer muito benignos na crítica literária e rescendentes a uma vaga essência de mutuo favor.

Porque depois — eu o tenho visto e lastimado — veio outra raça de plumitivos e com ela o derrancado processo de recíproca difamação em publico e particular, sem verdade e sem justiça.

Naquele tempo, a estatura dos escritores atingia, quanto ao maior número pelo menos, uma

---

biographica. Ninguem paga alli as suas dividas, mas, se as pagasse, antes em moeda de louvor do que nos sujos cobres da mentira e da diffamação.» París, 1862.

Outro testemunho, tambem autorizado e coevo, já eu conhecia: era o de Camilo numa carta a Ernesto Biester *(Esboços de apreciações litterarias)*.

alta craveira. Além do seu valor profissional, possuiam ardor combativo. Alguns dêles vinham das lutas políticas liquidadas no campo de batalha com as armas na mão. E êsse espírito guerreiro ainda durante uma temporada o vimos sobreviver-lhes, como nos dias mais limpidamente luminosos, vemos, depois do sol posto, demorar-se sôbre o ocidente um clarão sanguíneo e áureo.

A literatura, por sucessivas revivescências do espírito medieval, cuja atmosféra Alexandre Herculano, o Mestre, respirava apaixonadamente, era uma cavalaria de paladinos intelectuais, que, á sombra da sua bandeira, terçavam armas galhardamente.

Assim tinha sido um século antes, na longa campanha encarniçada do *Verdadeiro Méthodo*, e já em meados do século XIX na azeda briga do *Eu e o clero*.

Assim havia de ser ainda — saudoso ocáso duma grande época literária — na polémica sôbre a conversação preambular do *D. Jayme* e, principalmente, na *questão coimbrã*.

Mas relanceemos os olhos pelo florilégio dos notáveis escritores de 1860 (deixando para alguma referência especial os Parnasos regionais), e, excepcionalmente, lembremos aquele insigne Proteu a quem a morte levára apenas seis anos antes.

Aludimos a Garrett, que tinha evocado o can-

cioneiro popular e restaurado o nosso teatro; que tinha aveludado galantemente a poesia emotiva na maciez flexivel de madrigais de salão e bordado sobre tradições nacionais o novo debuxo de modernos poemas.

Os homens de letras que viviam em 1860 são dignos de memória perdurável. Era Herculano, que reconstruiu a historia patria e nacionalizou o romance historico; era Castilho, que fez reflorir a lingua de ouro de Sousa e Lucena e nela aclimou famosos autores estrangeiros desde Anacreonte e Ovidio até Molière e Méry; era Camilo, que fundou a novéla de costumes, a *Comedia humana* dos portuguêses, como Balzac o fizera em relação ao seu país; era Rebelo da Silva, esmaltador *hors ligne*, tão variegado como Teófilo Gautier; era Rodrigues Sampaio, um jornalista exímio no floreio da ironia e na perícia da réplica; era Inocencio da Silva, continuador indefesso do abade Barbosa Machado na vasta empresa do nosso inventário bibliográfico; era Silva Túlio, carinhoso guia dos novos na lição das fontes clássicas e no manejo das expressões idiomáticas; era Andrade Corvo, um erudito como Latino e um dos melhores discípulos de Herculano como romancista; era Mendes Leal, poeta lírico de vôos épicos e dramaturgo que, a partir do *Pedro* e dos *Homens de mármore*, humanizou o teatro na flagrancia dos assuntos sociais; Bulhão Pato,

hoje septuagenário,[1] que se nivelou na estrofe com Trueba e Campoamor; João de Lemos, cujo soberbo estro não envelhecerá jámais; Teixeira de Vasconcelos, o prosador de mais clara e concisa linguagem no jornal e no livro; José Estêvão, que iluminou a literatura política na tribuna parlamentar com relampagos de arrebatada eloquência; Lopes de Mendonça, polígrafo sanguíneo, menos subtil no folhetim que Julio Machado, no folhetim que é a pedra de toque para conhecer-se a graça de uma língua, o genio de um povo, o sorriso de uma literatura.

Por esse tempo já no Parnaso académico do Mondego havia acordado um poeta algarvio, leve como as borboletas, delicado como as flores, belo de suavidade e candura.

Quando lhe foi comunicada a noticia de estar entre ferros *A. A.*, ele, lembrando-se de Ana de Coigny, que o *Terror* arremessára para o fundo dum cárcere, fez chegar á cadeia do Porto a enternecida versão da *Jeune captive* de André Chénier, elegia sublime onde, por esse facto, ficou igualada em linguagem portuguêsa a sorte de duas mulheres formosas e a piedade de dois poetas célebres.

Em 1860 publicava-se o *Archivo Pittoresco*,

---

[1] Falecido em 24 de Agosto de 1912.

excelente revista ilustrada, das melhores que temos tido. O magnifico *Panorama* vivêra até 1858 e foi durante a sua interrupção que Biester teve oportunidade para lançar a *Revista Contemporanea.*

Havia gosto, entusiasmo pela literatura, liase, discutia-se, porque os escritores notaveis criam legiões de leitores, como os grandes capitães recrutavam outrora os grandes exércitos.

Assinalava-se em Lisboa um salão literario, o de D. Maria Krus, mulher de D. Pedro Brito de Rio, salão que foi tão brilhante como os da Restauração em França, porque as celebridades portuguêsas dessa época ali iam esgrimir as mais destras e polidas agudezas de espirito.

Bulhão Pato, um dos *habitués*, descreve em dois fundos traços de gravura a acção inteligente e sociável da snr.ª D. Maria Krus:

> Tinha artes de congraçar os que andavam picados; sabia combinar os grupos dos seus convivas, ás vezes inimigos politicos capitaes, escolher os parceiros da mesa de jogo, e os personagens que entravam no circulo da conversação — *unica, a d'aquella casa.* [1]

Sainte-Beuve disse que o salão de madame Geoffrin tinha sido em França uma das instituições do seculo XVIII.

---

[1] *Memorias*, tomo II.

Não se pode dizer tanto relativamente ao salão literário da rua Formosa na sua época.

Mas se não foi o primeiro de Portugal, porque já houvera três séculos antes o da infanta D. Maria, foi certamente o último.

As questões literárias despertavam então igual ou maior interesse que todas as outras questões.

Ainda em 1865 o conflito coimbrão provocára um duélo entre Ramalho Ortigão e Antero de Quental.

Últimos restos de intelectualidade cavalheirêsca...

Depois dessa época encontra-se a origem de todos os duélos nas diatribes do jornalismo político ou do parlamento.

Mas onde vou eu dar comigo?!

E' preciso reatar o fio da narrativa para dizer que, em seguida aos *Martyrios obscuros*, a *Revista Contemporanea* inseriu nova produção de *A. A.* com um título que tornava cada vez mais transparente o mistério daquelas duas iniciais: *Horas de luz nas trevas d'um carcere.* [1]

---

[1] Título tambem adoptado por *A. A.* num folhetim do *Nacional*, como logo veremos, e que parece ter sido o primeiro escolhido para toda a colecção dos seus escritos autobiográficos.

A bela dama malfadada jazia entre ferros: êste seria um decisivo fio condutor para o descobrimento da verdade, se alguem pudesse ignorá-la ainda.

Julio César Machado tinha visto chorar *A. A.* na partida de Lisboa para o Porto. Viu-a *afogada em lágrimas*, porque o último estádio da sua viagem devia ser o sinistro edifício de uma cadeia.

Mas aquelas impetuosas lágrimas foram uma expansão momentánea, porque o ânimo da mulher forte venceu facilmente a repulsão que o cárcere inspira, sofreu valorosamente as duras consequencias do seu delito amoroso e ofereceu-se como exemplo de expiação moral para afastar do cairel do abismo outras mulheres que pudessem estar em perigo de delinquir.

A. A. não pertenceu ao número das escritoras que, como Balzac disse de George Sand, constituem o *genero neutro*—porque lhes sobeja em altura de estilo o que lhes falta na medida das calças.

Não, *A. A.* nunca se masculinizou, falando ou escrevendo, por excesso de varonilidade.

Nem tambem se deixou abater por um longo sofrimento que, ainda depois do cárcere e do tribunal, aceitou como justa punição do seu desvarío escandaloso.

Falou de si mesma, não para se vangloriar

cínicamente da quéda ou para conquistar a piedade pública á força de lástimas e prantos, mas para convencer as mulheres incautas de que o maior castigo do adulterio é... o próprio adulterio.

II

A chave do enigma

Quem era, na realidade, a misteriosa *A. A.* da *Revista Contemporanea?*

Todo o Porto o sabia, e Lisboa não o ignorou dentro de pouco tempo.

A fôlha portuense *O Nacional* publicou em 8 de junho de 1860 a seguinte noticia quanto possivel lacónica, mas intencionada:

Prisão — Ante-hontem de tarde foi presa e entrou na cadéa da Relação a ex.ma snr.a D. Anna Placido Pinheiro Alves, esposa do sr. Manoel Pinheiro Alves. [1]

A imprensa periódica do Porto obedecia naquela época a todos os melindres e reservas que a decencia dos costumes ou as susceptibilidades pessoais recomendavam ao noticiario local.

A «reportage» moderna e a «interview» mo-

---

[1] Era acompanhada por uma criança de dois anos, seu filho e do marido, e por uma criada.

dernissima estavam longe do seu advento. Por isso, os correspondentes da provincia só comunicavam ás fôlhas da capital o que podiam ou queriam dizer.

Contudo, *O Nacional* do Porto, onde Camilo Castelo Branco tinha dedicados amigos, como José Joaquim Gonçalves Basto [1] e Custodio José Vieira, [2] quebrára a tradição da mordaça e noticiava em letra redonda os trámites de um ruidoso processo de adulterio, que era o assunto picante de todas as conversações particulares.

Assim, pois, não só publicou a prisão de D. Ana Augusta Plácido Pinheiro Alves, mas tambem, quatro mêses depois, a entrada de Camilo Castelo Branco no cárcere, sob a arguição de co-réu no mesmo crime de adulterio.

O n.º do *Nacional* de 1 de outubro daquêle ano divulgava esta noticia já desafogada de quaisquer reservas:

Apresentou-se hoje no tribunal competente o sr. Camillo Castello Branco, requerendo mandado de prisão para recolher-se á Relação e seguir os termos de livramento, na querella dada contra elle pelo sr. Manoel Pinheiro Alves.

---

[1] Marido da «Formosa das violetas» e antigo jornalista. Vide *Noites de Lamego* e *Suicida*, por Camilo Castelo Branco.

[2] Advogado distinto.

Mas não parou aqui a corajosa atitude do *Nacional*.

No logar do folhetim, em 5 de outubro, estampou um escrito de *A. A.* sob o titulo *Horas de luz nas trevas d'um carcere*,[1] acompanhando esse escrito de algumas audazes palavras de Gonçalves Basto.[2]

Destas palavras de apresentação destacaremos apenas as que dizem respeito á situação atribulada da autora: «e a infeliz, finalmente, *sacudindo* as farpas de muitas torturas *que a sociedade applaude*, pediu á *sua alma energica* ensaios de intelligencia que lhe promettessem para o futuro trabalhos de mais folego e mais segura garantia á sua subsistencia.»

Tais ou quejandas considerações pareceriam hoje anodinas na imprensa portuguêsa. Mas no Porto daquela época soaram como um grito de rebelião contra as conveniencias sociais e a normalidade dos costumes sãos.

Este ousado procedimento do *Nacional* certamente foi lesivo, desde logo, ás suas finanças, mas Gonçalves Basto despresava o dinheiro com o dedicado intuito de sensibilizar a opinião dos romanticos em favor de Camilo e D. Ana Au-

---

[1] É o trecho inicial da 4.ª Meditação no livro *Luz coada por ferros*.

[2] Foram transplantadas para o mesmo livro em nota ao capitulo *Meditações*.

gusta, bem como de fazer rosto á severidade iracunda dos burguêses.

Era um esforço heroico de amizade pessoal.

Aquela fôlha portuense devia ter sofrido grande quebra nas assinaturas de que vivia, e que lhe seriam retiradas pela indignação de muitos subscritores intransigentes.

A cidade do Porto timbrava de essencialmente comercial, sem os actuais laivos de mundanidade que desfiguram apenas algum tanto o primitivo caracter da sua população.

Ora, D. Ana Augusta era filha de negociante e mulher de negociante. A memoria honrada de seu pai impunha-se ao respeito dos colegas e a trágica morte que êle tivera no naufragio do vapor *Porto* inspirava ainda compaixão. Manuel Pinheiro Alves, marido da ré, gozava de bons créditos em suas transacções e calculava-se que possuia algumas dezenas de contos.

Assim, pois, todo o comercio portuense, indignado com o escandalo do adulterio, sentia-se especialmente ferido no seu decôro de classe pela mácula que recaía sobre o nome respeitavel de dois colegas.

Esta consideração de solidariedade profissional pesava muito num dos pratos da balança da sua justiça, ao passo que o outro prato não tinha maior peso que o do conceito desfavoravel que a mesma classe fazia do préstimo social de quem compunha novelas, dramas, folhetins ou

versos, e esta era a unica profissão do réu Camilo Castelo Branco.

Os burguêses da praça do Porto estimavam as suas mulheres legítimas, arreavam-nas de custosas sedas e veludos quando as acompanhavam á missa, ao Jardim de S. Lázaro, á Foz, alguma vez ao teatro se a peça não ofendia a moral e premiava a virtude.

Poucos de entre êles mantinham amantes; as suas leviandades não iam alem da fugaz conquista de uma criada dos vizinhos ou de uma costureirita do bairro.

E apenas reconheciam como filhos os que as suas consortes, muito vigiadas e defendidas, davam á luz em pleno desempenho de funções conjugais.

O adulterio da mulher constituia, na estatística dos crimes portuenses, uma rara aberração. Por isso era punido com severidade pelos proprios maridos, que, se não encerravam a adultera no Recolhimento do Ferro, lançavam mão de outros castigos, tais como pô-la no ôlho da rua ou em casa dos páis.

Na minha infancia muitas vezes ouvi alusões ao caso da mulher de um negociante da rua das Flores, que tinha atraiçoado o marido. Êle, quando o soube, quis expulsá-la, e éla implorou-lhe com fervorosas lágrimas que a deixasse ficar ao pé dos filhos, ainda que fosse obrigada a servi-los, como simples criada da casa.

O negociante aceitou esta proposta, que lhe pareceu merecida humilhação. Rodaram sobre o delito muitos anos, os filhos foram educados a ouvir dizer que sua mãe falecêra, e ella propria o acreditava porque dentro daquela casa era morta para o amor de todos.

Perdi da memoria o nome dêsse negociante da rua das Flores, mas ainda que me lembrasse não o publicaria.

Numa palavra, os burguêses da praça do Porto eram homens de ferro, juizes inabaláveis, quando sentenciavam o adulterio das suas mulheres ou das mulheres dos outros.

Póde calcular-se, por esta exacta informação, quanto êles se exasperaram vendo *O Nacional* dar guarida a sucessivos escritos de D. Ana Augusta e do seu cúmplice, sôbretudo quando o próprio Camilo trouxe para o jornal, abertamente, uma áspera referência ao crime de adulterio em que era co-réu.

Exumo do *Nacional* de 23 de outubro de 1860 a carta que a formulava cruamente:

Meu presado redactor e amigo:

A suspeita, que me insinuaram, respectivamente ao intento de fazerem perdido o processo da culpa em que fui pronunciado pela Relação, desvaneceu-se.

Tenho prezente uma carta de um cavalheiro amigo do advogado do author. N'esta carta leio as seguintes linhas:

«O advogado assegurou-me que nunca passou pela mente de alguem o desencaminhar o seu processo, e *assegurou-me que da mão d'elle passaria para a do escrivão.*»

Fiquei tranquillo. D'esta vez creio que o dinheiro se não gabará alardeando mais um expediente de corrupção. O *Nacional* deve esta satisfação ao sr. doutor Alexandre da Costa Pinto.

Cadeia da Relação, 20 de outubro de 1860.

Seu dedicado,

Camillo Castello Branco.

O *dinheiro*, isto é, o marido e os que tomavam a peito a sua causa, apavorava Camilo. Mas o *dinheiro* não pretendia subornar, nem alardeava expedientes de corrupção. Manuel Pinheiro Alves era uma excepção entre a sua classe, um fraco por amor: o adulterio de D. Ana Augusta amargurava-o profundamente, desorientava-o, atirava-o errante do Porto para Vigo, de Vigo para Lisboa, como um desgraçado que não está bem em nenhuma terra. Quis poupar sua mulher a maior castigo que o da reclusão num convento. Não o conseguiu. Os amigos de Pinheiro Alves, toda a classe comercial, a corrente da opinião pública forçaram-no a ir para os tribunais. Mas, na petição de querela, o seu próprio advogado faz sentir quanto a ré era estimada, amada pelo marido, que sempre a tratou *com o maior disvello, decencia e até*

abundancia; — ela mesma falou — nos seus «*dias opulentos*».[1]

Pinheiro Alves concentrou-se na amargura tácita dos que sucumbem amando. Tentou esforços de resignação, que não conseguiu. E á hora da morte, quase já na presença de Deus, é que a sua alma se patenteia numa sincera explosão de amor e odio...

Vê-lo-emos.

Camilo sabia não poder contar com a opinião pública.

Enganava-se porém quanto á corrupção do ouro empregada por Manuel Pinheiro Alves. Numa carta íntima, em 14 de setembro de 1860, dizia ao dr. Rodrigo Beça: «Isto está feio. O auctor é inexoravel, e a opinião publica está com elle.» Noutra carta ao mesmo Beça, datada já da cadeia, em 29 de outubro, comunicava-lhe: «A imprensa não diz nada, porque está acorrentada... Alguma coisa tem dito o *Nacional;* — protestos vãos.»[2]

Contudo, perante a hostilidade da opinião pública, hostilidade permanente e clara, Camilo parecia querer ás vezes provocá-la perigosamente, quando conquistava contra éla alguma vantagem.

---

[1] Na Dedicatoria da *Luz coada por ferros*.

[2] No livro *Penafiel* (1896) por Coriolano de Freitas Beça.

Em 24 de abril de 1861 uma portaria do ministerio da justiça permitiu ao preso que saisse a dar passeios higienicos por motivo do seu mau estado de saude.

A opinião pública escandalizou-se com esta concessão, e Camilo nem por isso se tornou menos imprudente.

Num daquêles passeios, segundo testemunho fidedigno,[1] desceu a rua de Santo Antonio, atravessou a Praça Nova, os logares mais concorridos do Porto, com um par de botinas de mulher, penduradas na mão, botinas que se destinavam a D. Ana Augusta.

O julgamento de Camilo e da sua cumplice realizou-se nos dias 15 e 16 de outubro de 1861. O juri absolveu, por maioria, os réus.

A opinião pública horrorizou-se com este desfecho imprevisto. E o dinheiro de Pinheiro Alves não foi ludibriado, porque não tentou corromper ninguem.

Os burguêses do Porto ter-se-iam indignado menos se compreendessem uma coisa muito simples e muito verdadeira: que a maior expiação de Camilo e D. Ana Augusta ia começar agora, depois da sentença absolutoria.

---

[1] Informação de Antonio de Azevedo Castelo Branco, artigo de Alberto Teles, revista literaria do *Seculo*, 31 de Agosto de 1903.

Manuel Pinheiro Alves, cada vez mais desalentado e triste, conhecendo que a morte se aproximava e desejando-a, fez testamento no Porto em 2 de setembro de 1862. Não ha aí nenhuma referencia ás suas infelicidades conjugais, qualquer palavra que signifique perdão ou rancor. Mas ressalta uma nota psicológica muito para salientar: é um traço espiritual de saudosa ligação á familia de Ana Plácido — pequenos legados de amizade aos irmãos dela.

No verão de 1863, Pinheiro Alves, não tendo coragem para reentrar na sua casa solitária de S. Miguel de Seide, nem pisar o torrão natal[1] cujas árvores viram decorrer alguns dos seus dias felizes, procurou, contudo, aproximar-se dêsse querido rincão minhôto, que tantas e tão dolorosas recordações lhe sugeria.

Hospedou-se, em Vila Nova de Famalicão, no *Hotel Vilanovense*, que ainda hoje conserva o mesmo título, e que era então conhecido vulgarmente por *Hospedaria da Eugenia*.

A vizinhança de Seide foi-lhe maior tormento que lenitivo.

Pinheiro Alves piorou, e quis confessar-se, porque tinha a revelar uma verdade terrivel,

---

[1] Rectifico uma informação por mim dada nos *Amores de Camillo*. Pinheiro Alves nasceu naquela mesma freguesia de S. Miguel de Seide. Era filho de Antonio Pinheiro Alves e Ana Maria Machado.

que até aí havia trazido amordaçada no coração.

Tendo mandado chamar o páraco da vila, declarou-lhe que não perdoava á mulher que o traíu e que só com esta clausula poderia confessar-se. [1]

Contrapôs o páraco razões de piedade cristã, incentivos evangélicos á clemência e ao perdão. Pinheiro Alves reagiu, e o sacerdote, insistindo em que, feita uma tal declaração prévia, não lhe era permitido confessá-lo, porque o não podia absolver, retirou-se.

Talvez saísse tristemente surprêso dêste incidente, como outro não conheceria ainda na sua vida eclesiástica, mas compreendendo-o, certamente, num homem que não queria, por escrupulo religioso, faltar á verdade quando já moribundo, á terrivel verdade de que o seu odio era igual ao seu amor.

Os tribunais podem absolver os delitos passionais, que o mesmo é perdoá-los. Mas o amor tem seu código e seus processos de vingança. *L'amour a donc son code à lui, sa vengeance à lui*, disse Balzac.

Pinheiro Alves confessou-se sem ser confessado. Foi o estalar violento da ultima fibra do

---

[1] Comunicação fidedigna, que recebi de um respeitável cavalheiro de Vila Nova de Famalicão, o sr. senador Sousa Fernandes.

coração longamente percutido por sucessivos e crudelissimos golpes.

Depois expirou. Era o dia 15 de julho de 1863.

Os vivos raras vezes são vingados. Mas os mortos raras vezes deixam de o ser.

Havemos de ouvir a este respeito o proprio testemunho de uma pessoa insuspeita: D. Ana Augusta Plácido nas suas revelações autobiográficas.

Balzac — nunca será de mais citar este padre-mestre em assuntos de psicologia conjugal — enunciou, entre outras, uma grande verdade: «*Jamais un mari ne sera si bien vengé que par l'amant de sa femme.*»

Eu acrescentarei, com perdão de Balzac: — e por ela mesma.

Estas memorias o demonstrarão evidentemente.

D. Ana Augusta, quando os desenganos lhe dilaceraram o coração, mostrou que sabia sofrer com a mesma coragem com que soubera amar.

Ela não era a mulher incuravelmente romantica, de que tantos exemplares abundam em quase todas as novelas do seu tempo... e do nosso.

Tambem não era a mulher masculinizada pelo talento literário como George Sand ou, ainda como George Sand, frágilmente acessível ao contacto dos homens.

Ana Augusta foi na escultura do seu busto e na têmpera do seu espírito — a mulher forte. Tão forte como bela e inteligente.

Da autora de *Lélia* apenas teve um defeito: o vício de fumar.

Camilo falou por mais de uma vez da raça turdetana das mulheres sanguíneas das nossas províncias do norte: mulheres córadas, sadías, com bons cabelos, bons dentes e boas carnes. Quando o dizia, Camilo copiava Ana Plácido.

Retrato de Camilo, cópia da fotografia existente no álbum que pertenceu a D. Ana Amalia Moreira de Sá (Vizela).

Desde a infancia esta malfadada senhora quis possuir uma educação literária, que em geral era defesa ás meninas portuenses daquela época.

Na mocidade, Ana Plácido escrevia correntemente a língua portuguêsa, conhecia bem o francês, compunha versos e lia poetas, a ocultas, muito em segredo.

O burguês do Porto aborrecia os poetas mais que todos os outros «depenados», porque os tinha na conta de visionários incapazes de uma iniciação útil na vida prática.

— A gente não se governa com cantigas.

Tal era o implacável pregão de guerra buzinado pelos burguêses portuenses contra os poetas.

Contudo florescia no Porto um Parnaso regional, em cujas liras predominava a amargura duma vida contrariada e sem esperança.

Esses pobres poetas cantavam suas máguas — Soares de Passos foi o corifeu incontestável — como as aves encarceradas na gaiola ou como o trovador Macias na torre de Argonilha.

Ora se o burguês portuense aborrecia os poetas, detestava, por maioria de razão, as poetisas, por supôr que eram mulheres incompatíveis com tudo o que de portas a dentro constituía a felicidade doméstica.

Do fundo de seus férreos cubículos os poetas enclausurados desabafavam gemendo, e algumas damas ousavam ir levar-lhes, por intermédio de periódicos e álbuns, palavras de confôrto e correspondência.

Êsses periódicos eram, além de outros, a *Lyra da mocidade*, a *Miscellanea poetica*, o *Bardo*, a *Grinalda*, títulos que cheiravam ainda ao rosmaninho pastoril da Arcadia.

Folheando, por exemplo, a *Miscellanea poe-*

tica, eu encontro dôze nomes femininos, que eram em geral de fidalgas da província: apenas três ou quatro designavam damas portuenses.

Póde calcular-se a contrariedade que experimentaria Ana Plácido por não poder acompanhar em público o côro das musas felizes; por ter de asfixiar dentro duma gavêta recôndita os seus cantares não menos espontâneos que os de Dona Engracia Julia, de Braga, ou de Dona Sofia P. G. [1]

Mas a atmosfera comercial em que respirava não lhe permitia êsse desafôgo: daqui a revolta perigosa do espírito e do coração comprimidos.

Poderão objectar-me que a mulher do negociante Manuel de Clamouse Brown escrevia e publicava. Mas este negociante era estrangeiro e opulento; como tal reconheciam-lhe garantias especiais. Contudo, sua esposa, D. Maria Felicidade do Couto Brown, não ousou, a princípio, arcar de rosto descoberto com os preconceitos portuenses: adoptou o pseudónimo *Soror Dolores* e distribuiu, como brinde, só a pessoas muito íntimas, os versos que tinha composto.

A musica era considerada prenda honesta e por isso consentida ás senhoras.

Ana Plácido, como dezenas de suas patrícias, cantava e tocava piano.

---

[1] Colaboradoras da *Miscellanea Poetica*.

As óperas vindas de Itália, e depois de terem passado em Lisboa pelo teatro de S. Carlos, vulgarizavam-se dentro de poucos anos nos serões musicais do Porto.

A *Vestale* de Mercadante, cantada pela primeira vez em Itália no ano de 1841 e em Lisboa no ano seguinte, podia ainda dizer-se uma «novidade» do repertório italiano quando em 1849 duas filhas do dr. Outeiro cantavam a primor um dos trechos mais perfeitos do 1.º acto, o duêto *Di conforto un raggio* entre a vestal Emilia e a sua confidente Giuria.

Foi depois de ter estado na rua, por uma fria noite de janeiro, a ouvir este duêto, que o infeliz poeta Jorge Artur, contrariado nos seus amores com uma daquelas duas senhoras, D. Maria Augusta, foi despenhar-se da antiga ponte pensil no rio Douro.

Desde então muitas meninas portuenses ficaram ambicionando um poeta que lhes fizesse honra pelo casamento ou... pelo suicidio.

A existência da Sociedade Filarmónica Portuense tinha contribuído para educar nas classes superiores o gôsto pela música, geralmente espontâneo nas províncias do norte em qualquer camada social.

Havia famílias onde todas as meninas da casa, ás vezes um rosal de irmãs, aprendiam canto e piano. O visconde da Trindade tinha três filhas, das quais ainda hoje vivem duas.

Visitando D. Pedro V o palácio daquele titular, antigo palácio da família Balsemão, foi recebido ao som do hino rial executado simultaneamente em três grandes *Érards* pelas interessantes filhas do visconde. A mais velha, D. Josefina Henriqueta de Sousa Basto (actualmente baronesa de Valado), compôs e publicou um hino que, em honra do mesmo rei, foi cantado pelas alunas do liceu da Trindade.

Na vida em comum com o grande Camilo a vocação literária de Ana Plácido entrou num período de liberdade e de aperfeiçoamento.

É certo que, a partir dessa época, D. Ana aprendeu de Camilo grande cópia de vocabulário culto, adquiriu um certo pendôr imitativo da sua linguagem, do seu estilo e até o hábito da sua convivência com os nossos clássicos. Mas não se diga que deveu a Camilo o gôsto de lêr e de saber. Já o possuia antes. Nem se diga tambem que nos seus escritos Ana Plácido tivera por colaborador Camilo. Redondamente falso. Colaboração não houve nunca; sugestão, sim, especialmente nos primeiros anos decorridos depois de 1860. Assim, além da influência que em D. Ana Plácido exerceu o vocabulário e a estilação de Camilo, ela colheu no *Amor de Perdição*[1] e nas *Memorias do Carcere*[2] o tí-

[1] Nota á pág. 159 (1.ª edição) dêste célebre romance.
[2] Nota á pág. 144, 2.º vol., 1.ª edição, 1862.

tulo definitivo do seu primeiro livro — *Luz coada por ferros*, como tambem num dos romancesinhos do mesmo seu livro (onde reuniu todos os escritos antes publicados na *Revista Contemporanea*, *Nacional*, *Atheneo* e *Futuro*) reproduziu o título *Martyrios obscuros*, igualmente encontrado nas *Memorias do carcere.* [1] E ambos, ela e Camilo, chegam a repetir algum episódio que observaram na cadeia, como por exemplo aquele em que figuram uma prêsa e a irmã. [2] Mas D. Ana Plácido descreve-o rapidamente com a ternura e a ironia de mulher; Camilo faz dêle um romance de sete páginas com toda a sua impressionável arte de contar. Cito este episódio, porque na maneira de o recordarem está a justa, a grande distância literária que D. Ana Plácido e Camilo conservaram sempre entre si e que os caracteriza diferenciando-os como escritores.

Foi em 1863, um ano depois da 1.ª edição das *Memorias do carcere*, que saiu a lume em Lisboa o livro de D. Ana Augusta Plácido, editado por Antonio Maria Pereira.

1863... Não posso escrever esta data sem estremecer de saudade e... horror. Em feve-

---

[1] Pág. 102, 2.º vol., 1.ª edição.

[2] *Memorias do carcere*, pág. 41, 1.ª edição; *Luz coada por ferros*, pág. 75, 1.ª edição.

D. Ana Augusta Plácido, em 1863

reiro dêsse ano fundi eu em público o primeiro élo de uma algêma de ferro, que durante muitos

anos me trouxe acorrentado á galé das letras. Quero dizer que publiquei então, no Porto, um jornalsinho — chamava-se *Tentativas litterarias* — de que felizmente não possuo exemplar nenhum.

A edição esgotou-se completamente entre os seus cincoenta assinantes, que depois a endossaram ás mercearias, provavelmente completando um quilo de papel com outras quaisquer estreias de vários autores tambem imberbes.

Tive por sócio nessa emprêsa jornalística o sr. general... perdão! um rapaz, meu primo, que depois virou sensatamente de bordo, o que eu não fiz, e isto explica a razão por que não sou hoje general como êle é.

Não lhe declino o nome para o não associar tremendamente á minha responsabilidade nas *Tentativas litterarias*.

Dos assinantes uns eram velhos amigos das nossas familias, outros eram nossos condiscípulos. Estes procederam ajuizadamente: nenhum dêles pagou. Não tenho conhecimento de calote mais justificado.

As *Tentativas* viveram aos trambolhões desde fevereiro a junho de 1863.

Mas o pior é que eu já tive saudades délas e que por sua causa passei amargurado uma clara manhã de inverno, no Porto, em 1908.

Andava passeando ao sol no Jardim de S. Lazaro — porque estava ali perto num *hotel* —

quando de repente me assaltou a ideia de ir folhear na Biblioteca Publica as *Tentativas litterarias*, que representavam para mim quase meio século de distancia.

Hesitei. O ar era sereno e sêco. Os canteiros das camélias estavam florídos, os das violetas perfumados. O sino do Recolhimento das Orfãs havia acabado de repicar o meio dia. As *midinettes* atravessavam o Jardim chalrando em caminho do seu jantar. Eu sentia-me bem ali, onde tantas veses passeára descuidosamente na infancia e na mocidade.

Defendi-me, quanto pude, da tentação das *Tentativas*. Mas a saudade domina os velhos; cedi.

Ao atravessar o claustro da Biblioteca, onde uma pálida tristeza monástica parece escorrer da arcaria e alastrar no chão, eu, passando por entre venerandos fragmentos de edificios derruídos, que constituem um núcleo de museu arqueológico, senti-me constrangido e tímido.

Estive para retroceder; mas tive vergonha de mim proprio. Subi, entrei na sala de leitura. E pedi, afectando indiferença, o periódico *Tentativas litterarias*, publicado em 1863.

Trouxeram-mo em pouco tempo. Os meus olhos pregaram-se saudosamente nessas fôlhas de papel impresso, que eram as primeiras da minha vida literária. Revi todo o meu passado

longinquo, e quase tive vontade de chorar. Depois... ri comigo mesmo.

Tomei nota désta frase do *Proémio* (que pompa de linguagem: proémio!):

> Eis aqui o primeiro ramalhete de flores colhido no jardim da litteratura!

Que imodestia e que ingenuidade! Aqui é que não bastará talvez um só ponto de admiração, sinal ortográfico de que faço hoje raro uso, porque já de pouco ou nada me admiro.

Flores... as pobres *Tentativas!* Jardim... a literatura! Chavascal aspérrimo é que ela é. Ah! mirabolante *proémio!*

Depois, eu proprio fiquei admirado, surpreendido ao verificar que o protagonista de um romancinho meu, *Duas victimas do amor!* (que tragédia!) se chamava mitológicamente... Ícaro de Menezes! Oh céus! donde me teria caído este Ícaro, e quanto fogo de imaginação não seria preciso para lhe derreter as asas!

Um dia, em 1872 — moravam Camilo e D. Ana Plácido na rua do Bomjardim n.º 860[1] — jantei em sua casa: estavam á mesa os dois, José

---

[1] Descrevi no livro *Entre o caffé e o cognac*, em 1873, o gabinete de Camilo neste prédio, que D. Ana Plácido herdára por morte de Pinheiro Alves.

Gomes Monteiro, a viuva de Sousa Bandeira, [1] e eu.

Monteiro não pôde recordar ao certo uma data, que se ligava a qualquer narrativa, e disse voltando-se para D. Ana Plácido:

— Foi no ano em que V. Ex.ª publicou a *Luz coada por ferros*.

— 1863, acudi eu de pronto.

D. Ana preguntou-me:

— Por que fixou essa data?

— Porque nesse mesmo ano — respondi eu — perpetrei um jornalsinho com o título de *Tentativas litterarias*.

Dalí a pouco, José Gomes Monteiro acabou a sua historia, e tornou-se a falar nas *Tentativas litterarias*.

Camilo confessou não se lembrar de as ter visto.

— Felizmente, repliquei eu.

— Quantos anos tinha então? inquiriu D. Ana Plácido.

— Quatorze. Esta idade deve desculpar todas as tolices.

— As piores, observou Camilo irónicamente, são as que nós todos, eu especialmente, fizemos depois.

Houve um momento de silencio glacial.

---

[1] O famoso *Braz Tizana*.

Se me tivesse lembrado então de que o protagonista do meu romance se chamava Ícaro de Menezes, poderia quebrar, com o possivel bom humor, esse momento de silencio inoportuno.

Mas, que diabo! quero reabilitar-me perante a posteridade. ¿Não ha por aí alguns homens com nomes pagãos: Hércules, Ulísses, Aquíles? ¿Não ha, no sexo feminino, Dianas e Floras?

Salve-se em boa companhia o meu Ícaro, e reatêmos a narrativa sem maior demora.

Em 1908, na Biblioteca Pública do Porto, lembrei-me do jantar de 1872 em casa de Camilo.

Por uma saudosa associação de ideias, pedi o *Nacional* de 1860. Pús-me a lê-lo e a tirar apontamentos. No dia seguinte, aturdido por um brando marulho de saudade — como quem, desembarcando de uma longa viagem, cuida sentir ainda o balanço do navio — fui á Cadeia da Relação e pedi licença para vêr os quartos onde tinham estado presos Camilo e D. Ana Plácido.

O director, sr. José de Sousa Rangel, amavelmente me atendeu, dizendo que já não existia o quarto da *malta nova*,[1] com frente para a Cordoaria e contíguo á enfermaria das mulheres, no 2.º andar, onde D. Ana Plácido estivera. Mas guiou-me ao quarto de Camilo, no mesmo

---

[1] Actualmente, oficinas dos presos.

pavimento, quarto n.º 8, que dá sobre a rua de S. Bento e de cuja janela se abranje o encantador panorama da cidade baixa e de Vila Nova de Gáia, principalmente.

Preguntei então ao sr. Rangel, citando-lhe um artigo que eu havia lido alguns anos antes, se era possivel que o romancista e D. Ana Plácido se avistassem de longe no interior da Cadeia.

—Só poderiam avistar-se, salvo concessão do director, quando Camilo, na passagem para a secretaría, descesse as escadas do 2.º andar e D. Ana Plácido o esperasse através do gradão que dava ingresso para a *malta-nova*. A scena a que V. se refere devia ter-se dado nestas circunstancias. E assim fica certo.

Ao despedir-me do sr. Rangel, eu trazia o projecto deliberado de escrever este esboço literário da protagonista de um drama passional que desde algumas horas o meu espírito evocava insistentemente.

---

*

III

Destinos trágicos

O registo da Cadeia da Relação do Porto relativo á entrada de D. Ana Plácido, no dia 6 de junho de 1860, diz, textualmente copiado:

«D. Anna Augusta Placido, casada com Manoel Pinheiro Alves, de 28 annos d'edade, filha de Antonio José Placido Braga e de D. Anna Augusta Vieira, fallecidos, natural da freguezia de Santo Ildefonso, d'esta cidade, de estatura regular, rosto redondo, cabellos pretos, olhos castanhos, vestida com vestido de seda preta e mantilete do mesmo. Declarou que nunca aqui estivera presa e agora vem arguida de adulterio. Mandei fazer estes assentos que assigno, etc.»

Á margem tem a nota de que foi sôlta, por alvará do juiz do 1.º districto criminal, em 17 de outubro de 1861.

Este documento sugére-nos alguns comentários.

Ana Plácido ia completar 29 anos em 27 de setembro, porque tinha nascido em 1831, no

Porto, e não em 1833, como diz o *Diccionario bibliographico*,[1] de Inocencio. Foi batisada na paroquial de Santo Ildefonso, a 8 de outubro daquele ano de 1831. Seus pais residiam então na Praça Nova.

E' digna de menção a coincidencia de alguns pormenores na biografía de Ana Plácido e do poeta Soares de Passos.

Ambos nasceram na Praça Nova, êle a 27 de novembro de 1826. Ambos foram batisados na igreja de Santo Ildefonso. O sobrenome era comum: Ana Augusta, Antonio Augusto. O avô paterno déla e o dêle nasceram na freguesia de S. Vítor da cidade de Braga. A avó paterna de Ana Plácido era natural da mesma freguesia de S. Vítor; e a de Soares de Passos nascêra tambem no arcebispado de Braga. Os avós maternos de Ana Plácido como os de Soares de Passos eram oriundos do distrito do Porto.

A família de Ana Plácido, quando ela casou com Manuel Pinheiro Alves, tinha-se mudado da Praça Nova para a rua do Almada, onde foi habitar o prédio a que correspondia nesse tempo o n.º 28. Em geral, os portuenses, apégam-se a um bairro, a uma rua ou a uma casa, e custa-lhes a mudar para longe; não são tão fáceis

---

[1] Tomo oitavo, pag. 67.

como os lisboêtas em dar grandes saltos de bairro para bairro, do ocidental para o oriental ou vice-versa.

Portanto a família de Antonio José Plácido Brága afirmou o seu caracter portuense mudando para a rua do Almada, próxima vizinha da Praça Nova.

E desde que assim aconteceu, a rua do Almada ganhou ainda maior direito á gloriosa alcunha de «rua das meninas bonitas,» como certo patrício meu, hoje octogenário, me referiu chamando aos olhos fatigados um relámpago de gulosa saudade ao recordar as belezas femininas dessa época.

As filhas de Plácido Braga eram mais do que interessantes — eram lindas. Duas conheci eu depois: Ana Plácido e a sr.ª D. Antonia Ferreira, esposa do *Ferreirinha:* posso, portanto, testemunhar que bem mereciam ser incluidas no olimpo das beldades portuenses, cuja principal séde era então a rua do Almada.

O Porto conservou sempre alguns ingénuos costumes provincianos, e Deus queira que nunca os pérca para não destingir o pinturesco da tradição. Ora um dos seus mais galantes costumes é o de aparecerem á janela as meninas solteiras ao fim da tarde, quando interrompem os lavores por ir faltando a luz do dia.

Hoje, as senhoras do Porto já teem menos relutancia em saír á rua do que outrora; mas

ainda assim subsiste aquêle gracioso costume antigo.

Manuel Pinheiro Alves, negociante abastado e celibatário, tambem morava na rua do Almada, n.º 378.

Começaria por fazer reparo na viçosa floração carnal da Aninhas Plácido — como a designavam os vizinhos — quando êle passava ao entardecer e a via com as irmãs á janela.

A sensualidade dos velhos electriza-se na contemplação da plástica intacta da donzela mais do que na harmonia das suas feições e na côr dos seus olhos ou dos seus cabêlos.

E' possivel que D. Ana Plácido risse a princípio dos olhares gelatinosos do velho negociante.

Eu conheci, no Campo de Santo Ovídio, uma endiabrada menina do meu tempo, que troçava implacavelmente um gêbo ricaço. Passados alguns mêses anunciou-se o casamento dessa menina com o supracitado gêbo, em quem os pais déla viram, com alegria, um excelente genro.

O casamento de Ana Plácido com o seu vizinho Pinheiro Alves explica-se pela mesma razão, se ha razão para sacrificar uma rapariga a um velho. Os francêses dizem que sim: até possuem a frase — *mariage de raison*.

E o testemunho de Ana Plácido está escrito por ela: foi um sacrifício imposto pela vontade paterna, no melhor mas tambem mais cego intuito de felicidade pela abastança.

Não culpemos individualmente Plácido Braga: êle seguia o critério da sua classe e não sei se diga até — de todo o Porto, onde o dinheiro foi sempre um Moloch terrivel.

Casar bem as filhas dentro da mesma classe era o ideal dos pais. Parecia-lhes mais seguro do que aventurá-las a casarem numa classe superior. Nisto é que êles tinham inteira razão.

Pinheiro Alves podia, graças aos seus haveres, garantir á esposa maiores regalos e conforto que os da casa paterna, onde, aliás, o bem-estar era já pautado pela consideração pública de que gosava Plácido Braga no comercio e na sociedade portuense.

Talvez ria o leitor se eu abonar esta asserção com o facto de êle, Plácido Braga, ter sido chamado para o definitório da ordem terceira do Carmo; não deve rir-se, porque os burguêses do Porto naquêle tempo começavam a fazer figura como definidores ou mesarios das ordens terceiras.

Isso já fica muito longe, é o que é...

O casamento realizou-se em Campanhã, na capela da quinta de Vilar Álen, [1] com a devida

---

[1] Esta quinta fica no extremo oriental da freguesia de Campanhã, ao principio da calçada que vai para Valbom. Em 1850 pertencia a D. Maria José Valente Álen e actualmente (1913) é residencia do sr. Alberto Rebelo Valente Álen, filho do falecido visconde de Vilar Álen.

licença do prelado portuense, que tambem autorizou a dispensa de proclamas.

A noiva não quis casar na sua freguesia ou em qualquer outra que no interior da cidade pudesse chamar a atenção pública para esse desigual casamento de uma rapariga com um velho.

E como esta exigência da noiva fosse irredutível, a família Plácido Braga teve que retirar-se, desde alguns dias antes, misteriosamente, para aquela quinta, posta á sua disposição por favor especial.

No dia 27 de setembro de 1850, dia em que a formosa Ana Augusta completava 19 anos, o tabelião João de Almeida Pinto e Silva lavrou a escritura[1] em que Plácido Braga e a mulher dotavam aquela sua filha com 3:200$000 reis e em que Manuel Pinheiro Alves, o noivo, por sua vez a dotava com 8:000$000 reis... modestíssimo *pretium virginitatis*, que não correspondia nem á beleza da noiva, nem ao entusiasmo do outorgante, mas representava o instinto comercial do Porto, superior, entre burguêses ri-

---

[1] O cartório do antigo tabelião Almeida Pinto está hoje integrado no do notário Maia Mendes, na rua do Almada. Uma pública-forma desta escritura dotal encontra-se a fol. 27 e seguintes dos autos de inventário, por morte de Pinheiro Alves, no cartório do actual escrivão Alípio Guimarães, em Vila Nova de Famalicão.

cos, a todos os impulsos afectivos ou voluptuários.

Comprar um corpo de mulher perfeita — *por*

Retrato de M. Pinheiro Alves,
1.° marido de D. Ana Augusta Plácido

compra de vosso corpo se dizia em equivalentes escrituras mediévais — ao preço de oito contos de reis, era, manifestamente, fazer um bom negocio.

Pinheiro Alves, posto que fosse rico, não era milionário, e, contudo, alguns milionários seus contemporâneos compráram as formosas esposas sem maior dispendio.

No dia 28, um sábado, ás cinco horas e meia da tarde, foi que se efectuou a ceremónia religiosa, muito em família, servindo de testemunhas Fortunato Alves de Sousa e Antonio Joaquim Teixeira, ambos residentes no Porto.

A noiva sentia-se constrangida no seu vestido brancô, opressa sob o duro peso do véu diáfano e da leve grinalda de laranjeira, mas era essa uma imprescritível formalidade, como o sambenito nos antigos autos-de-fé ou a alva nos condenados á forca.

Maior aparato nupcial não o houve ali.

Prossigamos no comentário ao registo oficial da prisão de D. Ana Plácido — assim como fôr lembrando.

O traje com que éla entrou na Cadeia não era garrído nem petulante, mas, correctamente, o mais próprio naquele lance.

Ana Plácido, enquanto casada com Pinheiro Alves, usava, a instancias deste, ricos vestidos que recebia dos primeiros *ateliers* do Porto. Mas, posteriormente ao adulterio, não tornou a usá-los, creio eu, depois que se fotografou com a sua ultima *toilette* de baile no retrato que a *Luz coada por ferros* vulgarizára.

O penteado era, por igual, despretencioso. Os

dois aneis de cabelo, que esse retrato acusa enrolados á altura das orelhas, tiveram grande voga e tinham o nome de *belezas*. D. Ana Plácido suprimiu-os sem imposição da moda.

Tornou-se descuidosa de arrebiques no vestido e no penteado, sendo a chita vulgar o tecido modesto dos seus roupões caseiros. Á rua pouco saía, e só o fazia constrangida, sempre tão alheia ao último figurino quanto possa imaginar-se. Na longa expiação do adulterio Ana Plácido não quis nunca mascarar-se de mulher feliz.

Ao contrário, Camilo conservou a exteriorização *surannée* de janota romantico até que a cegueira o insulou do mundo. A antiga caricatura desenhada por Bordalo Pinheiro no *Álbum das glorias*[1] era incisiva de flagrante verdade.

Aos olhos da crítica ressaltam na *Luz coada por ferros* dois elementos distintos — a introversão subjectiva e a trama novelêsca: as *Meditações*, que são as melhores páginas do livro; e os romances ou contos, estudos incompletos e imperfeitos, hesitantes na observação e na factura.

Nas *Meditações*, Ana Plácido escrevia de si mesma, copiava-se biográficamente, retratava todo o doloroso individualismo da sua catástrofe. Nos romances ou nos contos, esboçava mulheres tambem infelizes, mas então com evidente es-

---

[1] Reproduzida nos *Amores de Camillo* em 1899.

força queria medir as profundezas da psicologia do sofrimento, variavel de pessoa a pessoa.

Com razão disse um dia Béranger á condessa d'Agoult (*Daniel Stern*) que as mulheres não inventam romances, reproduzem apenas a sua história.

Quando as mulheres teem tido muitos amantes, e são escritôras, podem escrever tantos romances como George Sand, porque personalizam em cada romance um amante... ás vezes dois.

Mas a mulher que como Ana Plácido amarra toda a sua alma a um amante vitalicio, de quem colheu a flôr alucinante da embriaguez amorosa e pouco depois o fruto amargo da desilusão, apenas conhece psicológicamente um único homem, o *seu* amante, que generaliza como caracter masculino, e apenas conhece com segurança uma única mulher que constantemente vê espelhar-se na memoria — éla mesma.

Daqui resultou que na obra literária de Ana Plácido a sua galería de personagens é estreita, o campo de observação pouco firme, a análise rápida e sempre mais ou menos eivada de vagas recordações de um insistente personalismo.

Na vida de D. Ana Plácido o drama de amor foi um só, um único — foi Camilo.

E é esse mesmo drama de amor que éla parece distribuir por todas as outras mulheres que a sua imaginação criou.

Um companheiro de infancia, morto prema-

turamente, deixara-lhe no coração o que a saudade póde ter de mais santo e mais doce.[1]

Na primeira mocidade constrangeu-se a aceitar o marido que lhe fôra imposto, a fazer um casamento de conveniencia, que lhe repugnava como a servidão repugna ao escravo.

Havia na alma de Ana Plácido um profundo vácuo de sentimento, no seu espírito uma abrasadora sêde de ideal, que um homem vulgar não lograria preencher de sonho e de encanto.

Por isso a primeira tentativa de libertação passou rapidamente sem atingir a loucura e a catástrofe.[2]

Camilo, sim, era o homem predestinado pelo prestígio do talento, pela celebridade ruidosa, para arrastá-la ao abismo, á perdição.

Camilo apareceu e triunfou.

A queda de Ana Plácido não foi o trivial desastre que o sentimentalismo histérico possa explicar, como em tantas outras mulheres. Foi o baque produzido pelo tufão, o despenho de uma torrente impetuosa; melhor talvez, foi a procéla tremenda, que ou purifica a existencia ou a envenéna para todo o sempre.

Tudo parece depender de que seja boa ou má

---

[1] *Luz coada por ferros : A's portas da eternidade.*

[2] *Correspondencia epistolar entre José Cardoso Vieira de Castro e Camillo Castello Branco*, 1.º tomo, pág. 28; *Os amores de Camillo*, pág. 256-257.

a estrêla das raras mulheres para quem o amor não é apenas uma *badinage* efémera e caprichosa.

A estrêla fatal de Ana Plácido perdeu-a irremediavelmente.

Numa carta, que veio a lume, escrita na cadeia do Porto em agosto de 1861, já a infeliz senhora falava das suas «lamentadas illusões,» que nem sequer fugazmente a visitavam, dizia éla, carpindo-se sem fraqueza.

Na consagração da *Luz coada por ferros* á memoria de sua irmã Maria José, página datada de outubro de 1862, Ana Plácido é já uma desiludida: «Foste a minha unica amiga n'este mundo: *não conheci affeição mais verdadeira*». Um ano depois da absolvição no tribunal, sentia-se *só*. «Hoje que me acho só...» O seu coração confessava-se «crucificado pela dôr e pela crueza d'um mau destino».

No romancesinho *Adelina*,[1] com que o livro abre, a protagonista sofre como a autora: «Nada me resta. Nem familia, nem marido, nem um amigo!... É de justiça. Jesus encontrou um só Cyreneu, e era o Justo, o Divino, o Rei dos mundos; *eu sou a peccadora, o verme dos vermes*,

---

[1] Começou a ser publicado no *Nacional* de 3 de novembro de 1860 com o titulo irónico *O mundo do doutor Pangloss*.

o átomo de pó que de turbilhão em turbilhão desapparece debaixo dos pés dos felizes».

Henrique, o amante de Adelina, é o unico retrato masculino que Ana Plácido tem diante dos olhos: «não era o que se diz um mau homem: era excentrico, ou por outra: um grande desgraçado. O que hoje lhe dava duas horas de contentamento, aborrecia-lhe amanhã. A mulher que, á primeira vista o tomava pelo anjo annunciado na sua phantasia, tornava-se dentro em pouco uma vulgaridade custosa de suportar. Dos delirios da paixão caía no marasmo do desalento, e na descrença do tedio».

Ana Plácido nunca se excedeu tanto como Camilo na linguagem da desilusão, sem contudo a falsear em publico. Nisso consistiu principalmente o seu heroismo num longo martirio expiatorio. Camilo foi sempre, na palavra ou na pena de Ana Placido, unicamente *um grande desgraçado.*

«Ó Henrique! Henrique! amaldiçoar-te, nunca! Mas, para que mé appareceste? Por que me queixava eu, quando a vida me corria monotona, mas livre das angustias que me assombram a face, e me envelheceram n'um dia?»

Henrique é Camilo; Adelina é Ana Plácido.

Todo o disfarce de nomes e de situações cái nas páginas que veem logo depois do romancesinho *Adelina.*

Nas *Meditações* é Ana Plácido que fala de si mesma, do seu romance efémero e da sua amarga penitência, que tinha de ser muito longa.

Logo na 1.ª Meditação[1] recorda o sacrificio que lhe fôra impôsto, em plena juvenilidade, pela vontade paterna: um casamento de interesse.

«N'essa edade feliz, a primeira das virtudes é a obediencia. Trespassam-te a um homem repulsivo, quando mal conheces a magnitude do sacrificio e o valor da mercancia.

«Quando te é dado comprehender a melancholica existencia, a que te condemna a cubiça previdente d'um pae cuidadoso em demasia no porvir de seus filhos, é já tarde... »

Ainda no meu tempo de rapaz, como, já mais longe, na mocidade de D. Ana Plácido, os comerciantes dinheirosos e solteiros eram, no Porto, o terror dos jóvens namorados que não tinham onde caír mortos.

Conheci muitos conterrâneos meus, de ambos os sexos, cujos corações foram dilacerados pe-

---

[1] Primitivamente publicada no *Atheneo* (revista mensal de Coimbra, 1859 a 1860) e transcrita em *O Nacional* de 7 de Dezembro de 1860. Depois encorporada na *Luz coada por ferros*.

las garras argênteas do negociante estabelecido, do capitalista, do brasileiro, do ricaço enfim.

Numerosas noivas iam arrastadas até aos pés do sacerdote que lhes lançava a benção nupcial e sob o farto véu de tule branco furtavam o rosto á curiosidade dos assistentes para que lhes não vissem as lágrimas inuteis.

Os rapazes que elas amavam, e com os quais desejariam poder afrontar a pobreza, eram pelo desespêro transviados a toda a espécie de loucura, á embriaguez, ao suicidio, á crápula, á misantropía, e, os mais intelectuais, ao scepticismo poético em versos candentes contra o milhão, contra as mulheres, contra todo o mundo e até contra Deus nosso senhor, que decerto os não ouvia.

Vi uma etérea rapariga do Porto, tão bela como um lírio branco, impelida por seus proprios pais ao casamento com um homem incapaz de distinguir entre um lírio e uma alcachofa.

Conheci meia duzia de moços portuenses que, vítimas do seu infortunio amoroso, procuraram a morte no arsénico, no revólver, no absinto, no rio Douro ou no paredão das Virtudes.

Conheci uma senhora, obrigada pela familia a desposar um tio brasileiro, e ouvi-a, na véspera do casamento, expedir gritos lancinantes, que faziam detêr na rua — uma das mais solitárias — as raras pessoas que por ali passavam.

*

Naquele tempo, os que julgávamos beber agua da Castália quando bebíamos um cópo de orchata ou de capilé, assoprávamos rajadas de tremenda cólera contra o dinheiro do burguês, que nos levava as raparigas bonitas ajoujadas por uma tréla de libras esterlinas.

Vejam-se os livros românticos desse tempo, verso ou prosa, e lá se poderá verificar a rábida indignação com que o dinheiro era amaldiçoado... nas algibeiras dos outros.

Por isso os rapazes da minha geração, quando encontramos ainda muito viva a memória do mais escandaloso adulterio portuense, considerámo-lo um protesto revolucionário contra a plutocracía matrimonial do burguês.

E, inconscientes dos tormentosos dramas psíquicos que o adulterio prepara, gritavamos «Que soberba desfórra!» quando deveriamos dizer, se os conhecessemos bem, «Que lastimosa desgraça!»

Ana Plácido conta, nessa 1.ª Meditação, como a alucinára a idea da emancipação da sua alma, a visão tentadora da liberdade e do amor, ao cabo de uma grilhêta conjugal de oito anos, «oito seculos de escravidão forçada, acceita, e acatada pelo mundo...»

Sabe que muitas mulheres e alguns homens vociferam insultos sobre o seu nome ou a vexam com um falso sentimento de piedade.

Ela está decidida a sofrer tudo, corajosa, sem

declinar quantas responsabilidades se lhe possam exigir.

«*Paciencia e esperança*» murmuram seus lábios.

Mas já na 2.ª Meditação apenas recebe o apoio forte da *paciência;* a *esperança* desamparou-a.

«Como é funda a dor de vêr cair a unica folha verde da esperança, já reverdecida depois de murcha, e dizer no intimo da consciencia: chegou o inverno; é a ultima!»

Procura á volta de si o exemplo reconfortante de outros desgraçados, e reconhece-se mais paciente na desgraça do que alguns dêles.

Por quê?

É a 3.ª Meditação que responde a esta pregunta: porque a pecadora, no ergástulo, confessa os seus crimes, á semelhança do povo de Israel pela voz de David, e invoca a misericordia do Senhor: *De profundis clamavi ad te Domine.*

Todo o seu pensamento cabe na linguagem bíblica dum salmo.

Ana Plácido repete-a com os joelhos em terra e os olhos no céu:

Deste abysmo profundo, em que me vejo,
Recorro a vós, Senhor!
Meus gemidos ouvi, prestae ouvidos
Á voz do meu clamor.

Meu Deus! se a nossos crimes attendesses,
Quem é que existiria?
Na vossa compaixão, e lei da graça
É que o homem confia.

O povo israelita em Deus espera
Durante a noite e o dia;
A luz da redempção, que em Deus existe,
A todos allumia.

Hoje chora Israel passados erros,
E um dia sorrirá;
Que as nodoas de seus crimes o Altissimo
Um dia lavará. [1]

É ainda a harpa santa que, na 4.ª Meditação, [2] lhe adormece o anseio daquelas tormentosas horas de sua infortunada vida.

Parece-lhe um favor celeste a faculdade de compreender o belo e o sublime, a inspiração dos poetas, a grandeza literária dos escritores geniais.

E, naturalmente, logicamente, explica a sua queda pelo deslumbramento intelectual com que um desses grandes escritores a fascinou durante uma noite de baile.

---

[1] Tradução de Camilo: *Duas epochas na vida*, 1854, pag. 241.

[2] Publicada em *O Nacional*, de 5 e 11 de Outubro de 1860. Depois reproduzida na *Luz coada por ferros*.

Dêle recorda no «silencio das trevas» a melancólica melodia, que lhe dá instantes de suave desafôgo.

São versos de Camilo, [1] versos singelos e íntimos, em que a saudade é já o mais dulcificante sentimento que parece restar do passado, tanto para o autor dos versos como para o coração que os guarda e repete.

A espiritualização pela saudade, pela leitura ou pela visita dalguns homens de letras, que lhe levam ao cárcere a homenagem de uma simpatia espontânea, afervoram em Ana Plácido a paciência, como a religião lhe aviventa a fé.

Desses homens de letras (além dos jornalistas que redigiam *O Nacional)* os mais carinhosos para com os dois encarcerados, ela e Camilo, foram José Cardoso Vieira de Castro e Julio César Machado.

Esta 4.ª Meditação alude a uma visita de Vieira de Castro, por êle proprio miudamente descrita na biografia de Camilo. [2]

O temperamento arrebatado mas generoso do notavel tribuno levou-o a exagêros de frase e hipérboles de sentimento em toda essa narração, como em todo esse livro, que teve as honras dum escândalo em letra redonda.

---

[1] *Ao anoitecer da vida*, pág. 65.

[2] 1.ª edição, Porto, 1861, pág. 94 e seguintes.

Ana Plácido, a dentro da penumbra do cárcere, fez-lhe lembrar «ao fundo da nave d'um templo escuro a antiga e *veneranda imagem d'uma santa...*»

Foi esta liberdade de linguagem, esta e quejandas ousadias de apreciação, que fizeram que Ernesto Biester opusesse reparos á publicação da biografia de Camilo na *Revista contemporanea de Portugal e Brazil*, a cujas páginas se destinava.

Vieira de Castro, num fogoso desabafo estampado em 17 de Julho de 1860 nas colunas do *Nacional*, revelou imprudentemente ao público o que a este respeito se tinha passado no sigilo de uma correspondência amistosa:

«Algumas semanas depois de escripta a biographia do distincto romancista, recebemos nós, elle e eu, uma carta do nosso commum amigo, o sr. Ernesto Biester, pedindo a omissão de algumas paginas em que se fazia frente á miserrima capacidade de uma potencia dinheirosa com timbre de fidalguia espuria n'um dos bêcos da cidade do Porto.»

As páginas que Ernesto Biester desejava expungidas da biografia de Camilo eram, certamente, as que constituem o capitulo VII daquela biografia e uma agressão pessoal a determinado portuense, que tinha, pelo seu casamento, ligações de afinidade com A. A.

A biografia saiu integralmente em volume,

oferecido *á Ill.ma e Ex.ma Snr.a D. Anna Augusta Placido, encarcerada nas cadéas do Porto.*

Numa elucidação final — *Ao publico* — Vieira de Castro reedita, postoque mais atenuada, a história da sensata relutância por parte da *Revista contemporanea.*

E Bíester, quando a biografia apareceu em publico, põe com hombridade os pontos nos ii: nota-lhe uma descabida feição de panfleto.

Dizer-se tempo do *elogio mutuo* aquele em que se falava com esta franqueza!...

Biester tinha razão.

A hora não era própria para retaliações nem agravos. Camilo e Ana Plácido estavam incriminados. Conviria amaciar, por todos os modos, as dificuldades que se antolhavam temerosas no desfecho do processo judicial.

Já sabemos que a dificuldade máxima era a persistente irritabilidade da opinião pública, pois que o marido ultrajado não usou do seu dinheiro para corromper a justiça ou assalariar esbirros e sicários, por mais que o imaginasse Camilo.

O que é certo é que a biografia, dedicada a D. Ana Plácido e escrita com irreflectida independência, não foi útil a ninguem, nem a Camilo, nem á D. Ana, que não ficaram em melhor terreno, nem ao autor, que em 1870 ouviu lançar-lhe em rosto no tribunal da Boa-Hora, como desmoralizador precedente e flagrante con-

tradição entre as suas palavras e actos, o elogio com que havia preconizado os responsáveis num crime de adulterio.

Vendeu-se a 1.ª edição, reimprimiu-se logo, porque o assunto e o desplante da publicação eram sensacionais.

Um dos irmãos de Vieira de Castro explicou em 1871 que esse livro nascêra da «exageração da amizade».[1]

Foi isso, não ha dúvida, mas a amizade, se quer salvar, tem de ser cautelosa como os advogados hábeis.

É rialmente muito para notar-se a triste coincidência de que Vieira de Castro viesse a sossobrar, em plena vida, arrastado á voragem pelas consequências trágicas do adultério de sua mulher; e não é por certo menos notável a coincidência de que tambem Julio César Machado e Camilo, ambos por motivos diferentes, e apenas com o intervalo de cinco mêses, acabassem trágicamente os seus dias.

Quem havia de dizer, em 1861, que aos três escritores e amigos, quando só Camilo parecia ser o único dèsgraçado, estava assinalada no livro dos destinos uma grande catástrofe para cada um dêles? para Vieira de Castro a cadeia

---

[1] *José Cardoso Vieira de Castro antes e depois do seu julgamento por seu irmão Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.*

e o degrêdo; para Camilo e Julio César o suicidio.

Eu sei ao certo a data das minhas breves relações pessoais com Vieira de Castro. Falei-lhe em 15 de Abril de 1869, no Porto. Vou dizer em que circunstâncias nos encontramos numa sala modesta da rua da Torrinha.

Três rapazes portuenses, João Luís de Almeida, José Antonio da Silva Maia e Hugo Eduardo Kopke haviam fundado, com louváveis intuitos, uma sociedade literária sob o título — *Patria e familia.*

Esta sociedade iniciou em 1 de Dezembro de 1868 o seu gabinete de leitura, e um ano depois, a 15 de Abril de 1869, realizou a primeira das suas conferências.

O orador, nessa noite que jámais esquecerei, foi tambem um rapaz nascido no Porto, fremente de entusiasmo juvenil, mas inteiramente desconhecedor da prática e requisitos que a tribuna imperiosamente exige.

O orador... fui eu, e o meu assunto cifrava-se nestas duas singelas palavras — *Das flores* — porque a mocidade de 1869 respirava ainda, a plenos pulmões, as fragrâncias capitosas do vergel romântico.

Entre o auditório, na sua maior parte composto de professores da Academia e do Liceu (eram Rodrigues de Freitas, Delfim Maia, Augusto Luso, Costa e Almeida, Manuel Emilio

Dantas, etc.) estava José Cardoso Vieira de Castro, cuja estrepitosa celebridade, iniciada na vida académica de Coimbra, se dilatára em breves anos desde Portugal ao Brasil.

Podia dizer-se um herói de lenda.

Em 1857 êle obrigára a faculdade de direito a reconsiderar na votação que excluia o candidato Barjona de Freitas. Seguiu-se a este corajoso acto de justiça uma longa e brava luta com a Universidade toda.[1] Em 1864, quando Vieira de Castro já era considerado «o orador da academia», ouvi-o discursar magnificamente no teatro Baquet e na Alameda da Lapa como dirigente dos estudantes que num éxodo de protesto contra a autoridade militar de Coimbra haviam saído para o Porto. Em 1865-1866, Vieira de Castro, eleito deputado ás côrtes, trovejava na tribuna parlamentar discursos notáveis pelas rajadas de eloquência, pelo denôdo no ataque pessoal, pelos coriscos de penetrante ironia e pelo alto diapasão da linguagem.[2] Em 1866 partira para o Brasil levando uma edição de dez mil exemplares das suas orações políticas. Receberam-no com as máximas distinções e honras. A 26 de Janeiro de 1867 discursava no salão

---

[1] *Uma pagina da Universidade*, Porto, 1858. *Carta aos academicos*, folha volante de 1863.

[2] *Discursos parlamentares*, com retrato. Porto, 1866.

do teatro lírico do Rio de Janeiro, colaborando com o brilho da sua palavra numa festa de caridade.[1] Aplaudem-no, estremecem-no, adoram-no. Vieira de Castro, na expansão do seu reconhecimento, distribúi por institutos de beneficência os dez mil exemplares que tinha levado para vender. Casa no Rio com uma menina brasileira, descendente de portuguêses. Julga-se feliz. Viaja a sua lua de mel por algumas cidades do Brasil, em seguida pelos Estados Unidos do Norte, onde colhe uma fascinadora impressão de entusiasmo pelos governos democráticos,[2] e recolhe á Europa por Inglaterra e França em trânsito para o Porto, terra em que nasceu e que prefere para estabelecer domicílio.

Chegado ao Porto, apenas se demora em casa de seu irmão Antonio Manuel, na Ramada Alta,[3] o tempo indispensável para alfaiar elegantemente a residência da Quinta do Mosteiro, em Moreira, propriedade de sua mãe, a dez quilómetros do Porto.

Quando chegou a noite de 15 de Abril de 1869 eu unicamente tinha visto duas vezes a Vieira de Castro, ambas no Porto: em 1863 no teatro

---

[1] *Discurso sobre a caridade,* Rio de Janeiro, 1867.

[2] *A Republica.* Possuo a 3.ª edição aumentada, que é de 1869.

[3] *Suicida,* por Camilo Castelo Branco, Porto, 1880, pág. 25.

Baquet e na Alameda da Lapa; no inverno de 1867 á porta de Luís José d'Oliveira,[1] na rua de Santo Antonio.

Por sinal que desta última vez êle tinha na cabeça um barrête americano, que lhe dava a aparência de qualquer *yankee* em viagem — manifestação exterior do seu fanatismo pelos Estados Unidos do Norte.

A presença do grande orador Vieira de Castro, na sala da *Sociedade Patria e Familia*, lisonjeou a minha vaidade de rapazola, mas fez-me sentir um calafrio de receio e timidez.

Enfim, a hora da conferência soou, e eu fui ocupar o meu posto cumprindo o mesmo dever de honra que obriga o soldado voluntário a entrar em fogo pela primeira vez.

Vieira de Castro apreciou-me com extremo favor, abraçou-me, tratou-me generosamente.

A todos estes factos aludia eu quando escrevi no livro *Nervosos, lymphaticos e sanguineos:* «Conheci Vieira de Castro numa noite de festa.»

Sim, conheci-o então pessoalmente, e nunca mais tornei a falar-lhe ou a vê-lo.

Como recordação dessa noite ainda me lembra o que me disse o professor Dantas depois da conferência:

---

[1] Foi o editor do livro de Camilo, *Cousas leves e pesadas — Bibliotheca do carroção.*

—Quando você investiu com o consorcio das flores na presença de senhoras, eu disse com os meus botões: o rapaz está perdido, e nós com êle. Mas salvou-se discretamente, seu maganão.

E riu a bom rir, como êle ria sempre.

Eu vivia ainda no Porto quando, ao fim da tarde de terça-feira 10 de Maio de 1870, constou ali que Vieira de Castro tinha assassinado sua mulher em Lisboa e se havia entregado á polícia.

Não póde fazer-se idea do assombro que este acontecimento produziu em todas as classes portuenses. Desconheciam-se as causas e pormenores do crime, que só foram divulgados pelos jornais do dia seguinte; mas a simples notícia do facto bastou para têma de comentários, hipóteses, discussões — a poeira tôrva que os grandes dramas humanos, como os temporais ingentes, levantam no ar quando passam sobre nós.

Vieira de Castro tinha admiradores e tinha inimigos, porque era destes homens que não podem moderar as suas paixões na paz ou na guerra.

Ainda em 25 de Julho de 1869 êle havia pronunciado num comício do Porto o violentissimo discurso, que aí corre impresso, a proposito da testamentaría do conde de Ferreira.

Este discurso, último trovão da sua eloquência, conquistára-lhe novos aplausos, mas tambem lhe criára odios.

Dois mêses depois, Vieira de Castro viera domiciliar-se em Lisboa no 2.º andar do prédio n.º 109 da rua das Flores — a casa célebre do crime.

Esteve no Limoeiro ano e meio. Durante o tempo da prisão êle não pôde, como lhe seria talvez conveniente, conseguir de si mesmo um recolhimento e silêncio que impusessem respeito á opinião pública.

Na cadeia escreveu dois opúsculos: *Colonias*, estudo sobre administração ultramarina, e *Consciencia*, [1] pretexto para desagravo das vaias que algumas vozes femininas tinham cuspido contra a porta da sua célula no dia da comunhão aos presos.

Camilo queimára os últimos cartuxos da amizade na defesa de Vieira de Castro. Esta defesa [2] tinha uma nobre origem de gratidão, mas não pôde dominar a atitude hostil dos julgadores oficiosos nem o *veredictum* dos julgadores oficiais.

---

[1] Assinado *Samuel*. Numa das cartas a Camilo (*Corresp. epist.*, 1.º tomo, pag. 264) anuncia-lhe ter escrito este opúsculo.

[2] *O condemnado*, drama, Porto, 1870; *Voltareis, ó Christo?* narrativa, Porto, 1871; o prólogo das *Colonias*, Porto, 1871. Depois da morte de Vieira de Castro ainda Camilo publicou o *Livro de consolação*, 1872 — retardado no prélo e «inspirado sob a tua desgraça», como dissera Camilo a V. de Castro, e em 1874 os dois tomos da *Correspondencia epistolar*, com um largo prefácio e notas.

Na mesma carta, já citada, [1] dizia Vieira de Castro a Camilo: «Á cadea não vem ninguem, eu sou um homem profundamente odiado pelas mulheres, e desprezado pela indifferença dos homens que me humilham mais portanto do que aquellas.»

Os últimos trámites do processo prolongaram-se até 25 de Agosto de 1871. A Relação de Lisboa agravou em 15 anos de degrêdo para Africa a pena de 10 imposta pela sentença da 1.ª instância, e o Supremo Tribunal confirmou o acórdão da Relação.

Vieira de Castro embarca para Loanda em Setembro de 1871 e lá falece ás 9 horas da noite de 5 de Outubro de 1872 vitimado por uma perniciosa fulminante.

Nem durante o degrêdo nem depois do fallecimento deixou de urdir-se em torno deste homem notável a sua lenda de celebridade, que principiára nos tempos de Coimbra. Disse-se que êle ia casar em Africa com uma viuva opulenta; depois que planeava desmembrar Loanda da metrópole; por último, que tinha sido dado por morto, mas que lográra evadir-se para os Estados Unidos do Norte.

Eram boatos acintosos e falsos.

Do espolio de Vieira de Castro ofereceu a sua

---

[1] Na primeira das notas á página antecedente.

família algumas saudosas lembranças a Camilo Castelo Branco: este repartiu comigo, no Porto, quatro gaiolas com lindas avesinhas africanas, que estranharam muito o clima e morreram a breve trecho.

Entre aquelas saudosas lembranças viera para Camilo um par de jarras do Japão, que pertenceram ao condenado e adornaram a sua sepultura no dia de finados em 1871.

Nesse dia creio que as únicas lágrimas choradas no cemitério sobre a terra que envolvia o cadáver de Vieira de Castro foram as do morgado de Pereira, ultimo senhor da honra e couto de Esmeris, [1] que o acompanhou ao degrêdo e que eu conhecêra antes em casa de Camilo na rua do Bomjardim.

Dentro das jarras vieram dois insectos e foi esta casualidade que motivou o artigo *A promessa*, colaboração de D. Ana Plácido enviada, a meu pedido, para o *Almanach da livraria internacional*, 1873. [2]

Vieira de Castro tinha estado em Seide — Julho de 1866 — nas vésperas de embarcar para o Brasil e prometêra, qualquer que fosse o seu destino em longes terras, enviar o «último adeus» a Camilo e Ana Plácido.

---

[1] Vejam-se as *Noites de insomnia*, n.º 2, pag. 21.ª

[2] Artigo reproduzido em 1874 a págs. 130 do 1.º tomo da *Correspondencia epistolar*.

Uma terna superstição relacionou o achado dos dois insectos com esta promessa. Castilho, seu filho Eugénio e Tomás Ribeiro tambem estiveram com Vieira de Castro na casa de Seide assistindo á festa campestre de Julho de 1866.

Camilo recordou-a nas *Noites de insomnia* [1] com o pormenor da paixão que a linda Amélia de Landim inspirára a Eugénio de Castilho. Pena foi que a *Folha dos curiosos* — 1868 a 1869 — morresse antes de ficar concluida a narrativa *De Famalicão a Seide*, que saiu anónima, mas que suponho escrita por Tomás Ribeiro ou talvez por Eugénio de Castilho, e que poderia coligir íntimas impressões dessa jornada e dêsse idílio.

Tambem na dedicatória da *Maria Moysés* soluça ainda a pena de Camilo saudades indeléveis daquela bucólica festa de poetas em pleno Minho.

...Ora o outro dos dois escritores, que devotadamente aligeiraram a Camilo e Ana Plácido algumas horas de cárcere, foi Julio César Machado.

Este, de quem agora falo e de quem indispensavelmente tornarei a falar, não tinha o temperamento sanguíneo nem o ánimo combativo

---

[1] Numero desta publicação já anteriormente citado.

de Vieira de Castro. Serenamente lutou pela vida desde muito novo. Foi tradutor de peças e de jornais; tambem se deu á inglória e árdua tarefa de revisor de provas tipográficas. Mas sorria das suas próprias contrariedades e, aludindo ao facto de ter sido tirado a fórceps, comentava alegremente: «Eu bem não queria vir a este mundo...» Procurou desbravar o seu destino amando a beleza, a graça, a arte, a literatura, as viagens, a sociedade. Os seus folhetins na *Revolução de Setembro* e o seu livro *Contos ao luar* tornaram-no conhecido e marcaram-lhe uma individualidade definitiva. Contudo até os mais amáveis críticos da época o acusavam por negligências de estilo e de linguagem. Os mais ferinos calemburizavam chamando-lhe o «Julio Janin *(já nem)* português.»

E dizer-se que era o tempo do *elogio mutuo!* Póde calcular-se quanto tudo isso maguaria o seu caracter brioso e susceptível; mas á força de bondade e perseverança conseguiu triunfar.

Citarei um exemplo. O prefácio dos *Contos ao luar*, tão cheio de sonho azul e de etérea idealização, foi ásperamente criticado por começar numa conjunção copulativa.

Julio César Machado sofreu e esperou. Mas dessa vez não lhe foi preciso esperar muito: o livro teve tres edições sucessivas.

Nunca ninguem lendo este alegre escritor ou ouvindo-o (êle foi um conversador amenissimo)

poderia suspeitar que viesse a morrer por um acto de pavoroso desespêro.

Mas o seu único filho suicidára-se e esse acontecimento esmagou-lhe o coração. A breve tempo soube as causas do suicídio, encontrou-as no monturo dos costumes lisbonenses. Este novo golpe, talvez maior, esmagou-lhe a razão. Nessa hora resolveu matar-se, rasgando as veias. Sua mulher, que devia morrer do mesmo modo, salvou-se por ter desmaiado logo que tentára executar a sinistra combinação.

Pobre Julio! quanto eu me lembro dêle e o chóro ainda nas minhas recordações mais persistentes!

E, contudo... pior talvez que a agonia do degredado Vieira de Castro, e a dos dois suicidas seus amigos, foi a de D. Ana Plácido, porque se prolongou durante mais de 30 anos desde o cárcere até á sepultura.

IV

Galeria de mulheres infelizes

Na 5.ª Meditação [1] da *Luz coada por ferros*, Ana Plácido, refugindo ás suas recordações de família, porque os sepulcros não respondem a quem lhes pede caridade e amor, ergue mais uma vez os olhos ao céu, ampara-se, para continuar sofrendo, na misericórdia de Deus e na piedade dos anjos.

De novo recorda versos de Camilo, um hino á desventura, segundo a sua mesma expressão.

Dizem os versos:

> ... Acceita o calix. Sobe a encosta
> Por sobre espinhos que o teu pranto rega;
> Acceita o teu calvario, acceita-o, victima,
> Sê minha redempção!

---

[1] Primeiro publicada na *Revista contemporanea*, pág. 422 do segundo ano (1860).

Perdeste a luz do céo? lança-te cega
A's voragens da dor! A' luz maldita
D'este inferno, verás, com fogo escripta,
A minha maldição! [1]
.....

Camilo pede-lhe que não ceda ao desalento ou ao desespêro, porque êle, *o maldito*, desfalecerá sob o peso das suas responsabilidades se fôr abandonado no transe angustioso.

Estes versos, aliás sem data, devem ter sido escritos entre Junho a Setembro de 1860, quando Ana Plácido já estava no cárcere e Camilo andava foragido.

Ela, corajosa no trânsito da ladeira aspérrima, tragando o fel amarissimo do cális do sacrifício, responde ao poeta com firmeza inabalável:

« D'este alto que eu ganhei com tanto denodo, suffocando os impetos vertiginosos da dor, contemplo o mundo, e como um grande espirito em frente das cinzas d'um grande rei, cruzo as mãos no seio, e digo: Só Deus é grande! »

O próprio Bossuet, se fôra vivo, poderia admirar-se de ouvir esta sublime expressão de fé na bôca de uma pecadôra insubmissa.

Quase toda a 6.ª Meditação invoca enterneci-

---

[1] *Ao anoitecer da vida*, pag. 71.

damente a alma da irmã dilecta, Maria José, para que venha fortificar com «um raio fulgido do céo» o ánimo da encarcerada quando ligeiras crises de abatimento o ensombram.

Essa cândida alma evolada é uma saudosa recordação comum nas páginas mais íntimas, mais castas e mais elegíacas de Ana Plácido e Camilo.

Sabemos, pelo livro *No Bom Jesus do Monte*, que Maria José tinha oito anos quando o pai morreu vítima de uma horrorosa catástrofe em 1852;[1] que aos 12 anos, por morte da mãe, entrára como educanda no Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança; que dali saíra, atacada de tuberculose pulmonar, e estanceára com a irmã no sanatorio viridente do Bom Jesus do Monte; que o seu tímido seio de virgem recebêra no Bom Jesus o primeiro estremecimento de amor ideal; que dois mêses depois a pobre menina falecía, aos quinze anos de idade, no Porto.

Não ha biografia menos extensa nem mais singela; é que as crianças, assim como os anjos, não teem biografia.

Mas eu creio que nesta rediviva saudade por Maria José ha em D. Ana Plácido tambem a ansia faminta de evocar um coração de mulher,

---

[1] O naufragio do vapor *Porto* na foz do Douro.

viva ou morta, que não seria capaz de repelí-la na hora em que tantas outras mulheres o faziam.

Chegamos agora á Meditação 7.ª[1] e reconhecemos que a fé em Deus continúa a ser a luz única duma alma, que vê em torno de si ruínas cada vez maiores e mais negras.

Ana Plácido confronta o seu infortúnio com o de Camilo, e acha-se ainda mais desgraçada do que êle.

Porque, se «no homem o sublime do genio é a desgraça, na mulher *é a maldição do homem e o castigo do Senhor*.»

Porque se o homem se diviniza quando, como Camilo, «escurece a vista curvado sobre a banca do estudo, aprofundando a sciencia e os mystérios do coração humano», a mulher, querendo altear-se á contemplação de vastos horizontes, baqueia de repente no abismo da desconfiança de si mesma.

Porque o homem, quando vê despenhada a mulher que perdeu, ri e ufana-se, vitupera-a, amaldiçôa-a, infama-a; e a mulher, desiludida, esmagada, tem de sofrer o tédio ou desprêzo dêle, os sarcasmos da sociedade, e, o que é pior ainda, o espinho do remorso que lhe vai pungindo a consciência e consumindo lentamente a vida.

---

[1] Esta e a Meditação anterior foram primeiro publicadas na *Revista contemporanea*, 4.º anno, págs. 65 e 197.

Tal é a situação de Ana Plácido.

Nem se compreenderia que assim não fosse e que ela assim escrevesse.

Ultimas palavras: «Que horas estas, meu Deus!»

Eis o remate das *Meditações*, páginas íntimas de autobiografia — não únicas, porque outras virão ainda — páginas vivídas que na sua interpretação psicológica se resumem em dois fundos traços de excepcional caracter feminino: ánimo varonil na desgraça, espírito resistente pairando alto, mais perto da misericórdia de Deus que da tolerância da sociedade.

Seguem-se ás *Meditações* alguns contos, esbocêtos de romances, apenas delineados, em que a estética literária parece ser inconscientemente sacrificada á pressa que tem a autora de criar na sua imaginação tipos de mulher iguais a ela, isto é, requeimadas no inferno de paixões tormentosas.

O Amor!... é um duplo dramasinho passional: Maria, a mãe de Paula, vítima do homem que a abandonou; Paula, criança de 18 anos, seduzida e atraiçoada, vai á catástrofe final por um lance de tragédia — assassina a sua rival e enlouquece.

Mãe e filha chegam á punição por diferente modo, mas a autora não conhece pecadôras que deixem de ser punidas, porque ela mesma o foi grandemente.

Maria, curvada sobre o berço da filha, arrosta a malquerença de todos os parentes, esgota-se trabalhando e aleitando a criança, estremece e dilacera-se preguntando a si mesma: O que será deste anjo depois da minha morte? Em Paula a expiação é a tempestade do ciume e a noite caliginosa da demência.

Na *Recordação*, Mariana, «que não tinha ainda 30 anos» — assim como Ana Plácido quando a descrevia — ama Angelo desvairadamente, entrega-se-lhe, mas, passada a embriaguez da posse, êle enfastia-se e abandona-a. Inteligente, Mariana seguirá momento a momento todas as graduações da saciedade na alma do amante. Ana Plácido reproduz, com «um saber de experiência feito», o conflito de mútuas recriminações.

«Enfastiado (Angelo), detestou a penetração da infeliz que não se prestava ao engano. Se ella (Marianna) no excesso de uma dôr sem limites, arrancava do seio um gemido oppressivo, Angelo interrogava-a com azedume, perguntava-lhe que mais queria fazer da sua vida, e se era elle a victima dos caprichosos devaneios da sua phantasia. Marianna cravava os olhos no céo, estorcendo as mãos em silencio.»

O que neste romancesinho D. Ana Plácido teve de inventar foi apenas o desfecho. Mariana adoece, definha, morre três mêses depois de abandonada.

Assim quereria a autora ter morrido, mas, infelizmente para ela, era mais forte do que Mariana.

A *Prophecia no leito da morte* melhor caberia talvez na série das *Meditações*.

Uma senhora bem nascida, tão infeliz quanto afeiçoada a Ana Plácido, vaticina-lhe, lastimando-a, grandes tempestades de coração. Sabe-a corajosa, mas receando ainda assim que sucumba no fragor da borrasca, promete, á hora da morte, pedir a Deus que minore a violência da anunciada procela.

Dezassete anos depois, confirmado o sinistro augùrio, Ana Plácido exora a alma da profetisa dizendo-lhe: « Cumpre a promessa sancta: que teu espirito desça a mim n'um raio de luz, e o Senhor, que te escuta as preces, perdôe ao meu algoz, e me acceite a purificação de dezoito mezes de agonias. »

Já no 1.º capítulo me referi fugidiamente aos *Martyrios obscuros*.

Agora quero dizer que é esta uma das narrativas em que as côres romanticas da época são mais carregadas e conformes á tradição de episódios amorosos que revivem ainda no contexto de algumas novelas de Camilo.

Angelina e Carlos amam-se. Mas o seu amor é contrariado pela familia de Carlos. Angelina quere renunciar ao mundo, entra num convento. Carlos empreende ir arrancá-la audaciosamente

á clausura. Malogrado o rapto, resta apenas a situação irredutível dos sem esperança.

Eis o que póde considerar-se mundano e humanal neste breve romance. Mas alguma cousa ha ainda nele superior ao comum das paixões e fraquezas terrenas.

Carlos ordena-se padre e, tempo depois, consegue ser nomeado capelão daquele mesmo convento.

Chega um dia soléne em que está celebrando missa. A voz de Angelina ergue-se do côro num vôo suave de lagrimas. O sacerdote volta-se ao encontro desse cântico doloridamente mavioso. E cái fulminado sobre o primeiro degrau do altar.

Desde então Angelina implora a clemência divina para ter coragem de «esperar pela sepultura como o expatriado.»

É esta a única mulher que, em todo o livro de Ana Plácido, não sofreu ao eleito do seu coração os vexames do tédio ou do abandono, mas nem por isso deixou de ser menos infeliz que as outras.

A autora da *Luz coada por ferros* retemperava-se dum valor, que lhe permitiria ser Angelina na resignação, se desencadeados baldões do destino não tivessem posto a maior prova de sofrimento a sua intrepidez e paciência.

Mulheres venturosas desconhecia-as; ela nunca o fôra. Não sabia, portanto, descrevê-las. E em si mesma encontrou as suas heroinas.

Já se nos depararam ao percorrer a *Luz coada por ferros* dois conventos: na *Angelina* e nos *Martyrios obscuros;* além de um recolhimento, o das *Orfãs*, do Porto, na *Recordação* e na *Prophecia.*

O convento foi, até aos ultimos paroxismos da novela romântica, manancial copioso de sacrificios, impostos ou voluntários, nos mais pungentes lances de amor. Esse manancial secou por efeito das leis, que, segundo Montesquieu, são a expressão dos costumes, e com os de outrora rolou o convento á voragem das coisas mortas.

Mas, honra seja á sua memória, êle foi um grande poeta, porque chorou e fez chorar.

> ...Si vis me flere, dolendum est
> Primum ipsi tibi...

As lágrimas de Teresa no convento de Monchique teem ressaltado aos olhos de duas gerações de mulheres que decoraram as páginas torturantes do *Amor de perdição.*

Sobejaria tempo, num mês, a D. Ana Plácido para conhecer práticamente a vida conventual. Num mês conhece-se París, quanto mais o antigo convento da Conceição situado na rua dos Pelámes da vetusta cidade de Braga.

Manuel Pinheiro Alves, antes de fazer entrar sua mulher nas Cadeias da Relação do

Porto, havia tentado a hipótese dum convento, como solução mais benigna e menos ruidosa.

Bem sabemos que êle era um fraco por amor.

Ana Plácido aceitou a proposta e logo o marido lhe mandou preparar uma cámara bem alfaiada no convento da Conceição.

Exigiu D. Ana que lhe dispusessem na janela vasos de flores. Assim se fez, e os primeiros dias passados nesta céla profana deriváram tranquilos para a nova reclusa. [1]

Mas Camilo, menos paciente do que a sua amada, obteve, por influência de amigos que tinha em Braga, ser introduzido numa grade, e sugerir a Ana Plácido a idea da fuga.

Deixando-se fascinar pela tentação mefistofélica, éla não quis mais saber daquele *jardim do céo* como chamou ao convento da Conceição a madre cronista Maria Benta, tambem do Céo, [2] nem mais quis saber das flores da sua linda janela, aliás menos gongóricas e devotas que as do espiritual jardim monástico.

---

[1] Informações autênticas, que pude recentemente obter.

[2] *Jardim do Céo plantado no convento de Nossa Senhora da Conceição da cidade de Braga*, etc., composto pela madre Maria Benta do Céo, religiosa do mesmo convento. Lisboa, 1766.

Todas as flores abandonou para ir á procura de espinhos e lágrimas.

Entrou num trem e seguiu para Vila Nova de Famalicão, onde Camilo a esperava. [1]

Já depois de ter entrado na cadeia do Porto, ainda Ana Plácido esteve a ponto de voltar a um convento. Revela-o Camilo, então homiziado, numa carta ao dr. Rodrigo Beça (18 de Setembro de 1860): «Não sei se lhe disse que a perseguição me concedeu treguas por quinze dias. Estou descansado emquanto ao receio de ser agarrado e escoltado até á Relação. Findos os quinze dias, se o author não vier a um accordo de convento, vou-me apresentar em pabulo á vingança, e prestar homenagem á lei, para que se saiba que ella existe.» [2]

A *perseguição* foi generosa concedendo uma trégua de quinze dias, mas não foi tão ingénua que subscrevesse pela segunda vez á solução do convento. *Non bis in idem.*

O Recolhimento das Orfãs, no Porto, quando governado pelo mesmo regímen severo das ordens religiosas, conheceu-o Ana Plácido mediante as informações de sua irmã Maria José. Déla recebeu a tradição autêntica de um rapto frustrado, que lhe acudiu á memoria quando escrevia os *Martyrios obscuros*, posto não desi-

---

[1] *Os amores de Camillo*, pag. 269.

[2] *Penafiel, hontem e hoje*, pag. 151.

gnasse o logar; assim como tambem receberia déla a plena certeza de uma evasão prodigiosa, contada por Camilo nas *Estrellas funestas*.

O convento foi, não ha duvida, um grande poeta, muitas vezes sentimental como Lamartine, outras vezes lascivo como Ovidio; tão depressa submisso como revoltado, mas sempre poeta no sofrimento ou na cólera; a sua lira era a da consciencia pura no misticismo, a do coração febril no amor intransigente, a do estómago regalado nas confeituras freiráticas.

E eu, francamente o confesso, preferia ás pegajosas cartas de Mariana Alcoforado, famosa carraça amantética, as tortas e manjares das ucharias monásticas.

Da mesma opinião eram dois seminaristas de Braga, os quais, em vésperas de Natal, esperavam junto a S. João da Ponte que passasse qualquer carrocim para Guimarães, pátria de ambos êles.

Passou um *char-à-bancs*, conduzindo uma familia. Os dois seminaristas solicitaram e obtiveram licença de trepar á imperial. Aí empoleirados, verificaram que entre as bagagens, no tejadilho, ia uma condêssinha enfitada, que rescendia a canéla. Tentou-os a curiosidade, parelha da cobiça. Destaparam a galante cestinha e acharam dentro uns bôlos doces, em forma de meia-lua, que as freiras dos Remédios fabricavam com o nome de *viuvinhas*.

Os rapazes tinham bom apetite, se é que não levavam fome. Foram comendo, devorando, e apenas deixaram no fundo da condêssa um diminuto lastro de *viuvinhas*. Então, para explicar o furto e salvaguardar a responsabilidade do cocheiro, escreveram a lápis num bocado de papel: « As outras passaram a segundas nupcias.»

Meteram o papel dentro da condêssa e fecharam-na.

Ide vosso caminho, alegres seminaristas, que nós, velho e saudoso, continuaremos folheando a *Luz coada por ferros*.

Impressões indeleveis[1] são um pequeno drama de aldeia, a historia de duas mulheres desgraçadas por amor do mesmo homem.

Manuel, filho de um rico lavrador do Minho, casa com Joana, herdeira de grandes bens, bonita e graciosa. A felicidade dêle seria completa na abundancia, se o nascimento dum filho a viesse coroar. Este ideal insatisfeito era a unica sombra do lar doméstico.

Outra mulher, enjeitada e pegureira, linda na frescura dos dezoito anos, rendêra-se a Manuel e dera-lhe dois filhos, que êle estremecia a ponto de abandonar a mulher legítima.

O povo lamenta a esposa ultrajada e odeia a

---

[1] Publicadas, primeiro, no *Amigo do povo*, folha portuense, em os n.os de 23 e 29 de Outubro de 1860.

amante ditosa, Luisa, perseguindo-a em nome da moral ofendida.

É no Monte de Santa Luzia que Manuel resolve ir esconder a amásia e os filhos.

Joana verga ao peso da sùa dor, já não pode sofrer mais: prefere a fuga ao abandono, evá-de-se para Barcelos.

Mas o castigo do céu parece vir confirmar aos dois culpados a condenação infligida pelos homens. Os filhos de Luisa morrem de varíola e, dentro em pouco, uma doença incuravel não a poupa a éla tambem.

Na hora da agonia, junto ao leito da moribunda, que Manuel não desampára, uma inesperada figura surge dramáticamente: é Joana, a esposa repudiada, que, de joelhos em terra, perdôa todo o mal que a pecadôra lhe havía feito.

Não ha romances inverosímeis, porque a mesma verdade dos acontecimentos reais nem sempre nos parece natural e fidedigna. Quanto a este, que impressionou «indelévelmente» Ana Plácido, ela declára ter presenciado o sèu desenlace e associa ao logar da acção uma sagrada lembrança que não invocaria, sob qualquer falso pretexto, a de já ali ter estado, no Monte de Santa Luzia [1], um ano antes com sua irmã Maria José.

---

[1] Este monte de Santa Luzia fica sobranceiro, pelo norte, ás freguesias de S. Paio de Seide e S. Miguel de

Mas tanto neste como nos outros quadrinhos românticos, faltam ao desenho proporções harmónicas e ao desenvolvimento da acção graduações regulares.

Segue-se a narrativa *A's portas da eternidade*. Para esta devemos preparar o leitor com um esclarecimento indispensável.

Depois de absolvidos pelo tribunal, Camilo e Ana Plácido saíram do Porto, onde a atmosféra social lhes era ainda muito adversa, e vieram estabelecer domicílio em Lisboa.

Aqui os frequentavam os mais conspícuos homens de letras, entre êles Julio César Machado, o honesto e pundonoroso Julio, sempre muito grato a Camilo, porque lhe devia a publicação da sua estreia literária na *Semana* (1850).

Julio realçava a inteireza dum caracter correctissimo com a maior distinção de maneiras, muita vivacidade no dizer, e uma sincera emoção de afectuosa cordialidade pelos desgostos ou pelas felicidades dos seus amigos íntimos.

Quando Camilo e Ana Plácido tinham estado na capital antes da prisão, já o bom Julio se

---

Seide, com as quais é limítrofe. Dista do Porto 37 quilómetros.

Uma pequena ermida, sob a invocação de Santa Luzia, corôa o alto do monte, donde se avista um amplo panorama, que só é limitado pela cordilheira do Córdova e, muito ao longe, pela serra do Marão.

havia aproximado muito dêles, suavizando-lhes com a sua amável companhia esses longos dias de amarga inquietação e incerteza cruel.

Na Relação do Porto visitára os dois encarcerados, como já sabemos, e oferecêra a Camilo repartir com êle o ultimo dinheiro que tinha ganho como folhetinista [1] — facto revelado pelas *Memorias do cárcere*.

Ana Plácido afeiçoára-se a Julio César como a um dedicado amigo, certo nas horas incertas. E, para se lhe mostrar reconhecida, dedicára-lhe um folhetim escrito na cadeia e publicado no *Amigo do povo*, jornal portuense.

A reprodução deste folhetim ocupa as ultimas quatro páginas da *Luz coada por ferros*. Dêle falaremos a seu tempo.

Quando, já livres, Ana Plácido e Camilo chegaram a Lisboa, foi Julio César o homem de letras escolhido para escrever o prefácio daquele livro.

Julio desempenhou-se do encargo com delicadeza e verdade, tanto sob o ponto de vista da crítica psicológica como da crítica literária.

Retrata fielmente a alma de Ana Plácido, «simples e dulcíssima», serena e resignada, afável e modesta.

---

[1] Preço de vinte folhetins que *O Jornal do Porto* adquiriu e publicou. (Vide *A vida alegre*, pag. 30).

Assim era. Nunca outra mulher — estas *Memorias* o hão-de confirmar — possuiu em mais alto grau essas raras qualidades de coração e espírito.

Como escritora aprecia-a, sem ocultar a sua impressão pessoal, com a urbana discrição que êle sempre usou ao falar de livros e autores:

«Na maneira singela, timida, feminil, dos romancinhos «Adelina», «Amor», «Recordação», não conhecem o pulso receioso de modestia d'uma senhora, que debalde tenta ás vezes dar os toques fortes da escola analytica, não conseguindo mais do que esboçar, com o sagaz instincto do seu sexo, os casos, caracteres e gestos, que a sua phantasia pede em metade emprestados ao conhecimento da vida social e á sua triste experiencia da dor?»

Referindo-se ao culto de Ana Plácido pelos clássicos portuguêses, graciosamente conta que ela o obrigára uma vez a ler a *Nova Floresta* de Bernardes, guardado á vista.

E enrista contra o falso boato que atribuia a Camilo tudo quanto valorizava os escritos de Ana Plácido.

«A convivencia litteraria de um auctor favorito, necessariamente influe no estylo de um escriptor novo, e muito principalmente no de uma senhora, mais sujeita sempre pelas predilecções do seu sentir delicado a denunciar as suas sympathias; é talvez com applicação ás senhoras que escrevem, que vae ainda melhor o dito de Buffon: — «O estylo é o homem!» — Mas o que ha direito a esperar, é

que não confundam o estylo que se assemelha com o estylo que lhe serve de norma, por mais parecidos que sejam.»

Foi certamente em Lisboa que D. Ana Plácido compôs as páginas intituladas *As portas da eternidade*,[1] cuja protagonista é ela mesma.

Duas cartas, uma dirigida a um amante saciado, outra a um amigo, a *um irmão*, cuja afeição é «santa e pura», fazem viver essas transparentes páginas de autobiografía.

Cremos não aventar uma errada suposição dizendo que os destinatários das cartas, quando rialmente essas cartas tivessem sido escritas, seriam Camilo Castelo Branco e Julio César Machado.

No capítulo seguinte as extrataremos.

---

[1] Primeiro publicadas no *Futuro*, revista fluminense, a que tornaremos a referir-nos.

V

Três folhetins

A noite é de invernía cruel. Lisboa parece deserta e morta.

Talvez a única pessoa vigilante nessa hora seja aquela mulher desconhecida, que, junto de uma janela aberta, está imóvel como estátua, sem ter consciência da tempestade exterior, porque decerto lhe estruge dentro de alma uma tempestade íntima, mais violenta do que a outra.

E assim era. Essa mulher, que não tem nome no romance, cogíta atormentada por grandes angustias de amor e pensa no suicídio.

Chega, porém, o momento de tomar uma resolução extrema. Cerra a janela, compõe ao espelho a sua *toilette* de morte, branca como a das noivas, e depois vai buscar a um cófresinho de charão um punhal cujo cabo é de marfim e um bracelête entrançado de cabêlos escuros.

Ajoélha então exclamando: «O' mãe, ampara-me! e tu, meu bom punhal, não falseies o golpe.»

Volteia entre os dedos trémulos duas argolas de ouro finíssimas, beija-as, e comprime o seio para sufocar um soluço estertoroso.

De repente o relógio sôa. Ela ouve-o, estremece, levanta-se vagarosamente para ir escrever duas cartas, que são o seu ultimo adeus ao mundo.

Traça numa folha de papel as palavras: «Meu bom amigo». E a pena desliza transmitindo as derradeiras confissões ou confidencias daquela alma irremediavelmente despedaçada.

.....

«Quando a sua voz me diz: «pobre mulher!» ha ahi uma sinceridade tão tocante, uma piedade tão misericordiosa, que vale essa unica phrase, mil vezes mais ao meu coração, que mil idyllios amantissimos de poeta.

.....

Sabe o que eu queria, meu irmão? Era poder refundir-me no anjo que me crê, era esconder-me *na sua affeição tão santa, e tão pura,* era esquecer-me do que sou. Porque, olhe bem, meu querido amigo, eu sou uma miseravel! Morro, porque não posso vencer-me; morro, porque é preciso levantar uma barreira de gelo entre uma imagem adorada, e o meu malfadado coração. *Sempre a amar aquelle homem, sempre! A cada novo insulto, a cada blasphemia que lhe sae dos labios mascarada debaixo da excessiva e ironica polidez, esta cabeça que tão ufana de si se levantou outr'ora, curva-se submissa como o animal humilde afagando a mão que o castiga.*

.....

Oh! meu irmão, não despreze a minha memoria. *Quem sabe, se a minha morte o salva do mau destino de amar-*

me? Eu sou uma mulher fatal. Por toda a parte tenho accendido impressões fortes, dedicações grandes, mas de repente, quebro umas, outras despedaçam-se contra o meu sestro maldito.

.....

Como eu me recordo do meu primeiro e infantil amor! Cedo se realisou o vaticinio que me fora predicto.

Um dia acordei ajoelhada aos pés d'um cadaver: era elle. Mais velho do que eu quatro annos, Antonio Augusto era filho unico de abastada casa, e vivia muito na intimidade da minha familia. De bem menina me lembra, correr no jardim da nossa casa, por entre as roseiras que elle ceifava, ás duas mãos, atirando-me as pétalas ás faces, que lhe eram n'essa epoca eguaes em mimo e frescura.

Apesar de o chamarem «meu desposado» Antonio Augusto estava no meu pensamento como qualquer dos meus irmãos. A revelação devia chegar mais tarde.

.....

Houve um homem que chorou muito, abraçado com os meus joelhos, abafando-me com os seus gemidos, e eu condemnada a conhecer breve o lance de tal momento, punha a mão na consciencia e achava lá o tédio e o enfado. — Um homem chorar! dizia eu com ironico sorriso e inaudita barbaridade. — Que queres? me respondia. Ès forte porque não amas, e eu sou fraco porque te amo muito, e sei que hei de chorar-te sempre!

Mentiu: mas eram verdadeiras aquellas lagrimas; e mereci-as eu?... A punição veio logo a caminho: amei: Amei, e amo, como eu creio que não se ama n'este mundo onde não cabe tudo quanto eu lhe dei.

.....

Agora, adeus, meu querido irmão.»

Lacrada esta carta logo outra é escrita, com vertiginosa rapidez, para ser entregue a Cristiano.

Repare o leitor na primeira e ultima letras deste nome: são as mesmas de — Camilo.

«Não te inculpo. Mas o coração goteja-me sangue. Tanto esperei d'esta paixão infeliz, e tão pouco lhe mereci! A ti, dei-te tudo o que exalta a mulher, só tens aos pés de Deus as agonias infinitas que me envelheceram nos melhores annos da vida. Sirvam-me ellas de graça.

.....

O meu unico conforto é a lembrança de que um dia, quando te branquearem os cabellos, quando a consciencia fallar sem os arrebiques emprestados por uma imaginação sempre ávida do desconhecido, o teu espirito voltará ao passado á procura d'esta sombra esvaecida que te arrancará o sincero pranto do arrependimento. Comprehenderás então que eu era a mulher a quem não podiam ser estranhos os teus sonhos mais profundos, nem as idéas menos lucidas que te passam na mente. Não quizeste, ou não podeste: a tua velhice correrá triste e isolada. Pensa então n'essas palavras que ha pouco escreveste á minha vista: « *Os castigos não são desgraças* ».

Porque me aborreces tu? Oh! amada por ti, desafiava o proprio Deus a tirar-me a vida, e com a certeza do teu odio sou eu que a córto, desafiando o mundo inteiro a salvar-me.

.....

Morro por ti, morro amando-te... Estás perdoado.»

Sobre as ultimas palavras desta carta poucas mais concluem a intensa narrativa:

«Ás oito horas da noite d'esse mesmo dia, dois vultos embuçados em mantos escuros seguiam caminho do alto de S. João um esquife que conduziam quatro homens.

Era findo o drama.»

São estas as páginas de mais alto valor biográfico e psíquico em toda a *Luz coada por ferros;* talvez até as mais espontâneamente literárias e vivas.

Elas, pela primeira vez o digo, definem bem a situação moral de Ana Plácido em 1862: o seu amor a Camilo, que já não sentia a *paixão;* a sua agradecida estima por Julio César Machado, que compreendia a alma de Camilo e a de Ana Plácido, lastimando ambos, como seu amigo fiel e sincero, coração aberto para receber ternamente todas as lágrimas ou todas as blasfêmias.

Retrato de Julio César Machado

Eu escrevi algures estas palavras, referentes á mesma época: «Camillo mostrava-se zeloso de D. Anna Placido, suspeitando dos seus mais dedicados amigos, sem razão nenhuma, como um d'elles, já hoje fallecido, me confessou em hora solemne da sua vida.» [1]

Este era o autor dos *Contos ao luar*.

---

[1] *Os amores de Camillo*, pág. 337.

Mas o próprio Camilo reconhecia, a breve trecho, a inanidade das suas suspeitas e recriminações. Assim foi que, duvidando de Ana Plácido, acusando-a muitas vezes, nunca a repeliu de si, nem ofendeu nenhum dos amigos que o rodeavam, especialmente Julio César Machado.

Pelo contrário, rendeu públicas homenagens ao caracter dêste homem lial e digno, que se fazia estimar de quantos com êle conviviam.

Julio, apesar do seu génio susceptível, não deixou jámais perceber uma sombra de ressentimento.

Recordemos o que os dois escritores disseram um do outro, depois que se encontraram em 1850, tendo então Camilo 25 anos de idade e Julio César apenas 15.

As relações de amizade entre ambos estreitaram-se cordial e sólidamente. Camilo apreciou desde logo as qualidades afectivas e intelectuais de Julio, e encantaram-no a sua graça e alegria juvenís. Julio, grato ao patrocínio que lhe dispensára Camilo na redacção da *Semana*,[1] ficou estimando-o tanto, quanto o admirava.

Em 1854, certamente em resposta a alguma

---

[1] *Esboços de apreciações litterarias*, 1.ª edição, pág. 169 — *Scenas da minha terra*, pág. 162, e *Apontamentos de um folhetinista*, pág. 144.

referência que Julio César fizesse ás *Duas epochas na vida*, publicadas nesse ano, escreveu Camilo um feixe de correntias quadras, que saíram no *Bardo*, e aí teem estado esquecidas até hoje.

Vamos ressuscitá-las, porque, interessando á biografia dos dois escritores, parece envolverem uma dupla profecía de desgraça, nas passagens que vão assinaladas em itálico.

Não devemos esquecer, para bem interpretar essas quadras, que em 1854 Camilo estava no período agudo da sua paixão por Ana Plácido, já casada, e que posto êle renunciasse aos votos eclesiásticos, ainda versava assuntos religiosos no periódico *A Cruz*.

A JULIO CEZAR MACHADO

Nem mesmo na gloria, que o genio conquista,
Me resta uma crença egoista, e sem fé.
Aos gabos das turbas é surda minh'alma;
Vaidade, se existe, não sei o que é.

Sinceros ou falsos, que importam louvores,
Lisonjas ao genio, que vive de si?
Que tenho eu comtigo, *que louvas meus cantos,*
E, impio, duvidas se os cantos senti?

És novo... Mais tarde... Não basta o talento!
A dor tem segredos, que sondas em vão,
Segredos patentes a quem soffre muito,
A quem nada espera... a ti... inda não!

Soffria, soffria! Ai! crê-me, se podes,
Tormentos incriveis, que o verso não diz!
Mal sabes que pranto dos olhos descia,
Ardente, espontaneo, nos versos que fiz...

Ha maguas fingidas, torturas de estilo,
Que fazem do bardo um sugeito feroz!
Á sombra dos lumes de orgias, ha *Byrons*, [1]
Que as larvas perseguem... e os versos a nós.

Os *tristes*, que, alegres, doudejam nos bailes,
Não sabem, não podem mentir-se talvez!...
Nos bailes, no *mundo*, censor dos meus versos,
Um riso festivo nos labios me vês?

Acaso me encontras pedindo a partilha
Dos gosos baratos, que o vicio nos dá?
Em tempo me viste, no viço das crenças,
Não vês que os martyrios começam de lá? [2]

Ás vezes, *teu goso infantil invejava,*
Ao vêr-te em delirios d'inquieta alegria;
Brincavas, sorrias ás mágoas incertas,
Que a mão do futuro: «além!» te dizia.

---

[1] Já em 1851, no *Protesto* que fecha o livro *Inspirações*, Camilo havia dito: «O assombrado que dei aos meus versos, com traços de inconsolavel desconforto, não foi capricho de poeta *byroniano*.»

[2] Alusão ao ano de 1850 em que os dois escritores se conheceram na capital e em que D. Ana Plácido casou com Pinheiro Alves.

Não sei se a desgraça respeita inda hoje
O teu sanctuario de mil illusões;
Talvez; mas não venhas, soberbo de crenças,
Sorrir sobre as cinzas de mortas paixões.

Se tens um thesouro d'affectos, amigo,
És rico; tens alma, tens fé, e tens Deus!
Tens sonhos dourados; és águia, que roças
As azas do genio na face dos ceus.

E eu curvo a cabeça á desgraça infallivel!
Não creio, não busco, no mundo sou só.
Podera na campa vêr outra existencia...
Vaidade!... deixemos aos vermes o pó.

Foz, 9 de Julho de 1854.

CAMILLO CASTELLO-BRANCO. [1]

Num folhetim da *Revolução de Setembro*, em 1861, Julio César falava de Camilo a propósito da sua biografía, que Vieira de Castro acabava de publicar:

«Qual é, por fim de tudo, o grande defeito d'este homem? O amor! O doce e abençoado defeito dos poetas, que se perdem á simples idéa de que o mel se encontra nos labios da mulher assim como no calix das flores...

«A mulher! Mas, Deus meu! pois existe alguma cousa alem d'ella?

.....

«Deu-se n'esse tempo a sua peça do *Ultimo acto*, e

---

[1] O BARDO, *jornal de poesias inéditas*, Porto, 1857; pag. 74.

avistei-o n'um camarote de segunda ordem com uma senhora; aquella peça era uma epoca da vida d'ambos, e elle assistia melancolico e triste ao drama da sua existencia. Estava louco d'amor e d'infortunio: — estava perdido.»

Em 1862, no livro *Scenas da minha terra*, Julio César relembra as suas visitas á Cadeia do Porto:

«Depois, o destino de Camillo é tão singular, tão estranho, tão desligado de tudo mais, tão pouco similhante ao da outra gente, que ha momentos em que a razão se perde ao contemplal-o! Deve ter nascido sob a influencia de uma estrella do mal, e procurado debalde muitas vezes a causa dos seus infortunios!

.....

«Pobre Camillo! Em quantos ferros teria dado com a cabeça, se perdesse a coragem em cada um dos grandes reveses, que lhe iam perseguindo a vida? Elle sorria, trabalhava, e esperava.»

E a respeito de Ana Plácido:

«N'outro quarto da cadéa, mas distante d'este *(o de Camilo)* estava alguem que eu conhecêra no mundo, bella, elegante, e moça, — que eu esperava ir encontrar abatida, extenuada, cadaverica, — e que fui achar da mesma forma, elegante, moça, e bella! Singular contraste: uma figura cheia de vida, de formosura, e de força, no centro d'aquelle cárcere fétido! As paredes do seu quarto são humidas e negras; as suas faces, rosadas e brilhantes: em redor d'ella, a miseria, a desgraça, o odio humano; em si, a tranquillidade, o bom gosto, o esmero; e sobre tudo isto o talento, porque é decididamente uma senhora de grandes

dotes de espirito, que se deixam apreciar naturalmente no decurso da conversação mais simples, além de se manifestarem em alguns brilhantes escriptos, que o publico conhece.

.....

Hoje, Deus louvado, esses *dois infelizes* tornaram a encontrar a liberdade; *mas quem nos diz que a esperança, a vontade, a vida, não se gastassem n'esta provação cruel?*»

Julio conhecia o coração humano, e muito de perto aquelles dois corações: assim foi que previu com segurança o futuro de ambos.

Camilo, nas *Memorias do cárcere* (note-se, publicadas em 1862) redoirava o caracter de Julio César Machado dizendo:

«... o escriptor bem-quisto, que já se gosa, como La Fontaine, da antonomasia de *bom*, não por ter ensinado a san moral aos meninos com historietas de bichos, mas por ser tolerante com todos os bichos, e andar a repetir aos escriptores malfazejos aquella maxima do *Thesouro de meninos* ácerca de maltratar os animaes: o bom Machadinho, digo, vindo ao Porto, ingrato seria se passasse distrahido ao lado d'aquelles muros pardos, onde o seu amigo de doze annos estava conversando as musas e os facinoras.»

Depois de recordar o oferecimento dalgum dinheiro, a que mais longe nos referimos, Camilo termina a referência a Julio César Machado com esta caroável honorificação:

«Quem lhe escrever a biografia ha de restringir os gabos a poucos dizeres, e assingelar as palavras de modo

que tudo funda n'isto: branduras de coração feminil; infancia de affectos; amor a tudo, porque em tudo vê uma face amavel; *talento de bem dizer e de bem fazer;* excellencias antigas em novos feitios; as graças mythologicas enlaçadas nas virtudes christans.» . . . . . .

Na *Revista contemporanea de Portugal e Brazil* iniciou Camilo em 1862 — continuem a reparar nesta data — uma série de cartas a Ernesto Biester, cujo título definia o assunto: *Poetas e prosadores.*[1]

A primeira escreveu-a no Hospital do Largo do Monteiro (Lisboa) em 11 de Agosto daquele ano.

A segunda carta retrata a individualidade literária de Julio César Machado, o qual nessa ocasião gozava em Paris[2] os mais felizes dois mêses da sua vida — êle, que parecia ter nascido parisiense em Portugal.

Bastar-me ha transcrever alguns períodos apenas:

« O que eu nunca vi — diz Camilo — foi escriptor mais subtil e engenhoso no dar noticia de uma obra, feita por pessoa que se não contenta com admiral-a, e quer, á fina

---

[1] Estas cartas constituem parte do livro *Esboços de apreciações litterarias*, publicado em 1865.

[2] Julio César Machado conta nas *Recordações de París e Londres* (pág. 23) e na *Vida alegre* (pág. 189) o modo como pôde realizar esse ideal da sua mocidade: ir a París.

força, que o mundo esteja com a sua admiração. N'estes lances, em que o bem-querente moço se tem visto tantas vezes entalado, é que está a expiação do talento. « O auctor vai ficar contente — dirá entre si Julio Cezar — mas a critica de meus irmãos em lettras que juizo fará de mim? » Scisma, e acrescenta: « Digam o que quizerem: mais me pago da gloria de ser bom que da gloria de ser justo. » Formosa alma! »

Depois de 1873 fui eu testemunha, em Lisboa, de se encontrarem, duas ou três vezes, Camilo e Julio César Machado na livraria Matos Moreira & C.ª, ao Rocio, esquina do largo de Camões.

Aqueles dois homens abraçavam-se cordialmente e Camilo parecia refrescar-se da solidão de Seide rindo a bom rir da graça esfusiante de Julio César.

Este quereria por ventura compensar-lhe num folhetim oral alguma hora azeda de ciúme que sem motivo lhe houvesse dado, em 1862, como os outros, mais ainda que todos os outros.

Camilo rendia-se á lialdade do Julio abraçando-o e á sua *verve* chorando de riso.

Nessas lágrimas alegres ia talvez um acto de contrição bem humorado.

Intitulam-se *A Julio Cezar Machado* as últimas páginas da *Luz coada por ferros*, e estas deveriam preceder, cronológicamente, as penúltimas, pois que foram redigidas na cadeia para

O amigo do povo, folha portuense, em publicação desde 1860 a 1861.

Algumas palavras, que no livro recomendam essas páginas, são transcritas daquele jornal. Subscrevem-nas duas iniciaes: *A. L.* — as do nome e sobrenome do sr. Augusto Luciano Simões de Carvalho, creio eu.

Ana Plácido refére-se ao tempo que passou em Lisboa quando já o processo de divórcio corria os seus trámites.

«Quem o ouvir uma vez *(a Julio César)*, estima-o; e eu que o escutei tantas, que lhe vi uma sombra melancholica entre um sorriso de delicada galanteria, e uma palavra de adeus, folgo de mostrar-lhe que chega até mim, como gota refrigerante no meu antro de agonias, nesta infernal Estygia, onde o exilado *(alusão a Camilo)* [1] virá um dia encontrar a sua amada, como a de Virgilio.

«Depois falla-me de Lisboa, de Cintra, d'esse sonho fadado para os meus amores; e leva-me ainda mais longe pela saudosa recordação!

«Lá está a azinhaga de Arroios, lá vejo erguida a cruz aonde ajoelhei um dia!»

Esta azinhaga devia ser a das Freiras de Arroios, que ainda hoje existe escalavrada. Camilo, nas *Scenas innocentes da comedia humana*,[2]

---

[1] Por onde se vê que Ana Plácido escrevia antes do dia 1 de Outubro de 1860, dia em que entrou Camilo na cadeia.

[2] *A mulher da azinhaga*, conto que foi anteriormente publicado na *Revista contemporanea*, 2.º ano, pág. 262.

chama-lhe azinhaga do *Arco do Cego* envolvendo sob o mesmo nome todo o arrabalde que se estendia para Arroios, talvez porque ambos estes subúrbios, além de estarem ligados por uma calçada, ofereciam comum aspecto campestre.

Camilo e D. Ana Plácido habitaram de 1859 a 1860 um dos antigos prédios que enfileiravam fóra de portas na estrada do Arco do Cego, e que subsistem actualmente sem alteração que os desfigure.

Evidentemente as *Scenas innocentes da comedia humana* referem-se á mesma azinhaga de que fala a *Luz coada por ferros*.

«Aqui temos — diz Camilo — a nossa suspirada azinhaga, o horisonte lindo das nossas moderadas ambições, e a cruz de pedra tôsca, onde fitamos os olhos lagrimosos n'aquella tarde.»

Da *cruz de pedra tôsca*, junto a cujo pedestal Ana Plácido ajoelhou, não sei eu o que seria feito. [1]

E' provavel que Julio César Machado acompanhasse os seus dois infelizes amigos nalguma tarde de passeio pelas «terras de Arroios» como então se dizia.

---

[1] O notável cruzeiro de Arroios, que se não podia confundir com este, tinha sido apeado em 1837 e desde 1848 estava no interior do templo, onde se conserva ainda.

A situação era angustiosa para esses dois: estavam na ante-véspera do cárcere.

Naquela tarde ou noutra, Ana Plácido dissera afagando o Terra-Nova que se lhe tinha enroscado aos pés: «Quando me tornarás a ver! Talvez que nunca!» [1]

Julio César, ao lado dos seus amigos, decerto procuraria afastar carinhosamente, com toda a sua bondade e todo o seu espirito, as nuvens negras que lhes ensombravam o ánimo abatido.

Ana Plácido recebia de Julio César, nessa hora, a coragem que mais tarde, quando as provações foram maiores, pôde encontrar em si mesma.

«...recosto-me já fatigada n'este marco da vida. São vinte e nove annos que me pezam, depois de ver morrer, uma a uma, as flores da primavera, que tão viçosas foram. Começaram logo a cair murchas da coroa, que me avergou a fronte no primeiro dia de martyrio.»

E a breve trecho, parecendo falar menos de si mesma, é ainda de si mesma que fala.

Angela tivera uma companheira e confidente, que a abandonou quando a viu no despenhadeiro fatal e lhe cuspiu na face insultos e vilanias.

---

[1] Camilo, *A mulher da azinhaga.*

Ora aqui tem, Julio Cesar, um typo da obra prima do creador.

.....

Dê-me um pensamento.

Veja-me. Corajosa e soffrida, ninguem me rouba o contentamento santo de identificar comigo o anjo da amisade e da redempção.

O meu espirito evoca essa visão magica, povôa essa região encantada, em que ella me apparece, e onde é a primeira no throno explendido em que a colloquei.

Roubar-m'a, quem pode?! Se ella é tão minha, se o meu coração é o senhor omnipotente d'ella!

Assim acaba a *Luz coada por ferros*.

No dia 24 de Outubro de 1860 tinha *O Nacional* publicado, sob o título *A Julio Cesar Machado*, um folhetim em que Vieira de Castro, impaciente de conquistar sufrágios em favor dos dois encarcerados, desfechava com leve mão esta censura áquele escritor lisbonense por ter deixado sem resposta o artigo de A. A. no *Amigo do povo:*

« Isto nem é prologo, nem é nada, meu querido Julio. Será esquadrinhar rodeios para vir a dizer-te que não sei calificar o teu silencio ao folhetim que te escreveu A. A.

.....

Não lhe respondeste nada.

.....

Curva-te á magestade d'este infortunio, Julio. A *Andromeda* de Puget representa-se presa á rocha d'onde ia salvar um poeta. Genio algum parou diante d'ella, e a lyra quêda. *Protesta n'um brado eloquente contra o aviltamento d'essa im-*

prensa, que passa sem descobrir-se diante de tão grandioso holocausto.»

. . . . . .

Singular temperamento esse de Vieira de Castro, que trovejava reptos quando o silêncio seria a melhor de todas as armas defensivas!

O *Jornal do Porto* replicou azedamente áquellas últimas palavras e daí resultou uma violenta e inoportuna polémica.

Julio César Machado, lendo em Lisboa o folhetim de Vieira de Castro, certamente ficaria aborrecido, nervoso, mal disposto.

A situação era, para o bom Julio, três vezes difícil: em primeiro logar, por lhe parecer inconveniente sustentar correspondência pública, em folhetins, com uma senhora que estava presa por adultério; em segundo logar porque o amante daquela senhora era Camilo Castelo Branco, seu amigo íntimo dêle; finalmente, porque Julio César não quereria, não quis nunca, erguer na imprensa protestos, queixumes, despeitos contra um indivíduo ou um jornal, qualquer que fosse o assunto: êle mesmo ou outrem.

Mas Julio César não era tambem capaz de cometer a indelicadeza e a cobardia de deixar sem resposta o apêlo de algum amigo.

Vejamos como êle se tirou desse escabroso trívio em que fôra imprudentemente confinado:

«Não lhe respondi nada, não; não lhe respondi nada, é certo: áquelle gentil espirito que abatteu as azas um

instante para vir saudar-me á terra, que querias tu que eu dissesse na minha prosa inconsiderada e leve de folhetinista?

Acatam-se os genios, os martyres adoram-se: eis o que eu faço, meu amigo, quando a minha alma pressente que ha grandeza de mais n'uma dôr para a insultar consolando-a em pleno folhetim, ao passar com um sorriso do theatro lyrico para o Gymnasio.

Que queres? A dôr a meu ver é a mais augusta propriedade de cada um. Só ella é bem nossa. Tudo o mais,—as nossas alegrias mesmo! são alheias quasi sempre!

.....

Pode a gente julgar-se feliz emquanto espera; mas chegada a uma certa situação a menor phrase accorda um pressentimento doloroso, uma vaga tristeza que quebra ainda mais o encanto da vida: a datar d'esse dia entra-se no inexoravel periodo da desgraça e eu tive medo, amigo, tive medo e dó de ir lastimal-a.

Dize-lhe tu isto mesmo; eu não ousarei dizer-lh'o siquer.

.....

Pelo facto de A. A. estar entre grades e de tu te acha-res só na quinta do Ermo, estão vocês bem certos de serem mais infelizes do que eu? A ella consome-a a angustia, a ti devora-te a raiva d'impotencia dos que valem muito n'uma terra em que isso vale pouco!

A mim o folhetim (*de A. A.*) entorpece-me, e, palavra d'honra, tira-me o gosto de rir! N'um grupo assim, pensa bem, a unica resposta de uns para outros é abraçarmo-nos quando nos virmos. Tu não crês na gloria; eu creio no trabalho: ella crê no amor. Cada um soffoca-se a seu modo. Deixa ir! O egoismo tracta pouco de salvar os que se afogam: quando toca a fogo, é que toda a gente se agita! se

inquieta! e corre! pela idéa... de que esteja a arder-lhe o que é seu!...» [1]

Bastará acentuarmos, apenas, uma única frase deste nobre folhetim: «tive medo, amigo, tive medo e dó de ir lastimal-a.»

Assim foi que Julio César Machado evitou arriscar palavras que poderiam ser perigosas se parecessem menos discretas, porque nada ha mais inconveniente neste mundo — até na simples aparência — do que um passo que se dá para ir levar fervoroso lenitivo ao coração da mulher que sofre.

Quanto ao protesto contra a atitude da imprensa, a melhor resposta de Julio César Machado a Vieira de Castro foi dizer-lhe: «Deixa ir!»

Rialmente, ninguem corre, ouvindo tocar a fogo, senão para verificar se estará ardendo a sua casa.

Logo depois de terem aparecido as *Memorias do carcere*, de Camilo, os amigos que este grande romancista contava na imprensa começaram a anunciar a próxima publicação da *Luz coada por ferros*, que era, a bem dizer, um desdobra-

---

[1] *Revolução de setembro*, n.º de 30 de Outubro de 1860. Eram palavras deste mesmo folhetim aquelas a que se referia Ernesto Biester e a que nós fizemos alusão no 1.º capítulo, págs. 12 e 13.

mento lógico daquele livro: tambem, pelo menos na maior parte, as «memorias do cárcere», de Ana Plácido.

Na *Revista contemporanea*,[1] Ernesto Biester informava que não tardaria a saír do prélo a prometida obra de *A. A.* e revelava, finalmente, o verdadeiro nome da autora.

A boas horas!

---

[1] Quarto ano, pág. 276.

VI

Primeiro pseudónimo

Desgraçado país este nosso, para escritores e editores.

O livro de D. Ana Plácido, *Luz coada por ferros*, tinha a recomendá-lo circunstâncias excepcionais. Vinha depois de um processo célebre e de uma absolvição muito discutida. Sabia-se que era formosa a autora, e que o livro trazia o seu retrato. Parecia, pois, natural que todas as pessoas, homens e mulheres, que nunca a tinham visto, quisessem fazer idea da beleza desse apetitoso «fruto proíbido», cuja posse ilegal custára ao primeiro romancista português 380 longos dias e longuíssimas noites de cárcere.

Contudo, fês-se uma tirágem de mil exemplares, apenas.

O editor Antonio Maria Pereira, livreiro inteligente e experimentado, conhecia bem o nosso meio literário.

Não foi, por isso, mais longe.

A verdade é que essa modesta tirágem de mil exemplares, feita em especiais circunstâncias de curiosidade pública, levou quarenta e um anos a esgotar-se.

Só em 1904 apareceu a segunda edição da *Luz coada por ferros* num volume da *Collecção Antonio Maria Pereira*, sem o retrato da autora, e, infelizmente, com as mesmas, as mesmíssimas incorrecções tipográficas da primeira edição.

Algumas são tão evidentes, que saltam aos olhos.

De 1862 a 1864 Ana Plácido apenas compôs um drama extraído do romance de Méry, *Les damnés de l'Inde*, e enviou alguma colaboração para *O Futuro*, folha literária que Faustino Xavier de Novais dirigia então, no Rio de Janeiro.[1]

Quanto ao drama, dizia Ernesto Biester na *Revista contemporanea*,[2] anunciando-o: «É um bello drama intitulado *Aurora*. A acção que se passa na India offerece quadros cheios de novidade e interesse que surprehendem o espectador.

---

[1] Desta publicação existe apenas um volume relativo ao ano de 1862. A colaboração de Ana Plácido foi, segundo informação fidedigna: *A's portas da eternidade*, págs. 182-189; *A desgraça da riqueza*, págs. 360-365, págs. 373-382, que suponho ser o mesmo romancesinho depois incluido com o título *O amor!...* na *Luz coada por ferros*.

[2] Quarto ano, pág. 328.

Realça todos esses quadros uma linguagem extremamente poetica. O drama é destinado para subir á scena no theatro normal em beneficio da actriz Emilia Adelaide.»

Ninguem me deu notícia de ter sido representado este drama. No arquivo do teatro normal fiz procurar o manuscrito e não apareceu. Ana Plácido possuia o autógrafo ou uma cópia, que, em 1865, entregou ao *Civilisador*, periódico do Porto, antepondo-lhe um ligeiro prólogo.

O *Civilisador* teve duas épocas, aquela era a segunda e a mais brilhante; mas o Porto, talvez por se julgar bastantemente civilizado, deixou morrer o periódico e com êle morreu por estrangulamento o drama de D. Ana Plácido.

Deste drama apenas foram ali publicados os dois primeiros actos;[1] perderam-se o 3.º e o 4.º

Eu compulsei ha muitos anos o *Civilisador* e não o tenho agora presente. Não registei, nos meus apontamentos, a impressão que me deixou a leitura daqueles dois primeiros actos. Mas reli ha pouco tempo o romance de Méry para recordar o assunto e estudar as suas condições de teatralidade.

A acção passa-se na Malásia neerlandesa, perto de Samarang (ilha de Java) e decorre no

---

[1] O 1.º com 17 scenas e o 2.º com 13.

fim do século XVIII, pois que Roberto Surcouf, o célebre corsário francês, que vivia nesse tempo, ilumina algumas páginas com o brilho emocionante das suas proezas marítimas.

Não só a India, mas todo o Oriente, fascinava Méry. E' verdade que se considerou outrora a Malásia como um arquipélago asiático; porém a geografia actual encorpora-a na Oceania.

Como em todos os romances de Méry, especialmente nos orientais, a riqueza das tintas, o esplendor do colorido, o reflexo grandioso e exótico da natureza constituem o maior encanto da leitura.

Mas, no teatro, as descrições, ainda que sejam belas, enfadam quando repetidas e enfraquecem o vigor dramático.

Uma colónia formada por cinco europeus, um dos quais francês, o conde de Clavières, fugido aos horrores revolucionários do seu país, exploram agricolamente os extensos terrenos que lhes foram concedidos pelo governo holandês.

E' no meio desta diminuta, mas civilizada colónia que desaba certa noite, como se caísse do céu, uma linda mulher misteriosa, a pedir hospedagem e protecção.

Sabe-se depois que se chama Aurora; que nasceu na India francêsa; que o ilustre governador Dupleix a adoptou como filha e lhe deu por esposo, quando éla tinha apenas dezasseis anos, o conde de Despremonts; que, finalmente,

este conde estava agora prisioneiro dos piratas de Timôr.

A súbita aparição da encantadôra crioula é rialmente um excelente golpe teatral; mas outros episódios, dos mais palpitantes no romance, dificilmente seriam adaptáveis ao palco sem quebra de efeito e sem dispendiosíssimo aparato de scenário e comparsaría.

O famoso Surcouf, amigo do conde de Despremonts, recolheu Aurora a bórdo do seu navio, mas o imediato de Surcouf, um sensual e prestigioso malaio chamado Bantam, persegue-a com impertinentes assiduidades.

E' para a eximir á fauce deste lascivo hipopótamo que Surcouf, uma noite, enquanto êle dorme, a faz desembarcar furtivamente em Samarang.

Aurora, recebida na colónia dos cinco europeus, torna-se em poucas horas a divindade ou pelo menos a soberana dos seus hospedeiros. Éla consegue desde logo congraçá-los com uma horda de terríveis *damnés*, próximos vezinhos. Éla interessa-se pelo trabalho das plantações e pela sorte dos concessionários. Mas tambem, involuntariamente, chama grandes perigos sobre a colónia, porque a todo o momento se espera um assalto do indómito Bantam e porque dois dos cinco europeus, Paulo Tenneron e o conde de Clavières, a estremecem apaixonadamente desde que a viram.

*

Foi esta sina de desgraça, a par do condão da beleza, que certamente impressionou no romance Ana Plácido, pois que éla podia dizer como Aurora Despremonts: *Je porte le malheur avec moi.*

Bantam desembarca e procura sôfregamente Aurora. É Paulo que logra salvá-la ocultando-a nas ruinas de um templo. Para maior segurança, Paulo acompanha-a a Kalima, onde a deposíta na casa da família holandêsa Davidson. Bantam, conluiado com um seu protegido, Ovestein, incendeia a residência daquela família, que vai confiadamente hospedar-se na habitação de Ovestein. O sinistro plano não falhára: Bantam encontra assim a maior facilidade para raptar Aurora. É ainda Paulo que a salva, matando Bantam.

Poucos dias depois, o holandês Davidson morre de desgosto e Aurora, adoptando amoravelmente as duas meninas que êle deixára órfãs, leva-as na sua companhia para a colónia de Samarang.

Por sua parte, o conde de Clavières não dá menor prova dos sacrifícios a que era capaz de expôr-se por dedicação a Aurora.

Vai com Surcouf resgatar a Timôr o conde de Despremonts — marido dela. Batem em terra e no mar os piratas, bravamente, mas o prisioneiro tinha morrido havia mêses.

Aurora está viuva, poderá escolher novo ma-

rido. Será Paulo ou Clavières? Colocada num dilema horrível, ela não quer ser ingrata para nenhum dos dois. Permanecerá na viuvez e dá-lhes por esposas as duas meninas holandêsas. Êles obedecem-lhe como escravos. E a paz, a solidariedade, o futuro da colónia ficam assim garantidos.

Um drama, construido sôbre estes alicerces semi-fantásticos, apenas hoje encontraria logar no teatro Apólo, antigo Principe Rial.

De mais a mais, a *charpenterie* dramática de Ana Plácido é para mim muito duvidosa. Esta escritôra frequentou pouco o teatro; póde dizer-se que só o conhecia pela leitura. E faz tanta diferença!... Camilo, grande mestre no romance, não criou discípulos como dramaturgo. De modo que a apreciação de Ernesto Biester parece-me agora suspeita, não porque o cegasse qualquer *parti pris* de supôsto «elogio mutuo», mas porque, além de crítico inferior, tinha de ser gentil para com D. Ana Plácido, em nome da actriz Emilia Adelaide, a quem a peça fôra entregue.

É certo que a autôra da *Luz coada por ferros* quase emudeceu perante o grande público desde a aparição dêste seu livro até 1865: factos da vida doméstica explicam tão longo retraímento.

Em maio de 1863 nasceu em Lisboa o primeiro filho que tivera de Camilo.

E em 15 de julho do mesmo ano falecia, no

hotel de Vila Nova de Famalicão, o marido de D. Ana Plácido, acontecimento que a obrigou a partir de Lisboa para o norte, precipitadamente, a fim de liquidar os bens herdados pelo filho de Pinheiro Alves e seu.

Camilo tinha ficado, doente, em Lisboa, no «hospital do largo do Monteiro» ou seja a casa de saude do inglês Filipe Dart.

Foi aí que a certa hora da noite de 15 de julho (data do falecimento de Pinheiro Alves), estando a ler recostado no leito, «se sentira de repente asfixiado como se mão invisivel e herculea quizesse estrangulál-o.» [1]

Saíndo da casa de saúde, Camilo encontrou-se com D. Ana Plácido em S. Miguel de Seide.

O seu espírito ia visionado pelo remorso e pelo arrependimento, que lavravam fundo, porque a *paixão*, saciada na posse, já não podia falar mais alto do que a consciência.

A paixão apagára-se, o sonho desfizera-se em voláteis farrapos de vaga e dolorida saudade.

Quando entrava no mundo o segundo filho de D. Ana e Camilo (1864) saía do prelo o livro *No Bom Jesus do Monte*, onde o autôr confessava, *coram populo*, que a mulher que, no sonho e na ilusão, o «acorrentára a um cadafalso

---

[1] *Os amores de Camillo*, pág. 335.

de supplicios ignominiosos», essa mulher, a mulher fatal, já passára no seu espírito — *morrêra*.

Esta devia ter sido para D. Ana Plácido uma tremenda hora expiatória, mais nêgra do que as paredes de um cárcere, mais degradante que o banco dos réus, porque, depois da absolvição do tribunal, era o próprio amante que vestía a toga de juiz para condenar a sua cúmplice e condenar-se a si mesmo.

Melhor destino poderia haver trazido outra hora bem diferente: a legalização do falso lar pelo casamento, que é, para todas as mulheres na situação de Ana Plácido, o que elas mais ambicionam, supondo erradamente que fica remido o seu êrro no conceito da sociedade e que o amante poderá tomar a sério o papel de marido.

Engano fatal. A sociedade quase nunca é um júri benévolo. Só a palavra de Cristo conseguiu, ha dois mil anos, salvar da vindíta popular uma única adúltera. Além disto, a mulher, que vem a casar com o seu co-réu no adultério, raras vezes consegue dêle o respeito e delicadeza a que tem jus a esposa legítima. Perdido o sabôr criminoso das ligações ilegais, faltam ao mesmo tempo nessa mulher as galantices da amante e o decôro da mulher sem mancha. E' um estôfo que se voltou do avêsso.

D. Ana Plácido enganava-se como tantas outras mulheres, posto fosse mais inteligente e ins-

truída do que a maior parte delas. No seu coração ficou, desde a viuvez, cravado e sangrando o espinho do despeito. Já não era amada e, por isso, não podia contar com a supósta reabilitação pelo casamento.

Duplo desengano.

Triste lar esse de Seide logo nos primeiros mêses de 1864. A amante morta-viva. O amante arrependido do passado. Entre os dois, um filho do marido, cujo sorriso inocente evocava espectros; e dois filhos do amante, que não tinham civilmente mãe nem pai. [1] Em redor da casa triste os pinheirais e os montes.

Quando eu publiquei *Os amores de Camillo*, escreveu-me uma senhora muito distinta e ilustre — que algumas vezes me dá a honra das suas cartas literárias — inquirindo-me sôbre o que ela designava por «mysterios psychologicos da vida do incomprehensivel romancista».

Vem a pêlo recordar esses quesitos.

«Por que não entrou elle na cadeia logo que a sua cumplice foi presa?»

Respondi com palavras do próprio Camilo numa carta ao dr. Beça, de Penafiel:

---

[1] O matrimónio legitíma os filhos nascidos antes dêle, e os effeitos da legitimação principiam, em todo o caso, desde a data do matrimónio. (*Cod. Civ.*, art. 119).

«Se vencer a opinião de que os dois processos podem continuar separados até final julgamento, entrego-me. Prevalecendo a outra de que os co-reos hão de ser julgados juntos, fujo (se me não filarem antes os esbirros) para não retardar o julgamento d'ella.» (14 de setembro de 1860).

Dizia outro quesito:

«Por que se não separariam de commum accôrdo o Camillo e a Placido quando conheceram que tudo estava acabado entre elles?»

Porque, lhe respondi, apesar de todos os desequilíbrios que V. Ex.ª possa notar entre Camilo e Ana Plácido, e talvez por isso mesmo, essas duas pessoas eram exactamente as que mais convinham uma á outra pela concordância dumas qualidades e pela compensação de outras. Intelectualmente, Camilo não poderia encontrar mulher que o admirasse mais e o auxiliasse melhor em algumas tarefas literárias — versões, cópias e pesquisas — para que êle não tinha paciência nem vagar. Moralmente, Camilo era um doente da vontade, facilmente impressionável, impulsivo e fogoso; Ana Plácido dispunha de um ánimo tenaz, enérgico e sereno. Camilo era insofrido; Ana Plácido estoicamente sofredôra. Camilo imaginava-se portador de todos os morbos; Ana Plácido, tendo em nenhuma conta a sua própria saude, dava-lhe a êle coragem — até com o seu mesmo exemplo. Como

dona de casa, éla era o menos literata possivel, olhava pelos criados e pela cozinha, assistia ás vindimas, via fazer o vinho e cozer o pão, sabia pregar botões e engomar colarinhos.

A minha ilustre consulente não se deu por convencida. Replicou dizendo-me que Camilo e Ana Plácido continuavam a parecer-lhe duas pessoas indecifraveis e que menos compreendia ainda a psicología de Camilo depois que um seu parente, fidalgo vimaranense, lhe afirmou ter sido a casa de Seide propriedade do marido de A. A.

«Então, dizia-me, Camillo tinha remorsos e foi metter-se na bocca do lobo?! Alem de que...»

E não acabou a fráse.

Tambem desta vez respondi com palavras de Camilo:

«Parei aqui (em Seide) porque ainda aqui, a tempos, se me afigura rediviva a imagem do passado, ainda aquella alma se me hospeda no coração em instantes de sonhos do ceu, ainda a pedra tumular de affeições caídas á voragem infernal do desengano, está pendida sobre a derradeira: que a saudade é ainda um affecto, excelso amor, o melhor amor e o mais incorruptivel que o passado nos herda.» [1]

---

[1] *Amor de salvação.*

Nova réplica: «Declaro-lhe que cada vez percebo menos. Então não foi no Porto que elle a viu n'um baile? não foi no Porto que os amores começaram? Como é que elle via em Seide a mulher do Porto? Pela saudade? Mas então podia vêl-a em toda a parte, porque a via ao longe em lampejos da memoria para depois deixar de a ver, bem perto d'elle, quando a remettia para a *voragem infernal do desengano*. Ah! meu caro sr. A. P., confesse que ha na biographia do seu Camillo problemas impenetraveis.»

É certo. Êle mesmo os não sabia dilucidar. Citarei um, que pouco ou nada importará á psicología, mas a que não faltará, talvez, interesse biográfico: «Tenho saudades d'este jovial ancião *(o almocreve João Claro, de Vila Rial)* que nunca me chamou pelo meu nome; tratava-me sempre pelo sr. *Rei Telles;* não sei como elle descobriu em mim aquella dynastia dos Telles. *Havia n'isto fundo mysterio que João Claro levou comsigo aos abysmos insondaveis da morte.*» (NOVELLAS DO MINHO: *O Degredado*).

Que misterio seria este? Descubram-no os futuros investigadores camilianos.

Tinha eu dito que D. Ana Plácido quase emudeceu como escritôra desde 1862 até 1865. E assim foi. Em 1864 apenas sei que produzisse o prólogosinho do drama *Aurora*, ao qual pôs a data de 14 de dezembro daquêle ano.

Em 1865, o *Civilisador* estampou, além das

primeiras scenas do drama e de uma poesia, escrita em 1860 — que mais adiante reproduziremos — um artigo de Ana Plácido intitulado — *Tres lagrimas de Rachel.*

Rachel era éla mesma, como tantas vezes a designára Camilo.

O artigo é, no género das «Meditações» da *Luz coada por ferros*, uma eloquente página de autobiografía: a cristalização de três lágrimas que resumem outras tantas épocas da vida de Ana Plácido.

Tem, para o nosso fito, um alto valor pessoal como documento psicológico. Por isso o vamos transcrever integralmente:

«1.ª — Desoito annos! desoito açucenas desabrochando no jardim remançoso da innocencia, no santuario sagrado da familia.

«Que mocidade ha ahi mais rica, mais esperançosa que a minha? Que tranças d'ouro podem competir com os anneis d'azeviche de meus cabellos? Que fronte mais digna de cingir a corôa de murta e laranjeira? Que espelho mais crystallino apresentarão os olhos da côr do céu, que os meus, escuros e limpidos como noite de setembro? Que formas disputarão primasias á mulher, que revela a alma limpa de desejos atravez das feições, onde está talvez gravado o signal symbolico e omnipotente d'um condão estranho e singular?

«Quem virá um dia dizer-me: «despe essa purpura que te entraja; enverga a tunica da penitente!»

«Quem?! — Eu... — me respondes tu, sombra implacavel que ora me accusas na mudez do teu marmoreo lethargo.

«E eu obedeci: despi-a, pedaço a pedaço; e a minha primeira lagrima cahiu no estrado em que ajoelhei, anjo, para me levantar mulher!

.....

«2.ª — Vinte e cinco annos! cinco saudades desabotoando d'aquellas raizes, ainda reverdecidas, d'outr'ora; cinco espinhos a sangrar d'aquellas chagas sempre abertas!...

«Que mysterios se escondem no sacrario intimo do coração? Que vaticinio me faz refluir a côr ás faces, já emaciadas pela calcinante dôr que me vae gastando a vida? Que sabôr tem estas fezes que me achegaram aos labios, e me forçaram a provar?... Oh! mas eu ainda sou opulenta! Ainda olho ao longe com a sobranceria do nauta que, senhor da sua força e pericia, encara afouto a procella temerosa e rugidora. A minha tunica é bordada a perolas e esmeraldas; a minha realeza é ainda de causar invejas, que fartem os mais ambiciosos.

«Sim: quem virá dizer-me agora: desce d'esse throno em que tão altiva te firmas, fragil barro que te julgas de tanta valia?

«Quem, quem ousará tanto? — Eu! — me respondeste, sombra mysteriosa que me brada nas minhas reminiscencias.

«E eu desci, pouco e pouco; e a minha segunda lagrima cahiu no manto que era toda a minha riqueza; e manchou-o... para sempre.

.....

«3.ª — Trinta e dois annos! sete corôas de martyrios e perpetuas a adornar o frontal d'aquelle templo já gasto e desfeito pelos temporaes das paixões.

«Sete dias cahidos na ampulheta satanica d'um destino atroz; sete seculos contados por minutos; sete mil feridas a gotejar sangue!...

«Purpura! realeza! vãos sonhos engendrados pelo

espirito rebelde á palavra raciocinio: esteril poetar d'uma alma que avoejou pelos mares infinitos da phantasia...

«Vaidades! soberbas! átomos de pó que desappareceram no regirar phrenetico do infortunio.

«Que te deixaram, mulher? Que te resta de tantos prestigios que tu mesma esbanjaste, cega de luz infernal?

«Ai de ti, pobresinha! Quem se condoerá já agora de teus soffrimentos? Ahi tens a velhice a bater-te á porta; o desvalimento a sopezar a tua cruz; e o castigo, a expiação maldita e adorada, a arcar com os teus sublimes esforços para a vencer!

«Quem virá hoje dizer-te: «levanta-te; ergue a face da terra, que muitas ha ahi a affrontar-te, que valem menos!»

«Quem?! — Eu!... — me responde uma voz invisivel com um accento de poderosa soberania.

«E eu levantei a minha fronte humilhada; e senti novos alentos clamando:

«Oh! bemdito sejas, pharol que me illuminas! Quem és tu que assim me confortas?

«Eu sou — me diz a voz — aquelle que condemna ou absolve; sou o juiz supremo; o purificador dos arrependidos; a consolação dos que choram».

«Então senti um jubilo ineffavel, e a minha terceira lagrima foi cahir aos pés de Christo.

«16 de Fevereiro de 1865.

«*Anna Augusta Placido*».

Nesse mesmo ano de 1865 apareceu, editada pela casa Moré, no Porto, uma tradução portuguêsa do *Mêz de Maria*, obra do abalisado moralista e filósofo, padre Gratry, a esse tempo professor na Sorbonne.

A tradução saiu anónima, mas logo constou ser de D. Ana Plácido.

O prefácio, tambem anónimo, é de Camilo, que faz a apreciação do livro e diz quais os intuitos e os possiveis deméritos da versão.

A verdade é que D. Ana Plácido, descrida dos enganos mundanais, traduziu esta obra iluminando-se dos clarões de fé cristã que lhe adelgaçaram a tréva da sua tempestuosa noite de amargura. Compreendeu facilmente o texto de Gratry e verteu-o numa linguagem que não desmereceu a lúcida argumentação, os altos conceitos de filosofia teológica e social, nem o insinuante misticismo, que dignificaram esta obra.

Camilo e Ana Plácido, depois de uma temporada em S. Miguel de Seide, regressaram ao Porto, certamente no intuito de fugir ao pesadume da aldeia minhôta. Esta transferência de domicílio devia ter sido aconselhada por Ana Plácido a Camilo, para o tirar dum estreito alfoz povoado de espectros e procurar-lhe, nos literátos do Porto, interlocutores menos sinistros que os espectros.

Mas se o bulício das ruas, as conversações humorísticas do botequim da *Aguia d'ouro* ou da livraria Moré galvanizavam por algumas horas o ânimo abatido de Camilo, na vida doméstica êle apenas conseguia esquecer-se ou confortar-se no trabalho e no estudo. Mudava de casa com nevrótica impermanência, como se

quisesse encontrar uma habitação maravilhosa onde êle e D. Ana pudessem tornar a ser felizes.

Em 1868 residiam defronte do Palacio de Cristal na rua do Triunfo. Foi aí que principiaram a redigir semanalmente a *Gazeta litteraria do Porto.*

Um século antes já tivera o Porto outra *Gazeta litteraria*, tambem excelente hebdomadário, que o padre Francisco Bernardo de Lima, patriarca dos folhetinistas em Portugal,[1] enriquecêra de vasta erudição, judicioso critério e linguagem vernácula.

Mas a breve trecho este conspícuo sacerdote reconheceu que o Porto não digeria as boas iguarías do espírito a prazo certo, sobretudo a prazo curto. Passou a publicar a sua gazeta em Lisboa, de mês a mês, não conseguindo ainda assim que os alfacinhas roêssem gostosamente a interessante fôlha por muito tempo.

Êles preferiam-lhe outra fôlha... a de alface.

Camilo, sem dar peso ao desastre financeiro da primeira gazeta genuinamente literária do Porto, ou de Portugal, aceitou uma proposta para a fundação de segunda gazeta do mesmo género.

Sem embargo do muito que para éla traba-

---

1 *A sereia*, cap. I.

lhou e da colaboração de outros escritôres notaveis, a nova *Gazeta* morreu de morte súpeta depois do décimo sexto numero, deixando aberta a porta por onde entrou uma conhecida questão de propriedade literária.

Ora o nome de Ana Plácido não acompanha o de Camilo no frontispicio do periódico, nem aparece em qualquer dos seus numeros.

Mas logo no 1.º se encontram uma carta de Gastão Vidal de Negreiros, que se diz velho amigo de Camilo; um comentário em que este escritôr denuncía criptónima aquela assinatura; e o prefácio bem como o início do romance original — *Regina*, produção do mesmo signatário da carta.

Gastão Vidal de Negreiros era D. Ana Plácido.

Dizia êle... dizia éla deixando-se entrevêr, inconscientemente, no resguardo do *travesti:*

« Conheceu-me vossê por essa epoca pouco mais ou menos. Eramos ambos moços; arrastava-nos a mesma attração. Caminhavamos a par na embriaguez dulcissima d'uma aspiração irrealisavel!

« E hoje, que resta de tudo isso? De mim o digo: uma pouca de materia pezada e esteril; um coração arido e vazio; uma cabeça gelada pelo nordeste do infortunio.

.....

« Nas minhas horas escuras, sendo-me necessario sarjar feridas antigas, escrevi o papel que lhe remetto.

« Lêa, publique ou rasgue, conforme lhe parecer melhor. Dê vida... ou aniquile o lavor do cadaver. Sobre

tudo, silencio e respeito aos mortos: não lhe rasgue nunca o sudario. »

O comentário de Camilo é um místo de saudade e ironía, de tristeza e humorismo, que o *remember* de *Gastão* lhe suscitou avivando-lhe a lembrança da mocidade de ambos e de lindas mulheres portuenses, agora, em 1868, já ressequidas ou enxundiosas.

« E, sem impedimento d'este e peores desfiguramentos, a luz extincta dos olhos, que outra hora nos foram estrellas do bom ou máo caminho de nossa vida, queremos ainda que nos alumie na cerrada escuridão da vereda onde nos anoiteceu! »

O prefácio do romance é um rápido esbôço da vida social do Porto vinte e cinco anos antes.

E o primeiro capítulo abre em plena atmosféra romântica para reviverem nela poetas e poêmas famosos cantando a dor e o desalento.

Ana Plácido reproduz, ao proposito, estrofes de Byron, Gilbert e Moreau, mas sem as trasladar para a nossa lingua, o que lhe teria sido fácil e decerto mais conveniente num periódico interessado em conquistar o maior numero de leitores possivel.

É que, nos anos de prosa que vinha arrastando como pesada grilhêta, ser-lhe-ia penoso labor ter que medir e aconsoantar o pensamento dos outros poetas ou o seu próprio.

Sim, éla compusera canções quando sonhou que o amor podia ser tão firme como as montanhas, tão constante como as estrelas.

Mas a quimera, ave maviosa de altissimo vôo, se alguma vez desce á terra, fére as asas delicadas em qualquer arésta e, depois de ferida, perde o alôr e o canto.

Em 1861, Vieira de Castro, na biografía de Camilo,[1] anunciou que D. Ana Plácido ia publicar brevemente um volume de versos.

Esse livro nunca chegou a vir a lume; contudo, algumas poesias de A. A. foram divulgadas pela imprensa.

Assim, lembro-me agora de uma que todos poderêmos relêr em Camilo, nas *Scenas innocentes da comedia humana*,[2] para onde viera saudosamente transplantada do *Nacional* de 1860.[3]

Tu foges-me, anjo!? Na terra,
Sou sósinha! Ai! desgraçada!
Do pó, a um alto sublime!
No abysmo, hoje... no nada!

Eras-me vida de enlevo;
Eras Deus na magestade!
Raio de sol, eu te via
No fragor da tempestade.

---

1 Primeira edição, pág. 202, nota F. F.

2 *O tormento da memoria.*

3 N.º de 18 de Outubro.

Eras o talisman santo,
Que me dava a formosura;
Eras a graça, a magia,
Da existencia a ventura.

Sonhei comtigo o impossivel,
Quiz arrancar-te a essa cruz,
A tão negro e mau destino,
De que eu tentei ser a luz.

Quiz esconder-te no seio,
No sacrario da paixão;
Fechar-te os olhos no mundo,
Postos no meu coração.

E quiz mesmo alem da morte,
Corpos, almas, n'uma só,
Para o ceu, se o ceu existe,
Para o pó, se tudo é pó.

Tentar a Deus fôra isto!
Vil creatura que eu sou!
Em tão alto cume erguida
D'elle um sopro me baixou!

Foste tu o fraco e o forte!
Vi-te sorrir e chorar...
Mataste-me! e eu, já fria,
Ponho as mãos p'ra te adorar.

Tambem me lembro de outras duas poesias, *Beneficencia* e *Maldita*, as quais transcrevi nos *Amores de Camillo*, [1] e mais uma vez notarei

[1] Págs. 265 e 313.

que a primeira destas poesias, por Vieira de Castro atribuida, pormenorizadamente, a D. Ana Plácido, faz parte do livro *Ao anoitecer da vida*, como sendo de Camilo.

A maneira poética de A. A. era a geralmente seguida pela escola romântica naquela época, quero dizer, mais espontanea do que burilada.

Foi essa tambem a primeira fáse de Camilo no verso: hajam vista as *Inspiraçoens* (1851) e *Um livro* (1854).

É certo que no Porto mesmo, poucos anos depois de 1854, as *Poesias* de Soares de Passos, conquanto adentro da escola romântica, revelavam mais variedade e correcção de metros, menos desleixo de linguagem, maior cópia e riqueza de rima.

Mas o parnasianismo francês, já proclamado por Leconte de Lisle, esperava ainda, para ter vóga, o reforço de Sully-Prudhomme e outros.

Camilo começou a evolutir para os modernos processos de plasticidade técnica em dois sonetos, que mandou á *Folha*, de Coimbra, (1871) e que depois adicionou no livro *Ao anoitecer da vida* a outras composições anteriores a 1862.

Nas torturas da velhice, êle atingiu como poeta a sua mais alta craveira pelas quadras das *Nostalgias* (1888) e pelos sonetos *Nas trevas* (1890).

Na expiação, Ana Plácido, enterrada viva entre cinzas frias, despedaçou a lira dos seus

antigos cantares e narcotizou como pôde as maguas íntimas baloiçando-se vagarosamente no ritmo brando da prosa que éla mesma compunha ou que lia nos outros.

Tornemos ao romance de «Gastão Vidal de Negreiros».

Regina e Eugénia são filhas dum negociante portuense. Aquela, aos 15 anos, tem já o esplendor de mulher escultural e robusta. Salvador, tambem moço como éla, ama-a apaixonadamente. Eugénia, de saude mais débil, flor delicada e graciosa, não é menos adorada pelo eleito do seu coração, Rafael, um amigo e companheiro de Salvador.

Certo visconde velho e rico surge como Plutus, oferecendo um brasão e um dote, a estragar o idilio de Regina e Salvador. Personifica o deus-milhão, o casamento de conveniência, algoz implacavel da juventude burguêsa do Porto.

Os pais de Regina obrigam-na a casar com o visconde e éla, filha obediente, sacrifica-se.

Até aqui a autôra do romance reproduz a sua própria vida.

Celebra-se o casamento e Salvador, escondido por trás de um altar, assiste á ceremonia religiosa. Este esforço de sobreùmana coragem vi eu praticarem-no alguns rapazes ainda no meu tempo. Mas Salvador sái dali num profundo abalo moral, e, poucos dias depois, acha-se gravemente enfermo. Isto mesmo aconteceu a

muitos outros rapazes portuenses, que ha largos anos apodrecêram no Prado do Repouso.

Salvador foi menos infeliz: escapou á morte, que êle aliás desejava.

Apareceu tambem um noivo rico para Eugénia. Era o brasileiro Alvim, que entrou em casa do negociante a reboque do visconde. Rafael propõe á pobre menina o rapto. Éla recusa por senhoril dignidade e obediência filial, mas cái doente e morre, em três meses, de uma tuberculose aguda, epílogo romântico de amores contrariados.

Tudo isto, que parece hoje quasi inverosimil, era vulgar ha meio seculo. Honra seja feita aos rapazes e raparigas daquele tempo, que tanto deram que fazer aos coveiros e aos romancistas.

Esses rapazes e essas raparigas foram, a bem dizer, uma literatura.

Regina, depois da morte da irmã, fica abatida e melancólica, a ponto de julgar-se que a sua vida correrá perigo se o desafogo das lágrimas não vier salvá-la.

Aconselham-lhe o clima da Madeira.

Antes de partir, quere ir ao cemitério da Lapa, despedir-se de Eugénia e aí encontra Salvador, que, refugindo dos vivos, frequentava como Hamlet a mansão dos mortos.

Trava-se um diálogo rápido, em que Regina ouve as recriminações fogosas de Salvador e responde confessando uma saudade inolvidável,

mas sustentando com firmeza a dignidade de esposa.

É no mar, durante a viagem para o Funchal, que Regina, identificando-se com a tranquilidade imensa da natureza, sente os olhos inundados de lágrimas serenas. Este refrigério principia a restabelecer-lhe a saude, que o doce clima da Madeira lhe restitúi completamente.

No regresso, o visconde decide residir em Lisboa. E, uma vez aqui domiciliado, tropeça facilmente nas tentações que a industria da concubinagem arma ás algibeiras bem provídas. Fez-se «velho verde» por amor de uma dançarina, que o explorava e enlouquecia.

Regina, a quem o marido deixa longas horas abandonada, é perseguida por um *coureur de femmes*, espécie mais abundante nas capitais do que nas terras de menor categoria, porque em todas se encontra algum exemplar típico.

Eu ainda conheci Braga e Guimarães no ciclo dos ultimos e famosos morgados, que não pensavam senão em cavalos, jogatina e mulheres. Em muitas vilas do Minho tenho encontrado Tenórios de tamanco e até Lovelaces malhôes.

Mas em Lisboa a espécie não se extinguiu com a raça dos marialvas e boémios famosos.

Sobrevive ainda na burguesia e no povo, copiosa e felina.

Regina afasta com altivez decorosa o seu perseguidor, que, desesperado, não desiste de

possuir um dia aquela mulher estranhamente digna e esquiva.

Éla, por sua vez, julga ser chegado o momento de falar claro ao marido, chamando-o á razão e á realidade dos factos.

É nesta altura que o romance fica suspenso, porque a *Gazeta litteraria* termina.

Ninguem pode adivinhar o rumo que D. Ana Plácido seguiria no desenvolvimento da acção. Éla mesma não o saberia dizer, porque nessa hora de sua vida trabalhava sem plano, á medida das exigencias da tipografía, apenas com o intuito de preencher a falta de outra colaboração.

Foi justamente naquêle ano de 1868 que D. Ana Plácido reconheceu a insanidade mental do seu filho adulterino, Jorge. Por muito tempo ocultou de Camilo esta desgraça, que viria tornar ainda mais sombrio o lar infeliz. Fechou-a no segredo da sua alma, lastimando-a em silencio.

Para calcular-se a pressa e enfado com que D. Ana então escrevia, bastará dizer que duas vezes, no capitulo VII, chama Luisa a Eugénia, irmã da protagonista, sem dar pelo equívoco.

Camilo pedia-lhe três ou quatro colunas de prosa; éla sentava-se á banca e obedecia.

A extrema facilidade na composição literária paga frequentes tributos á mesa censória das infracções gramaticais.

Ana Plácido, que — *bon gré, mal gré* — rápi-

damente compunha sem pensar na posteridade, algumas vezes o fazia enquanto o moço da oficina tipográfica esperava pelo original.

Nestas circunstâncias tinha éla redigido, em substituição de Camilo, o artigo que *O Nacional* do Porto publicou no dia 18 de julho de 1859 sobre a noticia imprevista, recebida telegráficamente, do falecimento da rainha D. Estefánia.

Mas qual seria o desenlace provável do romance *Regina?*

Calcúlo que o perseguidor tenaz, ou outro qualquer aventureiro — menos o honesto Salvador — venceria enfim, seguindo-se á conquista a saciedade e o abandôno.

Bem sabemos que D. Ana Plácido não saía de si mesma quando escrevia de conta propria. Pedia menos recursos á imaginação do que á memória e... á saudade.

Certamente por delegação de Camilo, afadigado com outros trabalhos literários, Ana Plácido publicou na *Gazeta* artigos sobre os ultimos livros portuguêses que iam chegando á casa da rua do Triunfo: *Sons que passam*, de Tomás Ribeiro; *Quadros cambiantes*, de Candido de Figueiredo; *Vozes sem echo*, de Guerra Junqueiro.

E desconfio que umas ligeiras revistas de modas, assinadas com três asteriscos, apenas tocando o assunto sem nenhum aparato de vocabulário técnico, tambem seriam da sua lavra.

Pobre D. Ana Plácido! éla, que não conhecia as modas, condenada a descrevê-las!

Se nem sequer via as outras senhoras que, aos domingos de tarde, passavam em grande numero pela sua porta em direcção ao Palacio de Cristal...

As janelas da casa da rua do Triunfo conservavam-se fechadas tanto ao domingo como nos outros dias da semana.

Nem Camilo nem Ana Plácido foram vistos nunca no Palacio, que estava sendo uma novidade, porque tinha apenas três anos de existência — abrira em 1865 com a exposição internacional.

Até então havia um unico logar de reunião ao ar livre, o modesto Jardim de S. Lazaro, pequeno e sem horizonte.

Foi a circunstância de ter ido ao Porto riscar os jardins do Palacio um paísagista alemão, Emilio David, que fez que um dos vereadores da cidade, o visconde de Vilar Álen, pensasse em aproveitar-lhe a competência profissional no projecto de um novo jardim publico — o da Cordoaria.

Para atrair concorrência ao Palacio de Cristal, a sua direcção, depois do quase desastre financeiro que foi a exposição internacional, permitia aos arrendatários, Burnay e Guichard, diversões de musica e fogo de artifício nos domingos de verão, por módico preço.

Esta resolução foi sábia. O portuense, que durante a semana não ia nunca ao Palacio, para gozar o mais belo panorama que pode imaginar-se dentro de uma cidade; para jantar no *restaurant* ou para deixar correr os filhos, em liberdade, pela extensa avenida das tílias; o portuense, ia eu dizendo, não faltava no Palacio aos domingos de tarde, não tanto para ouvir a musica nem para ver á noite o fogo de artifício, como principalmente para admirar de perto, e por algumas horas, as suas lindas patrícias.

Com efeito, depois das cinco horas, familias inteiras, centenas de senhoras, começavam a afluir ao Palacio. Ali concorriam, em formigueiro, as tafulas dinheirosas de Vila Nova, da rua de S. João, da rua dos Inglêses e de Cima-do-Muro; as *brasileiras* da rua de Santa Catarina, as mulheres e as filhas dos lojistas da rua de Santo Antonio e da calçada dos Clérigos, as dos empregados publicos e dos oficiaes da guarnição, as dos médicos e dos engenheiros, as dos industriais mais cotados do bairro do Bomfim, as titulares de frêsca data e até algumas fidalgas *vieille roche* de Trás-da-Sé e de Vilar.

Era divino aquilo — todo esse vasto mapa do feminino portuense, que se desdobrava em duas ou tres filas de cadeiras austríacas ao longo da avenida das tílias, com as costas para o mar, porque os homens valem sempre mais para as mulheres do que o melhor panorama.

Ora os homens passeavam na avenida, indo, voltando, tornando a ir, tornando a voltar, dez vezes, vinte vezes, fazendo, a final, uma caminhada de seis ou sete quilómetros em cada tarde de domingo.

Quem corre por gosto não cansa.

Conversava-se, namoriscava-se, andando, passeando sempre, porque não havia bâncos nem cadeiras que as senhoras se resolvessem a abandonar.

Apareciam poetas e prosadores, Guilherme Braga e *Pedro Ivo*, por exemplo, só não aparecia Camilo e D. Ana Plácido ninguem a via sequer á janela da sua casa.

Contudo, depois do malôgro da *Gazeta litteraria*, durante três anos, a autôra da *Luz coada por ferros* não distraiu a sua voluntária reclusão escrevendo para o publico.

VII

Segundo pseudónimo

Foi em 1871 que D. Ana Plácido ressurgiu literáriamente com um novo pseudónimo — *Pedro de Souza* — no romance original *Herança de lagrimas*, impresso aonde?... no Porto? em Lisboa? em Coimbra? não, em Guimarães.

Assim o declara o frontispicio do livro: *Guimarães. Redacção do Vimaranense — Editora. Typ. do Vimaranense.*

Consultei os trabalhos de bibliografía jornalística compendiados pelo já hoje falecido Silva Pereira para verificar se a data do romance (1871) coincidia com a existência do *Vimaranense.*

Averiguei que em Guimarães houvera duas gazetas com aquele titulo, uma de 1856 a 1860, outra de 1862 a 1863, mas que, em 1871, o unico jornal ali em publicação tinha diferente título, era o que se denominava *Religião e Patria* e viveu desde 1862 a 1889.

Como explicar então que fosse editòra do ro-

mance a redacção de um periódico extinto oito anos antes?

Pedi ao meu bom amigo sr. Antonio de Carvalho Cirne o favor de me ajudar a esclarecer este facto estranho e tanto ou quanto misterioso.

S. Ex.ª, estando na quinta das Lameiras no verão de 1908, respondeu-me dizendo: Que o sr. conde de Margaride tinha sido o editôr do romance *Herança de lagrimas*, por contrato que lhe propusera Camilo; que a edição fôra enviada para o Porto ao cuidado de certo vimaranense na mesma cidade residente, o qual, tendo outros negócios a tratar, se esquecêra dos livros a ponto de ficarem ainda encaixotados em algum sótão de uma casa onde tinha habitado.

E comentava o sr. Antonio de Carvalho com a sua costumada graça, quase sempre apropriada a um duplo fundo de lógica e verdade:

«Entretanto no predio que elle abandonou, foram-se succedendo os inquilinos e é de crer que algum merceeiro tivesse encontrado dentro dos caixões uma mina de cartuchos para assucar e café.»

Assim deve ter acontecido.

O próprio sr. conde de Margaride não possúi nenhum exemplar. No mercado do Porto raros aparecem á venda: apenas tenho noticia de dois, anunciados em catálogos do alfarrabista da rua Chã, Lopes da Silva.

Até nisto se revela mais uma vez a má sina de Ana Plácido.

Finalmente, tão desconhecido se tornou o romance que um escritor lisbonense, apaixonado bibliófilo, me preguntou, ha poucos anos, muito surpreendido, onde e quando publicára aquela infeliz senhora algum escrito com o titulo *Herança de lagrimas*, que êle vira citado por Camilo.

A citação é esta epígrafe sobreposta ao capitulo 1.º no romance *Livro de consolação* (1872):

> «Historia infantil de todo o homem que sente...
> Lopo de Souza — *Herança de lagrimas*».

Será interessante notar que a epígrafe não corresponde a uma frase completa do romance de Ana Plácido.

O que se encontra a paginas 167 da *Herança de lagrimas* é textualmente o seguinte: «...a historia infantil de todo o homem que sente referver no peito o cachão do genio».

Seria proposital a mutilação? Talvez. E' um facto, tristemente documentado, que D. Ana Plácido e Camilo se trocavam remoques, ás vezes acerbos, de viva voz e por escrito. Aproveitaria Camilo o ensejo para lhe replicar que nem só os homens superiores eram voluveis (porque a passagem citada refere-se á inconstância no amor) e que, portanto, êle Camilo era

como todos os amantes em vez de ser uma excepção fenomenal?

Eu sei lá... O que é certo é que a epígrafe modifica o sentido da frase dando-lhe um caracter de generalização.

Em 1895, Nuno Castelo Branco, visconde de S. Miguel de Seide, começou a transcrever no periódico *O Leme* este romance de sua mãe, aliás com diverso titulo: *Nucleo de agonias*.

Pois tambem aí naufragou o romance, porque o jornalzito, apenas lido em Famalicão e Landim, foi a pique antes de completar a transcrição.[1]

A *Herança de lagrimas* tem por assunto aquêle em que D. Ana Plácido punha sempre toda a experiência dolorosa e toda a lição moral da sua própria desgraça.

Uma provinciana romântica e formosa, casada com um velho de nobres sentimentos, nunca desmentidos, que a trata com uma dedicação quase paternal, vem a Lisboa e entra na primeira sociedade, onde a devassidão é mais perigosa pelos seus atractivos exteriores.

Tudo deslumbra Diana na capital: o amplo aspecto da cidade, a animação ruidosa das ruas, a beleza imponente do Tejo; o salão mundano e

---

[1] Em janeiro de 1913 reapareceu o *Leme*, oxalá que sob melhor estrêla.

literário da viscondêssa ***, onde se dança e canta e se repetem pensamentos colhidos nos poetas; a elegância das mulheres e o espírito dos homens; um almôço em Cintra entre gente da alta roda, que ali mesmo representa escandalosamente a comédia do amor e do ciume: tudo isto, enfim, que é Lisboa, mãe de vicios e de crimes, como disse Tomás Ribeiro quando ainda — note-se bem — só de longe a conhecia.

Logo no primeiro baile em casa da viscondêssa ***, encontra Nuno — irmão de uma senhora a quem Diana mais se afeiçoára — o qual assésta as suas arrojadas baterias para conquistar a linda provinciana romanêsca.

Diana, no deslumbramento duma vida nova e tentadôra, defende-se apenas o bastante para o conquistador experimentado reconhecer que não tardará muito a rendição.

Êle sonda admiravelmente os temperamentos e as manias das mulheres.

Esta é romântica, lê poetas, e canta lânguidas cavatinas. Pois bem, êle enveréda imediatamente pelo trilho do romanticismo, finge-se apaixonado a ponto de parecer louco.

Diana tem conhecimento de que o fascinante Nuno vai morrer de amor por éla, éla uma provinciana, êle um alfacinha do «grande mundo», que está em convivência com marquêsas e condêssas electricas, talvez mais belas e com certeza mais distintas.

*

Isto enlouquece-a de orgulho, de vaidade, de amor-próprio e... de amor menos próprio nas mulheres casadas.

Quer «salvá-lo», concede-lhe uma entrevista nocturna em sua casa, mas o vigilante marido, que tem seguido a par e passo todas as manobras do sedutor, aparece de repente, não com uma pistola na mão, mas com estas nobres e serenas palavras nos labios:

—Eu não me apresentei aqui para fazer apêlo ao cavalheirismo de um, nem á lialdade do outro. Diana decidirá entre nós. De um lado está o amigo de toda a vida, do outro o ídolo de alguns dias. Não quero de modo algum prevalecer-me dos direitos que me conferiu a sociedade e a religião; entendam-no bem: sou velho, a minha vida está por pouco; gostoso faço o sacrifício dos breves dias que me restam, a bem da minha filha. Aqui te entrego, Diana, este manuscrito de que fui depositário até hoje. Lê-o, medita e resolve depois.

Dito isto, retirou-se sem o menor vislumbre de cólera.

Mas, por cautela, não foi para muito longe. Porque, tendo Diana sucumbido num desmaio á comoção daquêle solene e inesperado lance, o marido, enquanto o outro descia aturdido por um fiasco inédito na sua carreira de conquistador, o marido, diziamos, sentava-se junto ao leito da esposa e tenteava-lhe o pulso com o

mesmo ar de bondade e carinho, que sempre lhe mostrára.

Ora o manuscrito oferecido a Diana, para que o meditasse e resolvesse depois, era a história misteriosa de sua mãe, a história de Branca de Alvarães, cujo apelido de familia e desventuras ingentes Diana ignorava; de Branca de Alvarães, tia paterna de Nuno, malfadada que não tivera a sustê-la no resvalo ao inferno do adultério o ánimo forte e a eloquência branda dum marido ainda mais oportuno que o da *Emmeline* de Musset.

É dêsse manuscrito que D. Ana Plácido diz extraír a narrativa que constitúi a segunda parte do romance.

Branca de Alvarães, tão formosa quanto rica e ilustrada, casou com D. Jorge de Melo, que não seria o eleito do seu coração, se éla pudesse ter tido liberdade na escôlha.

Foi o pai que, já agonizante, resolveu este casamento, e Branca submeteu-se por obediência filial, não sem o ter declarado lialmente ao noivo.

Casados, Jorge tentou quebrar o gêlo que esfriava o trato íntimo de sua mulher; Branca não o repelia nem simulava fervores de afecto.

Assim lhes ia decorrendo a vida sem tempestades domésticas até que uma noite, indo Branca visitar seu tio, o velho marquês de S. Gens, surpreendeu o marido em lascivo idílio com a mar-

quêsa — mulher cuja beleza os quarenta anos não tinham prejudicado ainda.

Então pôde medir toda a perfídia de Jorge, porque as suas relações clandestinas com a marquêsa já vinham de longe. Quando êle regressou de França, onde recebêra educação distinta, foi a marquêsa que o apresentou na sociedade e certamente seria éla que lhe tinha custeado uma vida ostentosa de rapaz solteiro, porque Jorge não possuia recursos para gastar á larga.

Branca indignou-se, mas não rompeu logo com o marido que, suspeitando ter sido descoberto, procurou defender-se vagamente com brandura e carinho.

Tornou-se mais reservada, sem contudo ser ainda conflituosa a situação moral entre marido e mulher.

Branca frequentava a sociedade, onde ninguem deixava de a reputar esposa digna e honesta.

Não encontrára ainda o seu «homem fatal», conquanto éla se soubesse amada por um rapaz de nobres sentimentos, Alvaro de Sepúlveda, que fôra um dos candidatos á sua mão.

Homens desta lialdade e firmeza não são nunca fatais para as mulheres, que os não temem por os considerarem ingénuos.

Elas preferem o amor altivo e perigoso como um oceano revôlto. Os lagos claros e serenos inspiram-lhes confiança... de mais.

Alvaro de Sepúlveda não fugia á regra geral. Era tão honrado como ingénuo. Vê-lo hemos a breve trecho.

Certo dia, no Chiado, um provinciano elegante, que se dizia *blasé* para encobrir um longo cadastro de aventuras, Rodrigo Correia de Lacerda se chamava êle, viu dentro de uma carruagem a mais encantadôra mulher que faltava ainda no seu catálogo.

Vendo-a, ficou logo desejoso de coleccioná-la.

E a si mesmo preguntou muitas vezes quem seria a bela desconhecida.

Dali a pouco encontrou Alvaro de Sepúlveda, que ingénuamente o informou com exactidão:

—É Branca de Alvarães, casada com D. Jorge de Melo. Esta noite, no baile da Assembleia Lisbonense, a poderás vêr milhor, se quiseres.

Foi no baile...

O leitor, se conhece *O romance do romancista* ou *Os amores de Camillo*, sabe que tambem durante um baile, no Porto, Ana Plácido, ainda solteira, traduziu a linguagem de uns olhos que lhe disseram «vive» e de um sorriso, que lhe deu a primeira sensação de indefinido arroubo.

Eram os olhos de Camilo, dêle era o sorriso quebrado de timidez e ternura, como o próprio romancista no-lo descrevia muitos anos depois já com outro sorriso bem diferente — irónico e amargo:

Quando eu te vi n'um baile, ó flor aberta ás auras,
qual donzel medieval, pudibundo córei.
Eu, vago scismador de legendarias Lauras,
erguer a ti o olhar só mal e a furto ousei!

Nesta segunda parte do romance, como iremos notando, deparam-se-nos recordações pessoais da autora emanadas do seu mesmo drama de amor. Mais talvez do que recordações: fragmentos, ensanguentados, do seu coração malferido.

Foi no baile da Assembleia Lisbonense que Branca de Alvarães, pairando o olhar sobre Rodrigo de Lacerda, preguntou a Alvaro de Sepúlveda:

—Quem é aquele homem?

Esta pregunta corresponde perfeitamente na nossa lingua á expressão francêsa *coup de foudre* quando empregada num sentido psicológico.

Mais uma vez fica, pois, demonstrado que os homens como Alvaro de Sepúlveda ou chegam a ser maridos infelicíssimos ou servem apenas ás mulheres como submissos escravos dos seus caprichos.

Eles são os armeiros que forjam o gládio com que o batalhador ha-de pelejar e vencer.

Melhor é isso, porém, do que a outra hipótese: forjarem para si mesmos curvilineas armas nem guerreiras nem vitoriósas.

Dois meses depois do baile lia Branca de Alvarães, soluçando, uma extensa carta de Ro-

drigo, carta que eu suponho substancialmente extraída, bem como a resposta — se não textualmente trasladadas — do epistolário amoroso de Camilo e Ana Plácido.

Copiarêmos apenas alguns períodos:

«Olha, filha, eu pensei hoje muito na nossa separação. Se está destinado que ella aconteça, se a desgraça fôr tal que todo o teu heroismo seja impotente para a venceres, queres saber o meu destino immediato? Ha ao pé de Lisboa um seminario, onde a vida é melancolica e recolhida como a dos mosteiros. Ali se fazem esses homens tristes que vestem um habito negro, e vão a tres mil leguas ensinar aos selvagens que ha um Deus para os desgraçados. Partirei dali com o teu nome no coração e o de Deus no espirito.»

Naquele tempo o sacerdócio era, repetidas vezes, um degrau a subir ou a descer para sensibilizar as mulheres ou para lhes fugir.

Certamente se lembra o leitor do estado de alma que levou Camilo a frequentar o seminário diocesano do Porto e a requerer ordens menores.

Rodrigo de Lacerda, ao contrario de Camilo, queria descer o degrau.

Lida nervosamente a sua carta, Branca de Alvarães, com os olhos vidrados de lagrimas e as mãos cruzadas uma na outra, murmurou angustiada:

— Já! Meu Deus! já! *Tão cedo começa a expiação!*

Expiação... palavra frequente na *Luz coada por ferros* e na *Herança de lagrimas;* mas ainda mais frequente, por certo, nos colóquios íntimos da autôra com a sua consciência.

Dominando-se logo, Branca afirma o mesmo caracter corajoso de Ana Plácido. Bastará recordar, como sumário da sua resposta a Rodrigo de Lacerda, este unico trecho:

«Duvidares tu da minha coragem para resistir aos empuxões da desgraça e dos desgostos que nos estão imminentes, é uma affronta, filho. É o mesmo que duvidar ou desconhecer a grandeza da minha afflicção. Podel-o-has tu, Rodrigo?...»

Na linguagem amorosa do ciclo romântico o tratamento de *filho* e *anjo*, fosse no género masculino ou no género feminino, era uso corrente e geral. Em Portugal a cada passo o encontraremos nos romances ou nas cartas de Camilo e Ana Plácido. Em certa carta chama-lhe êle *minha filha* e *adoradinha*. [1] Com referência á França citarei um exemplo, que vale por muitos. São as *Lettres d'Elvire a Lamartine* publicadas em París, ha anos (1905). Elvira era casada, e o seu verdadeiro nome Julia Francisca Bouchaud des Hénettes. Nessas cartas, em que *Elvira* diz

---

[1] Vêr nos *Documentos* uma carta íntima de Camilo.

a Lamartine que sente por êle uma ternura maternal, posto que a paixão ardente a queime e desminta, nessas cartas, repito, trata-o por *mon ange, ange chéri, cher enfant, fils adoré.*

Hoje, não sei como essas coisas vão correndo, mas creio que já se chegaria á convicção de que todos os anjos da terra se avinagram, como de Alfredo de Vigny dizia Sainte-Beuve: «*est un ange... qui a bu du vinaigre...*»

Ou todos os divorciados de hoje seriam ainda hontem, nas respectivas epístolas, *anjos* e *filhinhos?...*

Tinha Branca de Alvarães acabado de escrever a carta a Rodrigo, quando sentiu bater levemente á porta do quarto.

Era o marido, que se mostrou surpreendido de encontrá-la muito perturbada. Quis êle investigar as causas dessa perturbação, queixando-se maguadamente da frieza com que fôra recebido. Pediu a sua mulher que o amasse ao menos um dia ou um instante em cada dia. Branca manteve infléxivelmente a sua glacial atitude. D. Jorge instou, suplicou. Branca, por ultimo, aludindo ás relações do marido com a marquêsa de S. Gens, disse-lhe que éla regulava o seu procedimento por este conceito que havia lido algures: « Toda a esposa que tem a certeza da perfídia do marido pode, sem culpa, negar-lhe a convivência e a intimidade conjugal. »

Perante tão invencivel pertinácia, Jorge de

Melo é lógicamente conduzido a fazer uma pregunta decisiva, mas ainda sem rancor:

— Ha no teu coração algum homem que me seja preferido?

Ela respondeu baixando os olhos:

— Não posso mentir.

Então a cólera do marido explodiu tremenda. D. Jorge insultou Branca, intimou-a a saír daquela casa, sem poder raciocinar que essa confissão tinha sido franca e que a dignidade pessoal o obrigava a devolver a sua mulher o dote que éla trouxera.

Expulsou-a, eis tudo. «Olho da rua», como teria dito e feito qualquer dos burguêses do Porto contemporâneos da minha juventude.

Branca saiu, sem levar na bolsinha de sêda um rial sequer.

Dirigiu-se ao palácio da irmã, que por fatalidade tinha partido no mesmo dia com o marido ao encontro do irmão, sucessor no titulo de familia.

Restava-lhe Rodrigo de Lacerda. Resolveu ir procurá-lo a casa dêle. Tomou uma séje de praça e fez-se conduzir rápidamente. Ao apear-se pagou ao cocheiro com um rico anel que trazia no dedo, subiu a escada, mas a comoção e a fadiga obrigaram-na a sentar-se no ultimo degrau.

Era já noite e Rodrigo esperava, impaciente, a resposta á sua carta quando lhe pareceu ter sentido alguem no patamar. Abriu a porta do

quarto, um modesto quarto de *pension*, e quase tropeçou no vulto de Branca.

Ajudou-a a levantar-se, pálida e fria, julgando que essa visita inesperada e tão profundo abatimento fossem apenas originados pela sua carta.

Já dentro do quarto de Rodrigo, expôs Branca todos os graves acontecimentos daquele dia.

Pode imaginar-se a surpresa fulminante do conquistador que, em vez duma carta apaixonada, recebe em pessoa a mulher que devia enviar-lha e que o marido repudiou: de mais a mais uma senhôra habituada a viver na opulência.

Mas não tardou muito que a surpresa de Branca fosse ainda maior que a de Rodrigo, porque as mulheres são eternas crianças no amor.

E o homem é o herói reincidênte que as engana e desengana, ás vezes sem premeditação, seja dito em abôno do supracitado herói.

Rodrigo pensou logo em assegurar-se de que Jorge de Melo ignorava quem fosse o amante de sua mulher.

Branca tranquilizou-o a este respeito, mas começou a percebê-lo.

Viu, pois, Rodrigo afastada a hipótese de duélo; restava-lhe encarar a questão financeira, para êle importantissima: era filho segundo, e

já disse um escritor nosso que ter só para si é não ter.

Depois Rodrigo começou a raciocinar como um advogado:

— Que Branca devia retirar-se a um *hotel* e escrever ao marido expondo-lhe em termos dignos a necessidade da separação. Se êle lhe respondesse com insultos, o tribunal decidiria, certamente a favor déla, que ficava, *ipso facto*, senhôra das suas acções e livre de todo o domínio.

Branca horrorizou-se com a idea do escândalo público que um processo judicial havia de escancarar.

Então Rodrigo chegou constrangido á extrema hipótese: irem ambos viver longe numa casinha rodeada de tílias, como éla tinha sonhado em seus devaneios do «teu amor e uma cabana...» com algum bucolismo circumjacente.

Branca, medindo a profundeza do abismo em que se lançára, deixou escapar esta frase de sinistro desalento:

— A eternidade é o porto seguro dos aflictos.

Passa no espirito de Rodrigo um relámpago de comiseração: obriga a amante a prometer-lhe que renunciará á idea de suicidio.

Mas, procurando a todo o custo uma solução libertadôra, propôi que Alvaro de Sepúlveda, o coração lialíssimo, fosse convidado a ir parlamentar com Jorge de Melo.

Branca já nem sabe o que ha-de pensar. Aceita essa proposta como aceitaria qualquer outra.

Alvaro acode ao chamamento, e, por dedicação á mulher sempre amada, não rejeita tão espinhosa incumbência.

Foi num *hotel* que Branca de Alvarães contou uma a uma as horas dessa terrivel noite de insónia e tortura.

Jorge de Melo recebeu Alvaro de Sepúlveda com reserva e desconfiança, mas logo se tornou expansivo quando o ouviu declarar, sob palavra de honra, que não era êle o amante de Branca.

Confessou Jorge o seu desespêro por não saber ainda o nome do homem que o ofendêra. Acusou Branca, queixou-se da sua frieza invencivel, e queixou-se de si próprio. Concluiu dizendo que não queria saber mais da mulher que o traíra, e que a entregava com o desprêzo do mundo ao homem que éla lhe preferira, porque seria esse o maior castigo a infligir á culpada.

Recebendo esta resposta transmitida por Alvaro, Branca escreveu dois bilhetes. Um ao marido: «Eu, Branca d'Alvarães, declaro que nada possuo, nem quero receber da mão de D. Jorge de Mello»; outro ao amante: «D. Branca d'Alvarães acaba de fazer o seu testamento: morreu. Queres agora acceitar a tua irmãsinha, Rodrigo?»

É-nos permitido supôr o que no mundo rial diriam os destinatários dos bilhetes, quando os

meditaram serenamente: *Jorge de Melo* — «Esta mulher é digna de ser amada e vingada.» *Rodrigo de Lacerda* — «Que grande entalação desabou sobre mim!»

E tambem nos é dado conjecturar que, entre aquêles dois homens, o que éla mais respeitaria, ao escrever os bilhetes, era o marido, por ser o que revelava firmeza de caracter no seu procedimento.

Note-se a diferença de redacção para um e para outro.

Perante o marido, Branca tem um gesto de arrogância nobre, mas discreto no modo como fala de si mesma e como se refere a êle.

Dirigindo-se ao amante, exautóra-se, abate-se, dizendo que *D. Branca d'Alvarães* morreu e pedindo-lhe que a admita numa falsa posição de tolerância sentimental.

Daqui por diante o romance *Herança de lagrimas* é a historia de todas as mulheres que se infelicitaram pelo adultério, sempre esquecidas de que não é lógico esperar que os amantes lhes sejam mais fieis do que élas o foram aos maridos.

Rodrigo e Branca fogem para o Porto a bórdo do vapor da carreira, D. Ana Plácido tambem assim viéra a Lisboa em análogas circunstancias, mas Rodrigo é o ultimo passageiro a embarcar, quase no momento da partida.

Chegados ao Porto vão instalar-se numa casa

modesta de Vilar, onde faltavam as tílias, mas sobejavam os espinhos.

Ao aborrecimento de Rodrigo, ainda com algumas intermitências de forçado carinho, acrescía a estreiteza de recursos pecuniários, porque nunca aquêle homem tinha adquirido hábitos de trabalho.

Depois, já sem clareiras de bonança, vieram os desabrimentos, as recriminações e doéstos, que se foram precipitando até ao dia em que Branca tentou suicidar-se.

Este incidente não contribuiu para tornar menos tenebrosa a vida íntima dos dois; pelo contrário, fôra um episódio violento que provocou ainda maiores violências.

Em breve chegou o momento de definir uma situação decisíva.

Rodrigo fôra instigado por Branca a patentear-lhe francamente os mais recônditos sentimentos.

Êle confessou o seu temperamento inconstante, a sua impermanência no amor.

— Já estavas enfastiado de mim, preguntou-lhe Branca, quando me escrevias aquelas cartas?

— A falar-te verdade, já.

— E tambem me traíste como ás outras?

— Sempre.

— Sempre! repetiu éla assombrada, mesmo agora?

— Agora, como sempre: nunca te fui fiel.

Este rápido e intenso diálogo quebrára o ultimo élo da pesada corrente de ferro que os escravizára um ao outro.

Rodrigo tinha de ir ao Minho por causa de negócios seus. Branca convenceu-o em duas palavras — nem tantas seriam precisas — a que a deixasse ficar no Porto.

Apenas êle partiu, certamente com a intenção reservada de não voltar, Branca embarcou no primeiro vapor a saír para Lisboa.

Novas amarguras a esperavam na capital: a irmã e o cunhado repeliram-na.

Ficaria ao desamparo se lhe não désse abrigo uma pobre viuva, prima da sua antiga e lial criada Maria.

Foi em casa dessa viuva que éla teve notícia de que certa dama residente em Elvas procurava alguma senhora habilitada a educar duas meninas.

Branca obteve esta colocação, adoptando um nome supôsto: Madalena de Queirós.

A inverosimilhança torna-se frisante: Branca de Alvarães não podia abonar o seu crédito com informações autorizadas, e de mais a mais sentia já os primeiros sinais de gravidez.

Não quero dizer que fosse uma educadôra inconveniente ou perigosa. Pelo contrário, éla sabia por experiência própria quanto valia a honra e a dignidade das mulheres e quanto se aviltavam as que deixavam de ser honestas.

Mas nem a dama elvense tomaria ao de leve uma *institutrice*, nem Branca de Alvarães quereria aventurar-se a mais um vexame quando D. Catarina, a mãe das duas meninas, viésse a descobrir que éla não era uma viuva de poucos dias, como se inculcava.

Não basta a tornar crível este episódio a patriarcal hospitalidade e boa fé da gente alentejana, porque Branca não era apenas um hóspede transitório, mas um comensal permanente, uma educadôra de meninas.

Como quer que seja, D. Catarina e a sua família afeiçoaram-se muito a *Madalena de Queirós*, cuja ilustração e delicado tráto as encantava.

Quando se aproximou o termo da gravidez, Branca despediu-se, mas não lhe foi consentido que saisse. Reconhecida a tamanha generosidade, certamente raríssima, Branca revelou a D. Catarina o segredo da sua vida e pediu-lhe perdão de a ter enganado.

Seguiu-se ao parto uma longa crise de desfalecimento físico, que Branca procurava a custo vencer nas horas em que escrevia a sua história, uma *herança de lágrimas* que Diana deveria receber com ternura e proveito, algum dia.

Quanto ao futuro da criança, tranquilizou-a D. Catarina: se o pai não viesse reclamá-la depois de ter recebido uma carta, que Branca lhe deixava, ali ficaria como se fosse pessoa da familia.

Branca de Alvarães conheceu a hora da morte, pediu o sagrado viático e as suas ultimas palavras foram de arrependimento e contrição.

Rodrigo estava senhor da grande casa de seus maiores, pela morte do irmão mais velho.

Atormentado de remorsos e saudade, que tambem ás vezes é remorso, correu a Elvas, colheu a filhinha nos braços, cobriu-a de beijos, jurou a si mesmo não a abandonar um momento.

Trouxe-a logo para Lisboa, onde arrendou um magnífico palácio em Arroios: aí vivia entregue aos seus afectos e cuidados paternais, deixando-se apenas visitar por o mais honrado dos seus amigos, Alvaro de Sepúlveda.

Entretanto, Jorge de Melo, regressando de uma longa viagem ao estrangeiro, que empreendeu quando, depois de ter repudiado Branca rompêra com a marquêsa de S. Gens, foi a Elvas visitar uns parentes — simples pretexto para evitar Lisboa, onde o assaltavam recordações pungentes.

Numa noite de recepção em casa de D. Catarina, viu um retrato que lhe deu a impressão de ser o de Branca, postoque mortificada no aspecto.

De boa fé respondeu D. Catarina a todas quantas preguntas Jorge de Melo lhe fizera: assim conseguiu êle saber o nome e residencia do pai de Diana.

Desde essa hora, o viuvo de Branca de Alvarães resolveu vingá-la e vingar-se. Mas a desafronta de sua própria honra estimulava-o menos que a saudade pela mulher que duas vezes ofendêra e a comiseração pelo infortunio a que a votou aceitando-a como esposa constrangida.

Deu-se pressa em voltar a Lisboa e esperou oculto nas vizinhanças do palácio de Arroios alguma das raras ocasiões em que Rodrigo de Lacerda vinha á cidade.

Chegou, ao cabo dalgum tempo, o dia da vingança: Jorge de Melo disparou sobre Rodrigo dois tiros, que o deixaram mal-ferido.

Foi logo chamado Alvaro de Sepúlveda ao palácio de Arroios. Rodrigo, conhecendo que o seu estado era grave, confiou-lhe a tutéla da criancinha, fez disposições que lhe assegurassem o futuro, recebeu os sacramentos muito contrito e morreu sem revelar o nome do seu agressor.

Alvaro de Sepúlveda amou Diana como pai e, apesar da diferença de idades, soube amá-la como marido até ao ponto de salvá-la de uma perdição iminente.

Ana Plácido conclúi o romance fazendo brevíssimas considerações sobre êle.

« Oxalá — diz éla — que estas lições da desgraça servissem para abrir os olhos a alguma d'essas almas desvairadas que por ventura lesse e meditasse as verdades que encerra esta historia, *cujos personagens não são ainda todos mortos.* »

Era que éla mesma e Camilo estavam dentro daquele romance, não por uma cópia exacta de pormenores biográficos, mas na psicología fundamental dos caractéres.

Assim é que de Rodrigo de Lacerda faz a autôra do romance o mesmo conceito que tantas vezes personaliza em Camilo: «Não condenemos a sua memoria: *era um grande desgraçado.*»

Quanto a D. Ana Plácido, se não foi abandonada pelo amante como Branca de Alvarães, sofreu com igual coragem a expiação do seu delíto.

Unicamente, Branca afirmou talvez mais coerência em alguns dos seus actos.

Temos substanciado o enrêdo da *Herança de lagrimas*. Resta apenas falar rápidamente do que não é essencial, mas não deixa de ter certo valor psicológico neste romance, que nasceu com tão má estrêla que, sobre ser quase desconhecido, saiu inçado de lesivas incorrecções tipográficas.

Ana Plácido, sempre que se refere a Lisboa, regísta impressões de agrado colhidas numa observação ligeira, porque a verdade é que éla pouco viu e conheceu a capital, onde, aliás, viera cinco ou seis vezes.

Fez, primeiro, a viagem a bórdo do vapor da carreira, o que lhe permitiu encantar-se com o panorama geral da cidade e pôr em confronto o desembarque no Terreiro do Paço com o es-

treito cáis da Ribeira no Porto e os paredões negros de Cima-do-Muro;[1] os arruamentos e edifícios da Lisboa pombalina com os prédios e lojas das ruas de S. João e das Flores, que no Porto ligam a zona central da cidade com a margem do rio Douro.

Esta ultima nótula impressionista—bem como a anterior — é atribuida, no romance, á suposta Branca de Alvarães; mas D. Ana Plácido autoriza-a de conta própria chamando «casinhas feias e escuras» ás daquelas duas ruas, cujos prédios são, aliás, altos e claros; e sublinhando «a pobresa das lojas onde parece que até faltava o ar e a luz.»

Ora eu ainda conheci em Lisboa soturnos, abafadiços estabelecimentos comerciais na cidade baixa, nas ruas Augusta e dos Fanqueiros, por exemplo.

Branca e o amante foram aposentar-se provisóriamente numa hospedaria da rua Direita, «local pouco limpo, de limitado transito e pouco alegre.»

Como fugitivos que não querem ser descobertos, evitaram os *hoteis* da Praça da Batalha,

---

[1] Já no romancesinho *Adelina,* da *Luz coada por ferros*, tinha a autôra esboçado o mesmo confronto. Primeira edição, pág. 10. Vê-se bem que era uma persistente impressão pessoal.

então os mais concorridos. Isto compreende-se. Quanto á rua Direita, que por sinal é torta como todas as ruas Direitas, e liga a cidade a um dos suburbios mais populosos, não se podia dizer, nem então, nem agora, que o seu trânsito seja «limitado.»

Mas é, em verdade, uma rua pouco alegre, mórmente no quarteirão mais estreito. Camilo explicou — que o progresso, por ser barrigudo, não cabe em ruas estreitas.

Ana Plácido romantiza a sensação que lhe deu o Tejo em noites de luar, com as embarcações estreladas de faróis, e digo estreladas para respeitar a comparação que a própria autôra devaneou.

Sem duvida que é majestoso o estuário do Tejo em frente de Lisboa. Mas se Lopo de Sousa se tivesse lembrado de fazer passear os dois amantes á beiramar, na Foz, em noites de lua cheia, ter-lhes-ia oferecido um belo espectáculo de scenografía romântica.

Ana Plácido exagera algum tanto a vitalidade mundana de Lisboa, a confluência elegante do Chiado, a alegria que supõe ser a feição mais caracteristica da cidade, porque viu apenas os *dehors*.

A vida interior de Lisboa não é, em geral, alegre, mas atormentada. As suas aparências enganam o forasteiro. Certo é, porêm, ser a índole da população mais frívola e leviana que nas

provincias do norte e nas do extremo sul. Uma festa publica, uma comédia da rua ou do Ginásio faz esquecer a gente alfacinha das amarguras íntimas da sua vida mesquinha.

Mas algumas observações são exactas.

«As damas surprehenderam-me pelo bom gosto do seu trajar, mais que pela riqueza dos estôfos e atavios.

«...são geralmente tão garbosas, que muitas vezes se lhes perdôa um ar pasmado e cubiçoso que as faz parecer estupidas, admirando qualquer das lindas futilidades que cobrem os balcões.»

Poderão parecer estúpidas, mas são ladínas, solertes. Quando pasmam, remordem-se: invejam o chapéu ou o vestido que não possuem.

Camilo nem garbosas as considerava: chamou-lhes «girafas empalhadas.»

«Notei n'estes homens d'aqui — escreve Ana Plácido — mais conhecimentos para enlevar e prender o espirito, bem que a sua graça seja mais frivola, e por isso mesmo menos verdadeira.»

Tambem é observação fiel, principalmente com referência aos escritôres, que foram os homens com quem Ana Plácido e Camilo mais conviveram em Lisboa.

Quero ainda singularizar certa impressão perduravel:

« N'um dos periodos mais calamitosos da minha vida [1] gostava eu de ir sentar-me sosinho (fala *Lopo de Sousa*, a autôra), por manhã fresca e temperada, n'uma d'aquellas grutasinhas de verdura do passeio da Estrella, aspirando o perfume das plantas, escutando o gorgeio dos passarinhos embuscados na ramagem, lendo ou declamando mentalmente um ou outro trecho de poeta mais estimado, deleitando-me emfim em amollentar as cruezas do meu destino com o balsamo que se instillava na minha alma, e que só colhia n'aquella amenissima solidão. »

Isto é uma pagina de biografía, e por isso a trasladamos para estas memorias.

Ana Plácido reconhece a aridez dos arredóres de Lisboa em confronto com os vergeis do Minho, mas encontra uma farta compensação nos atractivos da cidade.

Foi a Cintra, visitou a quinta da *Penha vêrde:* «... afóra as grandes arvores, por nós tão vistas no nosso Minho, nada temos que admirar, não vi mais nada.»

Este desdem por Cintra é comum a todos os portuguêses que, desde a infância, conhecem e amam as maravilhosas paisagens, os bosques frondosos que ficam para alem do rio Mondêgo.

Ao contrario de Ana Plácido, Camilo não gostava de Lisboa, da sua gente e costumes. Nascêra aqui, é certo, mas vivêra desde a in-

---

[1] 1860.

fância em terras do norte — Trás-os-Montes, Minho e Porto, principalmente no Porto.

Previno já uma provavel réplica do leitor, lembrando-lhe que D. Ana Plácido, tambem habituada a viver no Porto e no Minho, recebêra a primeira impressão de Lisboa quando no Porto a sua pessoa era implacávelmente discutida; e que na velhice, quando por diferentes vezes esteve em Lisboa acompanhando Camilo então cégo, se confrangia saudosa da casa triste de Seide e do trato do povo minhôto imensamente menos suave e culto que o dos alfacinhas.

O Chiado, que tanto a havia deslumbrado, tornára-se-lhe aborrecido como terra de exílio.

Para concluir este longo capitulo, apenas mais duas palavras de Ana Plácido na *Herança de lagrimas:* «Querem os homens que toda a mulher que pecca, céga pela paixão ou por um lapso involuntario, esteja pervertida. Não ha appellação nem aggravo d'esta sentença. Não lhe consentem depois sequer a virtude do arrependimento, a sublime agonia da contricção, para a qual o mesmo Christo prometteu a recompensa do céo!»

VIII

Ultimos livros

Sob três pretextos malévolos tenho sido acusado por haver escrito largamente a respeito de Camilo, da sua vida e das suas obras.

Primeiro pretexto: servir-me dêsse nome glorioso para explorar o mercado literário.

Todo o escritor tem o direito de escolher livremente os assuntos e certamente prefere os mais gratos ás suas faculdades intelectuais ou emotivas. Falando de Camilo, eu rendo-lhe a homenagem da minha admiração e da minha saudade. Presto enternecido culto, que nunca poderá ser excessivo, ao maior romancista que temos possuido; não divinizo falsamente um espirito vulgar, qualquer mediocridade lentejoulada.

Segundo pretexto: Descerrar o véu de intimidades biográficas que deveriam ficar recônditas.

Essas intimidades colhi-as nos próprios livros de Camilo e Ana Plácido, processo honesto que iniciei no *Romance do romancista* e que outros

escritôres adoptáram depois de mim, porque é certamente o mais seguro e fidedigno. Onde não transcrevi, documentei. Creio que não se póde exigir maior probidade profissional.

Actualmente a história literária aproveita todos os recursos de análise psicológica e psiquiátrica na biografía dos homens célebres: cartas particulares, confissões inéditas, depoimentos de amigos intimos, anedótas, indícios de mentalidade hígida ou mórbida, etc.

Maupassant, como Flaubert, de quem foi discípulo e amigo, tinha o cuidado de defender a sua vida contra a curiosidade de biógrafos que êle reputava indiscretos; não gostava da divulgação do seu próprio retrato; e queria evitar a publicação póstuma da sua correspondência.

Nesta ordem de ideas, considerou irritante profanação o facto de virem a lume as cartas de Flaubert.

Mas esta maneira de pensar não impediu que fosse contrariada a sua vontade, porque, em 1906, Edouard Maynial publicou o livro que se chama *La vie et l'œuvre de Guy de Maupassant*.

Terceiro pretexto: Que algumas revelações dos meus livros sobre Camilo são fantasiosas, posto que nunca fossem derrubadas, nem o podiam ser, pelos amigos, parentes ou outros contemporâneos do insigne romancista. Uma só foi contraditada, mas não demolida: a de Camilo

ter deixado uma filha natural. Afoguei esta contradita num montão de documentos e até de provas jurídicas: especialmente o testemunho publico do mesmo Camilo, num livro e em cartas.

Contudo eu poderia haver tentado alguma vez iluminar pela idealização retrospectiva os acessórios da acção biográfica, sem desdouro para mim nem para a verdade histórica — unicamente para lhe dar mais vida e colorido.

Uma corrente moderna, já bem reforçada, sustenta que na aridez dos estudos históricos um sopro de imaginação evocadôra é como o grão de sal que tempéra os cozinhados para evitar a insipidez enjoativa.

O que nós, em Oliveira Martins, chamamos «poder de dramatização», não é outra coisa senão o «grão de sal» que lisonjeia o paladar e abre o apetite.

Mas vejamos.

Anatole France, no seu belo livro *Le crime de Sylvestre Bonnard*, aventou arrojadamente este pensamento, que a muitos leitores teria parecido paradoxal: «A historia não é uma sciencia, mas uma arte em que só pela imaginação podemos triunfar.»

Ó sacrilegio! ó barbaridade! gritariam talvez esses leitores, indignados.

Não sei se Anatole France os ouviria, mas sei que reincidiu, porque no *Jardim d'Épicure*,

seleccionando os seus pensamentos mais queridos, reproduziu aquele.

Ora, num livro rigorosamente scientifico, *De la méthode dans les sciences*, publicado em París ha poucos anos (1910), o professor Monod, encarregado do curso de história no Colégio de França, e membro do Instituto, autoriza catedráticamente o supôsto paradoxo de Anatole France.

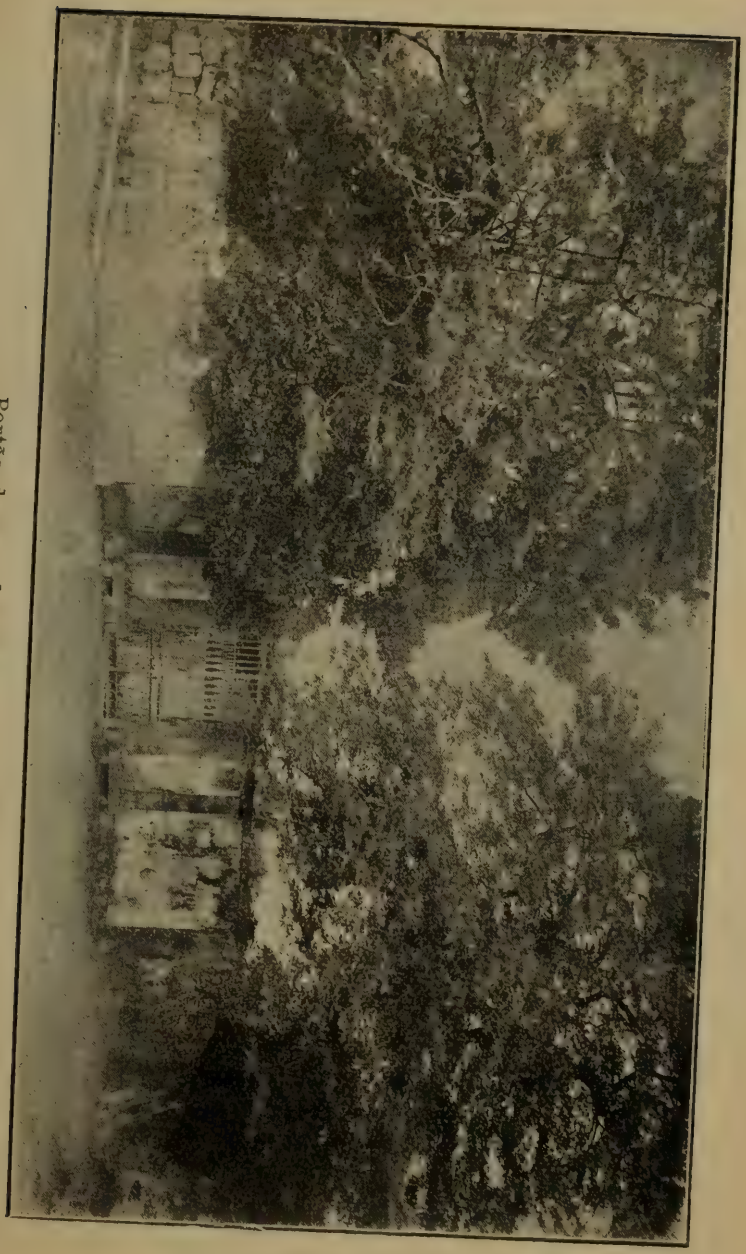
Ouçámo-lo:

«...não é indiferente que o historiador possua ao mesmo tempo que um espirito crítico penetrante, uma sensibilidade viva, uma forte imaginação e o dom do estilo. O historiador apenas terá cumprido metade da sua missão se unicamente houver reunido e coordenado os materiais que constituem a realidade histórica. Para fazer compreender esta realidade, é preciso que êle lhe dê vida. Para fazer reviver os homens, ressuscitar o passado, e é este o fim supremo da história, é necessário associar á sciência esse elemento pessoal que se encontra em todas as obras de arte.»

Monod demonstra com largueza a tése, que êle subordina á epígrafe — Exposição histórica.

Mas eu tenho sido tão escrupuloso, escrevendo de Camilo, em alicerçar sobre documentos as minhas afirmações, quanto agora o quero continuar a ser falando de Ana Plácido.

Em 1898, já no propósito de escrever este



Portão da casa de S. Miguel de Seide

livro, desejei autenticar por modo irrecusável a identificação de Ana Plácido com o pseudónimo *Lopo de Sousa*.

Dirigi-me para este efeito aos srs. Lélo & Irmão, representantes da antiga livraria de Ernesto Chardron, que, prontamente, me forneceram o documento seguinte:

« Porto, 31 de Março de 1898.

A Ex.ma Snr.a D. Anna A. Placido viuva de Camillo C. Branco, nas traducções que fez para a casa Chardron, usava do nome de Lopo de Sousa, como podemos provar pelos recibos da mesma senhora.

Lello & Irmão.»

Solicitei esta prova documental, porque julguei que outra melhor não poderia oferecer ao publico, no desejo de evitar qualquer dúvida sobre o assunto. Mas julguei erradamente. É que eu ainda então não conhecia uma carta de Camilo publicada em o n.º 7 do *Archivo bibliographico* (1895) e dirigida a Luís Augusto Palmeirim.

Este escritor planeava fazer um livro intitulado *No convento e no século* (*Poetisas e prosadoras portuguesas*) e pediu a Camilo os apontamentos bibliográficos relativos a D. Ana Plácido.

A resposta, no que por agora nos pode interessar, contém as seguintes informações, aliás incompletas:

«Anna Placido, alem da *Luz coada por ferros*, escreveu um romance *Herança de lagrimas* com o pseudonymo *Lopo do Souza;* e com o mesmo pseudonymo traduziu tres volumes de romances francezes.....
Escreveu na *Gazetta litteraria* do Porto. Ella se confessa arrependida de todos estes peccados, e te pede que a não menciones senão pelo pseudonymo. Isto é serio.»

É certo que D. Ana Plácido queria conservar inviolável aquele segredo. Nos raros exemplares de seus livros que oferecia a pessoas íntimas, pôs sempre na dedicatória esta simples rubríca — *o auctor*. Dizia éla que tinha morrido para o mundo e que os mortos devem repousar em paz. Então por que trabalhava e publicava? Para suprir ao orçamento da casa e aligeirar as horas de tédio e melancolia que a atormentavam.

Dois anos depois da *Herança de lagrimas*, «Lopo de Sousa» escreveu, a meu pedido, um artigo para o *Almanach da livraria internacional:* é *A promessa*, de que já falei mais longe, a propósito de Vieira de Castro.

Nesse mesmo ano, 1873, quando vim para Lisboa, deixei Camilo e Ana Plácido muito atarefados com a tradução, ampliada nos assuntos portuguêses, do *Diccionario universal de educação e ensino*, organizado por Campagne.

Ana Plácido vertia alguns artigos; procurava e copiava os respeitantes a Portugal. Era uma lufa-lufa de trabalho, diurno e nocturno. Camilo mais do que nunca precisava então do auxílio

*

de Ana Plácido, porque, sobre o trabalho do *Diccionario*, acrescia ao operoso escritor a canseira de trazer entre mãos *O Regicida* ao mesmo tempo que revia as provas tipográficas de outro romance — *O demonio do ouro*.

A feliz e pronta memória de Ana Plácido — chamava-lhe éla o seu maior tormento — acudia a Camilo sempre que, durante a coordenação do *Diccionario*, era preciso encontrar uma notícia relativa ao nosso país. Quando Camilo podia indicar apenas o autor, Ana Plácido citava logo o título da obra; quando Camilo indicava o autor e a obra, Ana Plácido pacientemente procurava o tomo, capítulo ou página que desejavam encontrar.

Lombroso aponta a amnésia como um estigma de degenerescência nos intelectuais. Eu tenho encontrado muita gente estúpida e desmemoriada. Camilo, grande e fecundo intelectual, tinha falhas de memória, mas não foi dos mais flagelados pela amnésia. Com perdão de Lombroso — seja-me permitida esta audácia — pendo a crêr que a amnésia não é sempre um sinal de degenerescência nos artistas e nos homens de letras, antes será em muitos deles o abuso, a fadiga da memória.

Contudo, Ana Plácido, que viveu pelo cerébro mais de trinta anos e que se entregava a leituras assíduas, conservou até á velhice toda a sua admiravel memória.

Em 1874 o editor Chardron começou a publicar no Porto uma *Bibliotheca para senhoras:* a idea era de Ana Plácido, éla mesma o declara no primeiro volume da colecção — *Como as mulheres se perdem.*

Este romance é tradução da *Marcelle* de Amédée Achard. Ana Plácido substituiu-lhe o titulo, e desculpa-se dizendo que a substituição «não altera, antes pelo contrario frisa particularmente com as calamidades que ahi se descrevem, e estão a cada passo succedendo na sociedade, senão identicas, pelo menos muito parecidas».

Sou contrário, em geral, á modificação dos titulos nas obras traduzidas; mas no caso sujeito parece-me que Ana Plácido encontrou um titulo que Amédée Achard teria invejado.

Os autores francêses abusam dos nomes dos protagonistas para titulo de romances e dramas. Ana Plácido seguiu-lhes as pisadas no romance *Regina* e no drama *Aurora;* Camilo raras vezes o fez — não me lembro senão de *Agostinho de Ceuta*, *Carlota Angela* e *Eusebio Macario* — em toda a vasta obra de novelística e no teatro que produziu. Os seus titulos eram felicíssimos, como a sua imaginação. Mas eu creio que nada ha mais sêcamente inexpressivo do que um nome de homem ou mulher como título de um romance ou de uma peça, a não ser quando esses nomes sejam históricos ou representem tipos de

classes, espécies sociais como, por exemplo, o *Tartufo* de Molière e o *Mr. Alphonse* de Dumas filho.

O assunto de *Como as mulheres se perdem* é o adultério: por isso Ana Plácido traduziu este romance e o acompanhou dum prólogo em que a sua dolorosa experiencia autoriza axiomas de ensinamento ou conselho: «o amante não é melhor que o marido»; «o amante a quem uma mulher sacrificou nome, posição e futuro, é quasi sempre o algoz mais desapiedado da desgraçada.»

A menina Marcela de Cinq-Champs, provinciana sádia, alegre e gentil, casa com o sr. De Chervette, parisiense dos quatro costados, temporáriamente em veraneio no seu *chateau*.

Depois que Chervette regressa com a noiva a París, negócios de especulação financeira, e antigas relações amorosas com Mathilde de Givray, retéem-no fóra de casa por muitas horas cada dia e algumas noites.

Marcela surpreende num baile aquelas relações amorosas e o seu coração desiludido chora e protesta em segredo, mas ainda assim éla não aceita a côrte que lhe começa a fazer um amigo do marido.

Chervette ri-se quando Marcela, bem aconselhada, o avisa da tentativa de Gastão de Vandelle, respondendo que nos salões de París todos os homens de boa sociedade cortejam as senhoras como simples homenagem.

Escusado seria dizer que De Vandelle amou e foi amado, e que um belo dia, já aborrecido de entrevistas perigosas e farto dos carinhos de Marcela, a abandona para casar com uma formosa e rica herdeira, cujo dote era para êle um salvatério financeiro.

Marcela enlouquece e num acésso de delírio amoroso, quando se imagina a sós com o antigo amante, é seguida pelo marido, que a observa, a escuta, e fica sabendo toda a verdade.

Tal é o esquelêto do romance. Não prima certamente pela originalidade, mas a pena experimentada de Amédée Achard soube acidentá-lo com brilho e deleite.

Para a mesma *Bibliotheca* traduziu ainda Ana Plácido outro romance de Amédée Achard. Intitula-se *A vergonha que mata* e saiu em 1874. Desconheço o original deste romance; não sei por isso se o titulo seria alterado.

O assunto é tambem o adultério.

Maxencia Humbert, orfã e pobre, conheceu a miséria antes da velha senhora de Courtheson a ter agasalhado carinhosamente no seu palacio de París. A lembrança da miséria horrorizava-a e a lembrança do conde de Bruxshall, banqueiro alemão, cuja soberba equipagem vira um dia, dava-lhe um vago sonho de grandeza sempre que recordava esse episódio da infância. Maxencia recusou a mão dum rapaz que era funcionário publico, e foi pelo receio da pobreza que

éla o não quis. Mas aceitou como esposo o sr. Fernando Clavel, homem de sciencia, professor, membro do Instituto, apenas abastado, e talvez rico no futuro se pusesse em jogo a sua fama com o propósito de enriquecer.

Clavel depositava tanta confiança na química como em sua mulher. O laboratório, a cátedra e uma grande obra que empreendêra — *O estado presente das sciencias em relação á química* — absorviam-no com mais ambição de gloria que de dinheiro.

Maxencia não o compreendia. Éla tinha liberdade, tinha gosto pelos salões, que se não recusavam a receber a mulher dum membro do Instituto, mas não tinha joias, não tinha *toilettes* brilhantes e receava que sua filha viesse algum dia a saber, como éla sabía, o que era a pobreza.

Um acaso — o diabo prepara sempre estes acasos — fez que encontrasse na sociedade o conde de Bruxshall. Éla reconheceu-o logo; êle reconheceu-a tambem. Cortejou-a, venceu, e Maxencia pôde começar a ver realizar-se o seu antigo sonho, porque as liberalidades do conde eram proporcionais aos grandes lucros dos negócios em que se metia.

Fernando Clavel elogiava o tino administrativo com que Maxencia governava a casa, porque só assim podia explicar a si mesmo tudo o que de prodigioso se passava na multiplicação dos seus haveres.

E continuava a confiar tanto na química como em sua mulher.

Um dia, porem, viajando só, ouviu conversar uns passageiros a respeito do conde de Bruxshall, das empresas financeiras que dirigia e das conquistas galantes que realizava. Falaram de madame Clavel...

O sábio, numa alucinação de desespêro e vergonha, retrocedeu a París, mandou testemunhas ao conde e chegou a ir ao campo, mas uma congestão cerebral prostrou-o no momento em que o duelo ia começar.

O tratamento foi longo; longa foi a convalescença. Maxencia mostrou-se enfermeira dedicada. Estava sinceramente arrependida, odiava-se a si propria. Envenenou-se: fazia justiça por suas mãos. Pediu ao marido que lhe perdoasse. Clavel pareceu ir obedecer a um impulso de ternura, mas logo se dominou repelindo Maxencia e dizendo: «Não posso. Não posso.»

Lembra-se a gente do procedimento de Pinheiro Alves na presença do páraco de Famalicão...

Depois da morte de Maxencia, Clavel, num extremo abatimento intelectual e moral, foi viver com a filha, a sua querida Maria, e com o genro, que estava á testa da casa comercial herdada do pai.

O alquebrado professor reconheceu no pescoço de Maria um colar de pérolas e diamantes. Esse

colar disséra Maxencia ao marido ter pedras falsas. Clavel, certo de que não era assim, pediu á filha que nunca mais o trouxesse. Maria atribuiu a saudade pela mãe este pedido, que logo prometeu cumprir. Nem éla nem o marido sabiam de nada e por isso veneravam a memória de Maxencia.

O conde de Bruxshall foi a casa do genro de Clavel tratar negócios. Entrou numa sala onde o sábio estava sentado ao fogão com um livro sobre os joelhos. Ao vêr o conde, Clavel ergueu-se de golpe e avançou hirto para êle bradando:

— O sr. aqui!

Bruxshall recuou dizendo apenas:

— Perdoe-me.

Apareceu primeiro o genro, muito sobressaltado, a inquirir o que tinha sucedido.

Clavel respondeu exaltadissimo:

— Pois não sabem quem é este homem? É...

Deteve-se quando viu entrar Maria, tambem alvoroçada.

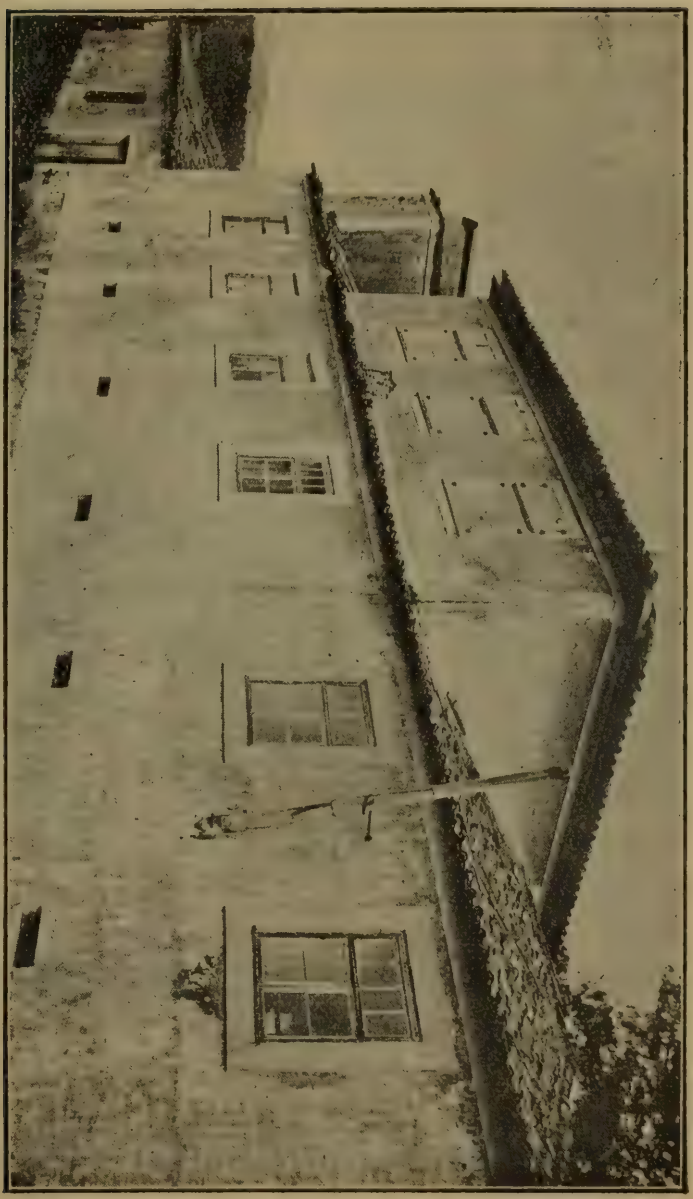
— Santo Deus, minha filha! exclamou.

E caiu redondo no chão.

Procurou-se á pressa um médico, que se não fez esperar.

— Foi uma congestão cerebral... morreu instantáneamente, concluiu o médico.

Eu não sei se os homens atraiçoados pelas espôsas, como Pinheiro Alves e o supôsto Fernando Clavel, morrem unicamente de vergonha. Mas,



A casa habitada por Camilo e D. Ana Plácido em S. Miguel de Seide

pelo que sei a respeito do marido de Ana Plácido, suspeito que muitos dêles morrerão tambem de amor, de ódio e... de saudade.

Em 1875 a *Bibliotheca para senhoras* deu mais uma tradução de «Lopo de Souza»: a do romance de Benjamim Constant—*Adolphe*—com o titulo de *Aprender na desgraça alheia.*

Aqui torna-se mais grave a mudança de título, porque este romance, alem de consagrado pela milhor critica do seu tempo, é um trecho da biografia do autor, e muito conhecido.

Ana Plácido diz no breve prefácio que lhe antepôs: «eu que o li nos dias felizes, e apenas comprehendi as bellezas plasticas do grupo, hoje é que profundamente saboreei o travor d'estas lagrimas, sentindo em mim a repercussão das tormentas acalmadas na sepultura. *Ha ahi uma martyr que teve no mundo uma grande celebridade* e a mais radiosa aureola que ainda brilhou em frente de mulher: chamou-se Madame de Staël.»

Alude aos amores de Benjamim Constant com a famosa escritôra francêsa. Mas quanto D. Ana Plácido se enganava a respeito da *mártir* que lastíma! Vamos dizer sucintamente a situação íntima em que se encontravam o *algoz* e a *mártir* no momento em que Benjamim Constant se retratou na psicología de *Adolphe.*

Este romance foi escrito por Benjamim Constant, nas vizinhanças de Auxerre, em casa da baronêsa de Staël, estando tambem ali um por-

tuguês, D. Pedro de Sousa Hólstein,[1] a passar uma temporada.

Era o ano de 1806.

Staël escrevia a *Corinna*, Benjamim Constant o *Adolfo*, e D. Pedro traduzia em francês os primeiros cantos dos *Lusiadas*, para serem entendidos pela ilustre dona da casa.

Idade destas três personagens: Staël quarenta anos; Constant trinta e nove; D. Pedro vinte e cinco anos — um rapaz.

A baronêsa, viuva desde 1802 do velho diplomata suéco, a quem deveu o título e bens de fortuna, *martirizava-se* nessa época do seguinte modo: reconhecendo que Benjamim era um amante na fáse do tédio, procurava na mocidade de D. Pedro uma compensação vantajosa.

Não ha dúvida que Benjamim Constant queria libertar-se e ao mesmo tempo hesitava. O *Adolfo* descreve magistralmente esse dúbio estado de alma. Mas, enquanto não tomava uma resolução definitiva, ia atraiçoando Staël na intimidade de Carlota de Hardenberg.

Por sua parte, a baronêsa, sentindo fugir-lhe um amante, pensava noutro. Éla tinha quarenta anos, um nome literáriamente glorioso, muito espirito, olhos admiraveis, cólo e braços modelares.

---

[1] Depois primeiro duque de Palméla.

A duquêsa de Abrantes, tão difícil de contentar no tocante á beleza das outras mulheres, nega que madame de Staël merecesse a reputação de feia, louva-lhe os olhos e a plástica. [1]

Aos quarenta anos, as mulheres ardentes, talentosas ou não, orgulham-se de ser amadas pelos rapazes.

Mas D. Pedro não era um arrebatado nem um sentimental. Aceitaria a «distracção», mais amável do que amoroso; ponderava por isso mesmo os inconvenientes da «ligação», do «compromisso», inconvenientes que êle bem reconhecia nas páginas do *Adolfo*, quando as ia ouvindo lêr ao autor.

D. Pedro não tinha, por felicidade sua, o temperamento inflamável daquêle jóvem oficial, Alberto de Rocca, que veio a ser o segundo marido da baronêsa de Staël quando éla já entrava nos quarenta e seis outônos e êle incendiava o paiol de uns ingénuos vinte e três anos.

Por fim, *finis coronat opus*, a autôra de *Corinna* sempre conseguiu apanhar na rêde um rapaz.

Ora, em 1806, madame de Staël, entre Constant e D. Pedro, vendo que esses dois homens lhe fugiam por motivos diferentes, ia entretendo

---

[1] *Histoire des salons de Paris* (1837) tomo II, ultimo capítulo.

correspondência activa com o poeta italiano Monti, mais velho que éla uma boa dúzia de janeiros.

Temos visto de que modo a baronêsa de Staël se *martirizava*, na boa fé de Ana Plácido, que não era como esta francêsa, e outras plumitivas igualmente francêsas, uma *curieuse d'amour*. Quem se martirizou não foi Staël, foi Ana Plácido. Façamos-lhe essa justiça.

E tambem seja feita justiça a Camilo, que tornou públicas algumas revelações não menos sinceras que as páginas de *Adolfo*, mas que não abandonou nunca Ana Plácido, ao contrario de outros, por exemplo, o grande artista Listz, que depois do escândalo com a condêssa d'Agoult [1] a qual lhe déra um filho e duas filhas, [2] coabitou longos anos com a princêsa de Sayn Wittgenstein.

O romance vivído por Camilo só deixa de parecer-se com o que Benjamim Constant escreveu em Leonor não ter sido casada e em ter morrido primeiro que o atormentado Adolfo.

No mais é igual. Camilo e Ana Plácido não podiam separar-se como inimigos nem ser felizes um com o outro.

Precisarei contar por miúdo o enredo de *Adol-*

---

[1] Que na literatura francêsa adoptou o pseudónimo de *Daniel Stern*, como aliás já dissemos.

[2] Uma, depois de divorciada, casou com Ricardo Wagner; a outra foi esposa de Emilio Ollivier.

phe, depois do que fica dito? Decerto que não, tanto mais que esta pequena obra prima tem curso entre todos os nossos patrícios cultos.

E em Portugal a literatura francêsa é mais conhecida que a portuguêsa. Faz-me lembrar isto aquêle filólogo Schmoll, inventado por Anatole France no *Lys rouge*, que sabía todas as linguas, menos a sua.

Por ultimo, não posso esquivar-me a fazer duas citações de Camilo a respeito de *Adolphe*.

A primeira sacóde o sistro da ironia sobre os seus antigos amores com D. Ana Plácido:

«Foi ella (*madame Elisa Weimar*)[1] quem me deu o *Adolpho*, romance de Benjamin Constant, e me disse: «Leia-o emquanto lhe póde ser proveitoso». Li-o, e não aproveitei nada; nem ella, que o lêra tres vezes, aproveitára muito. Os livros nada ensinam na alçada do coração. A experiencia, sim; mas a lição vem tarde. Quem ensina tudo é a velhice. Ainda bem, se nos salva dos espectaculos do riso, e nos tira o pincel do bigode.»

A segunda citação côlho-a nas *Scenas innocentes da comedia humana*:

«O mercadôr de chá e assucar enfastiou-se de Maria Angela como Saint-Preux, como D. João, como *Adolpho*, como Fausto, como Obermann.»

Era como se dissesse a Ana Plácido: «Cui-

[1] *Suicida*, Porto, 1880, pág. 21.

das que eu sou unico? Vê lá como estou em boa companhia.»

O ultimo livro publicado por D. Ana Plácido foi a tradução do romance de Victor Cherbuliez — *Meta Holdenis* — com o titulo *Feitiços da mulher feia*. Este não faz parte da *Bibliotheca para senhoras*. Foi impresso em Coimbra, no ano de 1876, quando Camilo para ali havia transferido o seu domicílio a pretexto de educar os filhos.

Nos *Feitiços da mulher feia* ha uma adúltera, que por excepção vive feliz com o sr. de Manserre, até que recebe como *institutrice* da filha uma rapariga alemã, Meta Holdenis, ambiciosa e hipócrita sob a máscara do misticismo adquirido nos hábitos ostensivamente bíblicos da casa paterna.

Era feia mas apetitosa, e tinha uns olhos azuis que lhe serviam para disfarçar a expressão dos sentimentos, diluindo-a num luar de safira.

O pintor Tony Flamerin conheceu-a em Genebra, namorou-a e fugiu-lhe numa raiva de ciume. Ora este pintor era amigo íntimo de Manserre, que procurava uma preceptôra para sua filha Lulu.

Quando essa preceptôra chegou, Tony teve uma surpresa agradavel: era Meta Holdenis que êle tornava a ver, inesperadamente.

A convivência dentro das mesmas paredes e

a liberdade dos costumes provincianos facilmente reatáram o namôro. Meta deu explicações a Tony, desvaneceu-lhe as suspeitas de ciume, e êle preguntou-lhe se o aceitaria por marido. Meta, certamente com intenção reservada, pediu um ano de espera.

Entretanto a mãe da pequena Lulu ficou viuva e apta a legalizar a sua mancebía com o sr. de Manserre.

Mas a *institutrice* tinha-se metido astuciosamente de per meio: o sr. de Manserre estava apaixonado por éla.

Tony assume o papel de Desgenais nesta complicação doméstica, tomando a defesa da mãe de Lulu.

Meta, dominada pela ambição de casar bem, intríga, enréda, e vai ganhando terreno á medida que a ilegítima madame de Manserre o perde.

Este escândalo atinge a maior intensidade quando Meta, depois de ter prometido a Tony retirar-se daquela casa, insinúa ao sr. de Manserre que o pintor é amante da mãe de Lulu.

Tão infame ardil pôde ser desfeito com dignidade por os dois acusados.

Meta não se declara ainda vencida e recorre ao expediente de reconciliar-se com Tony, procurando capacitá-lo de que para lhe fazer ciumes aceitára a côrte do sr. de Manserre.

O pintor não cái no laço, ri-se, e repele-a.

Vendo-se completamente perdida, Meta faz as malas e parte.

O sr. de Manserre casa com a mãe de Lulu e Tony jura aos seus deuses ficar de pé atrás com todas as mulheres cujos olhos sejam azuis como os lagos africanos onde vivem crocodílos.

Passado tempo, ia Tony em viagem de Lyon para Valence, numa noite de inverno, embuçado de modo que não seria fácil reconhecê-lo.

Em qualquer estação entraram na mesma carruagem três freiras protestantes, uma das quais parecia ser a superiôra das outras.

Esta, conversando com as duas companheiras, dizia-lhes que os francêses eram amáveis mas corrompidos, e a propósito contava-lhes a história seguinte:

— Éla estivera como professôra numa casa francêsa e encontrára aí um pintor de grande nomeada, que logo no primeiro dia lhe fez declarações á queima-roupa. O dôno da casa, declarando-se ao mesmo tempo, empregára todas as diligencias para a seduzir. Pelo que éla teve de evadir-se uma noite, passando muitos perigos, de que só a divina graça a pôde salvar.

Era Meta Holdenis.

Ao apear-se na estação de Valence, Tony deu-se a conhecer com uma espirituosa alusão.

Mas logo o comboio seguiu a sua marcha levando para Itália a virtuosa Meta de olhos celestes, talvez mais acautelada no resto da viagem

em contar outros casos de perversão... universal.

Camilo apenas forneceu a Palmeirim a indicação de três romances francêses traduzidos por Ana Plácido: *Vergonha que mata*, *Como as mulheres se perdem* e *Feitiços da mulher feia*.

Esqueceu-lhe fazer menção de *Aprender na desgraça alheia* (*Adolphe*).

Vê-se que a tradutôra, se foi ouvida, não quis avivar-lhe a memória, porque todo o seu desejo era não ser lembrada como escritôra: confessava-se *arrependida de todos estes peccados*, segundo a expressão de Camilo.

D. Antonio da Costa, no livro *A mulher em Portugal*, que saiu póstumo [1] e incompleto, apenas faz esta ligeira referência a D. Ana Plácido:

«Um grande talento se abriga no espirito da sr.ª Viscondessa de Corrêa Botelho, a illustradissima auctora da *Luz coada por ferros*, da *Herança de lagrimas*, da *Regina*, e nacionalisadora de Mery, [2] de Ville Franche, [3] de Gratry, [4] e de Cherbuliez.»

---

[1] 1893.

[2] D. Antonio refere-se ao drama *Aurora*.

[3] Refere-se, talvez, á obra de Villefranche, *Pio IX*, cuja tradução, prefaciada por Camilo, saiu anónima, em 1877.

[4] Refere-se ao *Mês de Maria*.

Camilo não reviu ou limou os livros traduzidos por Ana Plácido, como não tinha revisto os originais que éla compôs e publicou anteriormente. Se o tivesse feito, não haveria deixado passar nas traduções — pois que só destas estamos tratando agora — alguns lapsos que são pequenas manchas na pureza e correcção da frase.

Nunca é de mais insistir na verdade dos factos.

Quanto á linguagem, notarei que, nos *Feitiços da mulher feia*, Ana Plácido, emancipando-se um pouco da obediência ao diapasão literário, revela ter assimilado o vocabulário minhôto, não menos clássico, nem menos variegado.

Querem um exemplo? Dá-lo hei em poucas palavras:

«De repente ouvi *esgadanhar* na porta do meu quarto: appliquei o ouvido. *Arranharam* de novo. Gritei: — Quem está ahi?»

É o falar do Minho e bem português que êle é.

A escritôra que foi D. Ana Plácido não valeu literáriamente uma Staël, uma George Sand, uma Radcliffe, uma Orzeszko ou uma Sévigné, mas exerceu na história moderna da literatura portuguêsa a acção profícua da mulher que, por uma ligação passional e pela fecunda identificação de íntimas dôres, evoca e agita todas as apti-

dões intelectuais de um escritôr ou de um artista.

Camilo, no cárcere, aonde esse estrondoso drama de amor o arremessou, renasce de si mesmo como homem de letras, como estéta e ironista, como psicólogo e poeta, o seu estilo brune-se e aliza-se de encontro aos ferros da janela, a sua palêta enriquece-se com as tintas que lhe servem para copiar de si mesmo e dos outros as grandes amarguras humanas; a sua linguagem embebe-se de mais profundas lágrimas e vibra de mais sincera espontaneidade emotiva, a ponto que uma nova fase literária irrompe, caudalosa e pujante, com os dois romances em que são protagonistas ostensivos o padre Alvaro Teixeira e Simão Botelho.

No fundo destas duas novelas estorce-se a Dôr, geme opréssa a alma de Camilo, é o próprio autor que se debate ali, encarcerado por um delíto do coração, sem esperança e sem fé num julgamento que presume severo, temendo uma sentença condenatória que supõe inevitável.

Eu já nos *Amores de Camillo* esbocei de leve esta observação psicológica, e quando lá escrevi que—«a dor é fecunda como o dente do arado: rasga para fertilizar», não tinha lido ainda o *De Profundis* de Oscar Wilde, onde folguei de encontrar a confirmação, plena, autorizada, experimental, daquela minha impressão apenas esboçada.

Ali sustenta Wilde que aos movimentos do cérebro em actividade creadôra correspondem vivas e terriveis vibrações de dôr; que sendo a Dôr a emoção suprema do homem é ao mesmo tempo o tipo e o modêlo de toda a grande arte.

Tal foi o caso de Camilo, cuja evolução intelectual teve a sua origem histórica, bem definida e reconhecida, no amor criminoso que lhe inspirou Ana Plácido.

Éla mesma, Ana Plácido, que até 1860 era apenas uma senhora instruida, anónimamente bem educada, deveu ao amargurado trânsito pela cadeia do Porto, as dolorosas crises morais ainda maiores que as de Camilo, a revelação das suas aptidões de escritôra até então desconhecidas do publico e que sem uma violenta tempestade teriam decerto estiolado na obscuridade timidas e inconsciêntes.

IX

Morte redentôra

Teve Julio Machado razão, além de espirito, quando disse que D. Ana Plácido nunca fôra uma poetisa de lápis atrás da orelha. Nesta infeliz senhôra o talento era modesto e humilde, conforme ao seu caracter extremamente bondoso e ameno. Jámais deixou de ser a *femme d'intérieur* para ser a *femme savante*. A sua ilustração—mais ainda do que a sua inteligência que se adivinhava logo ás primeiras frases singelas — a sua ilustração apenas se deixava vêr, discrétamente, quando se procurava. Póde até dizer-se que D. Ana Plácido, que tivera um dia o impudôr da paixão, tinha o pudôr do talento e o pudôr da crítica.

Nunca a ouvi dizer mal de ninguem. Ás vezes atalhava uma expansão azêda de Camilo contra algum sacripanta, dizendo mansamente: «Deixa-o lá, coitado.» Coitado era na sua bôca o maior excesso de censura ou desdem. E des-

viava logo para outro qualquer assunto a atenção de Camilo.

Éla procurava acalmar o genial romancista com palavras brandas e suasórias sempre que o via irritado ou colérico por desgostos literários, e sagazmente prevenia quaisquer conflítos que pudessem inquietá-lo.

A este propósito lembrarei apenas um caso.

Como se sabe, Camilo tinha escrito a *Infanta capellista* quando o imperador do Brasil o visitou no Porto em 1872; até já estavam impressas 7 fôlhas.

Bento de Freitas Soares, então governador civil daquêle distrito e velho amigo de Camilo, aconselhou-o a corresponder á honra da visita imperial suprimindo um romance que visava agressivamente a casa de Bragança. [1]

Camilo, fácilmente impressionável, convenceu-se, e, recolhendo a porção de manuscrito que tinha na imprensa, mandou inutilizar as fôlhas impressas, guardando apenas um exemplar de cada uma.

«A *Infanta capellista* — dizia êle em carta a Vieira de Castro — ha muito que está desfeita. A consciencia entrou-me pela algibeira. Perdi muito, cavei difficuldades, mas sinto-me bem commigo.

---

[1] O sr. dr. João Arroio ouviu da bôca de Freitas Soares esta revelação.

«Escrevi depois um romance, que te hei de enviar no proximo paquete, intitulado o *Carrasco de Victor Hugo José Alves*. Aproveitei grande parte da *Infanta* — tudo que não embarrava pelo throno; mas ainda assim não lhe expongi algumas ironias que me hão de custar injurias dos abjectos que são aos cardumes á volta do rei.»

Da hecatombe a que foram condenadas as fôlhas impressas poucas puderam ser furtivamente salvas, sem Camilo o suspeitar, nem Ana Plácido. [1]

Em 1873 o visconde de Ouguela pedia a Camilo, como já Vieira de Castro o fizera, que lhe mandasse o que da *Infanta capellista* houvesse sido impresso.

Mas D. Ana Plácido, receosa de que algum dia Camilo pudesse voltar á idea de publicar a *Infanta capellista* e sofrer qualquer vingança do Terreiro do Paço, sumiu o unico exemplar das fôlhas que o romancista lhe mandára guardar.

Ana Plácido não se enganou acautelando o futuro.

Camilo respondeu de Seide ao pedido de Ouguela:

«Vou ver se topo a *Infanta capellista*. Desconfio que Anna Placido a queimou, quando *eu vim quasi resolvido*

---

[1] Eu só no verão de 1905 pude obter uma dessas fôlhas, talvez bibliográficamente a mais valiosa por ser a do frontispicio.

a reimprimil-a, e receiou que o governo me prendesse... Desconfio, porque perguntando-lhe onde tem no Porto o exemplar, me disse que não sabia. Nada se perdeu, senão uma hora de leitura menos fastidiosa.»

Dois motivos explicam o receio de D. Ana Plácido, aliás pouco dada a pavôres: o facto do visconde de Ouguela haver sido preso por motivos políticos [1] e a possibilidade de vêr a saude de Camilo gravemente abalada com a prisão por ofensas publicas ao chefe do estado e á sua familia.

Na casa de Seide, melhor ainda que no Porto, pude observar em D. Ana Plácido o seu governo doméstico, a sua actividade de boa dona de casa. Vi-a levantar-se da cadeira em que estava lendo para ir dar uma volta pela cozinha e vir depois anunciar que tal prato estava de apetite e que o jantar não faltaria á hora certa. Vi-a descer á adéga com a criada que ia tirar o vinho ou á despensa para dar por sua própria mão o que era preciso na cozinha.

Sobre este aspecto caseiro não póde haver duas opiniões diferentes.

Em Coimbra conheceu o sr. Adelino das Neves e Melo a autôra da *Luz coada por ferros* e êle no-la descreve fielmente na vida íntima: «Es-

---

[1] Estes motivos foram explanados por Camilo no livro *O visconde de Ouguela, perfil biographico*. Porto, 1873.

crever ou tomar lições aos filhos, tocar piano ou costurar, eram as suas habituaes occupações, não desdenhando ir tambem á cozinha preparar algum prato que combatesse o fastio habitual de Camilo que, alem da fraqueza do estomago, julgava ter uma infinidade de doenças, que humoristicamente descrevia aos amigos.» [1]

Ana Plácido fôra robusta, sadia, *mulher turdetana do norte*, e apesar de algumas dôres reumáticas, que adquirira na cadeia do Porto e de que se tratava nas caldas das Taipas, [2] poderemos dizer que até aos quarenta e oito anos de idade opôs válida resistência ao duro embate de muitos desgostos e trabalhos — desgostos ainda mais pesados que os trabalhos.

Camilo não tinha pensado em legitimar as suas relações com D. Ana Plácido, e este era o maior desgosto déla, abafado no peito, sem um queixume sequer. Jorge Castelo Branco todos os dias avançava para a loucura. Seu irmão Nuno parecia não querer tomar rumo. Manuel Plácido, o filho de Pinheiro Alves, falecêra de pneumonía em 1877, e é um fenómeno psíquico, constantemente observado, amarem as mães os filhos de

---

[1] Artigo no periódico *A Revista*, janeiro de 1898.

[2] «*** vai para as Taipas no primeiro de julho, obrigada por soffrimentos que datam de 1861, d'aquelle quarto fétido e frio da cadêa.» Carta de Camilo a Vieira de Castro (1871).

maridos a quem élas não puderam amar. Ana Plácido não foi excepção á regra geral.

Em 1878 o espirito de Camilo principiou a horrorizar-se com o receio da cegueira, que já o tinha inquietado na Relação do Porto em 1861.

Sofria duma conjuntivite, que o não deixava escrever nem lêr á noite.

Ana Plácido atormentava-se sempre que êle se exaltava em alucinações de impaciência e pavôr.

Com esta nova amargura coincidiu um súbito abalo na robustez da mulher forte. Manifestaram-se-lhe claros sintomas de lesão grave. Camilo, ao reconhecê-los, dizia ao padre Sena Freitas:

«Ana Placido tem uma angina pectoris. Eu considero-a perdida. Tenho dois filhos d'esta senhora. Um d'elles é adulterino, está privado de lhe succeder nos bens. Alem d'isso, se ella morre, *a saudade ha de pungir-me com o remorso de a não ter honrado aos olhos dos filhos e do mundo.*

«Eu queria que V. Ex.ª me obtivesse licença do seu arcebispo para eu a poder receber.»

E, no final da carta, referindo-se ainda a D. Ana Plácido:

«Escrevo-lhe ás 2 da manhan ouvindo-a gemer nas agonias do coração.» [1]

---

[1] Paulo Osorio, *Camillo*, 1908, págs. 370-371.

Foi o primeiro ataque da angina péctoris. Pôde ser combatido, mas a ameaça do perigo ficou, sem que D. Ana Plácido se mostrasse preocupada. A morte, dizia éla muitas vezes, é a redenção providencial dos infelizes. E, contudo, o seu cális de amargura não trasbordava ainda. Outros desgostos a esperavam. Eu vou desenrolar aos olhos do leitor um negro calendário, abundante de sinistras datas.

Em 1880 declarou-se francamente a demência de Jorge, irremediável por ser congénita.

Em agosto de 1884 morre tuberculosa, aos dezanove anos de idade, a mulher de Nuno, deixando nos braços de Ana Plácido uma criancinha, que se chamou Maria Camila e viveu apenas dezessete mêses incompletos.

Durante os treze dias que intervalaram a morte da mãe e da filha, Ana Plácido e Camilo padeceram a atrocíssima angustia de vêr agonizar a neta, que lhes sorria entre contorções e gemidos.

Quando éla expirou, os dois avós sentiram-se esmagados. Através dum nevoeiro de lágrimas, que a saudade irisava, cuidaram vêr alguma coisa terrivelmente fatídica: a condenação da sua prole.

Ana Plácido curvava a cabeça, resignadamente, expiando, dizia éla. Camilo revoltava-se confessando-se ateu — que êle nunca foi — como nesta carta que por essa ocasião recebi:

«Meu presado amigo: — Ha consolaçoens para desgraçados como eu: são os sentimentos de sincera compaixão que o seu folhetim define. Quanto a resignar-me e viver, não posso. Sinto a penetrante verdade do nosso velho amigo frei Luiz de Sousa: « Desbaratam a saude corporal os desgostos da alma, e, se cahem sobre vida acossada de trabalhos, como achem a materia disposta, os seus effeitos são maiores e mais nocivos. » A creancinha tinha-me dado uma vida e uma alegria de emprestimo. O vasio que sinto, aos 58 annos, não ha em toda a natureza uma sensação real ou chimerica que o encha. Encaro a morte como uma redempção; e morreria atheu, se o não fosse desde que sei discorrer.

« Muito obrigado pelo affecto caricioso das suas consolaçoens. Chorou comigo, por que recordar-se a gente de amigos mortos é chorar; e, se temos filhos, sentimos o travo das lagrimas d'elles, quando se recordarem de nós. Do seu velho e grato amigo *Camillo Castello Branco.*»

Esta carta, ao contrário de muitas outras, está datada: 28-9-84.

Em 1885 é concedido a Camilo o titulo de visconde de Correia Botelho. Uma distinção honorífica, ainda que D. Ana Plácido pudésse compartí-la, não a poderia lisonjear; o unico título por éla desejado, no íntimo do coração, não era o de viscondêssa, mas o de esposa, tanto mais que a humilhação se tornava maior desde que Ana Plácido continuasse a ser, ao lado do visconde de Correia Botelho, apenas a sua antiga amante, a sócia dos seus infortúnios, não das suas honrarías.

Camilo, que em 1878 se mostrára arrepen-

dido de *a não ter honrado aos olhos dos filhos e do mundo*, chegou a ir com D. Ana Plácido a Santo Tirso para ali a desposar á capucha. Só o respectivo abade estava na posse do segredo e a ninguem o revelou naquela vila.

Mas ainda desta vez a má estrêla de Ana Plácido a perseguiu.

Os documentos necessários, que o cónego Alves Mendes tratou de obter na cámara eclesiástica do Porto e que devia pessoalmente levar a Santo Tirso, não chegaram a tempo, porque foi preciso verificar se Camilo haveria tomado algum dos graus do clericato impeditivos de matrimónio.

Perdida essa ocasião, arrastaram-se mêses, delongaram-se alguns anos, que foram séculos para D. Ana Plácido, sem que o grande romancista lhe désse o seu nome, que valia incomparávelmente mais que o seu título.

Até á morte do filho de Pinheiro Alves, em 1877, ainda se percebia que D. Ana e Camilo não tivessem casado, porque, segundo o Código Civil, a viuva que passasse a segundas núpcias perdia o usufruto dos bens dos filhos menores. [1]

Mas 1877 já ía tão longe...

Em 1886 a demência de Jorge entrára num período de fúrias homicidas.

---

[1] Uma lei de 15 de Agosto de 1913 revogou nesta parte o Código Civil.

Dizia-me o pai numa carta escrita de Seide:

«A primeira victima será a mãe. Os medicos mandam-me sahir d'este meio sem demora; mas como heide eu deixar aqui a pobre mãe que o filho insulta e ameaça? A mim respeitou-me; agora ameaça-me de pontapés, e espero-os resignadamente».

A vida na casa de Seide tornára-se um tormento e um perigo pelas truculentas impulsões de Jorge. Reconheceu-se ser preciso interná-lo no hospital do Conde de Ferreira, onde os pais o foram vêr quando o dr. Sêna, director daquele hospital, julgou ocasião oportuna. Jorge não os repeliu nem ameaçou: por isso o levaram para Seide e êle acompanhou-os taciturno mas pacífico, tal como eu ali o tinha visto um ano antes.

Em carta ao sr. Joaquim Ferreira Moutinho, datada de 2 de Junho de 1887, Ana Plácido, depois de referir alguns factos demonstrativos da fidalga generosidade de Camilo para com estranhos, falava de si mesma:

«Tenho resumido, ao correr da penna, o muito que teria a dizer-lhe a este respeito; mas o meu tempo está tão delimitado; são taes as occupações que me impõe o dever de olhar e trabalhar constantemente para evitar aos meus doentes *(Camilo e Jorge)* o maior[1] enfado, que não posso roubar-lhes um quarto de hora. Imagine V. que

---

[1] Creio que D. Ana Plácido teria escrito — o menor, e que não seria este o unico lapso de redacção ou de tipografía.

não comem, nem querem ser servidos se não fôr eu que vá directamente tratar da cosinha e da mesa, ás differentes horas das suas refeições! Ainda Deus me tem amparado dando-me muita força, muita coragem e valentia moral. Ás vezes o corpo verga; mas o espirito reage, e, lembrando-me que é necessario ser forte, levanto-me mais rija para a lucta incessante da vida. » [1]

Nesse mesmo ano de 1887, Camilo, sentindo-se próximo da cegueira, veio a Lisboa, acompanhado por D. Ana Plácido, consultar os especialistas mais afamados.

Fui visitar os dois grandes infelizes ao *Hotel Universal*.

Ali os encontrei como duas estátuas cuja unica expressão fosse a da suprema angústia humana.

Pareciam chorar sobre um túmulo, onde houvessem sepultado outrora a sua efémera felicidade, mas que estava completamente vasío...

Ainda não conheci amores condenáveis, destes que irrompem loucos através dum violento drama, que não acabassem mais lastimósamente do que principiaram.

Camilo, atufado numa poltrôna, de boné de seda preta na cabeça, a longa pala descida sobre os olhos, embuçado na sua velha capa espanhola dos bons tempos românticos, ali quedava na petrificação misteriosa dos cegos e das esfinges.

---

[1] Periodico *Nova Alvorada*, VI ano, n.º 3, Junho de 1896.

Ana Plácido, sentada em frente dêle, olhando-o fixamente, parecia ter cegado de amaurose, por um prodígio de abnegação, para irmanar em todos os infortúnios o seu destino ao de Camilo.

Longe, no Minho, tinham deixado os dois filhos sob a influição da mesma nefasta sina de familia: Jorge, mais calmo, mas insociável, confinado voluntáriamente num aposento de hospedaria em Famalicão, onde levava uma vida excêntrica, mantendo hábitos viciosos e aberrantes; Nuno, visconde de S. Miguel de Seide, empobrecendo em dispendiosas prodigalidades de marialva provinciano.

Á primeira jornada da triste odisseia que foi a cegueira de Camilo seguiu-se logo, no começo do ano seguinte, uma insistente continuação de esforços, por parte de alguns dos seus amigos residentes no Porto, especialmente os srs. Joaquim Ferreira Moutinho, dr. Ricardo Jorge e cónego Alves Mendes, para que se realizasse o casamento do grande escritor com D. Ana Plácido.

Camilo já não podia saír de casa sem constrangimento, e por este motivo recorreram os seus amigos ao subterfugio canónico de *in articulo mortis*, para que a ceremonia religiosa fosse celebrada no domicílio dos nubentes, que era o prédio n.º 458 da rua de Santa Catarina.

Ás dez horas da noite de 9 de março de 1888, o abade de Santo Ildefonso, devidamente autori-

zado pelo bispo do Porto, administrou o sacramento do matrimónio, na presença dos íntimos de Camilo e do visconde de S. Miguel de Seide.

A julgar pelo testemunho do cónego Alves Mendes, Camilo «mostrou-se commovidissimo, singularmente satisfeito».

Ana Plácido sei que chorou, dando curso á torrente de amargas lágrimas que por tão longos anos comprimira dentro do coração. O unico dia feliz dos infelizes é aquêle em que podem chorar apiedando-se de si mesmos, que para os outros téem êles sempre lágrimas.

Assim, pois, o dia 9 de Março de 1888 foi aquêle em que nesse atormentado coração, que parecia vergar ao peso de um século,[1] desabrochou entre prantos a sagrada flôr de lótus,

Que em cem annos floresce apenas uma vez.[2]

Em setembro de 1888 os jornais espalharam o boato de se terem agravado na Povoa de Varzim os padecimentos de Camilo, que por esse motivo fôra transportado, a pedido seu, para a casa de Seide.

Da Ericeira, onde me encontrava nesse momento, telegrafei a pedir noticias seguras.

---

[1] Numa carta de Camilo a Vieira de Castro: «A*** tem cem annos no coração.»

[2] Verso de Guerra Junqueiro, na encantadôra dedicatória da *Musa em ferias*.

Respondeu-me num dos dias imediatos D. Ana Plácido:

«...Sr. e meu presado amigo:

«Só hoje tenho um momento de folga para lhe agradecer o cuidado que mostrou pela vida de meu marido. O seu estado, d'elle, é infelizmente inexprimivel. O horror da cegueira tortura-o de maneira, que não socega nem de dia nem de noite. Eu ando extenuada de cansaço; mas reagindo sempre contra a fraqueza, cá vou amparando esta cruz dolorosa com a firme constancia do dever.

«Ha muito que eu desejo escrever-lhe de espaço, porque quero confiar-lhe algumas notas para a biographia de meu marido. Falta-me o tempo... Será um dia.»

Esta carta, que tem a data de 20-9-1888, está assinada — *Viscondessa de Correa Botelho.*

Era a primeira vez que D. Ana Plácido me escrevia depois do seu casamento.

Estranhei a principio o teôr da assinatura, tão fóra da sua modestia e da nossa familiaridade. Reflecti alguns momentos e achei o motivo. Foi como se naquela carta viesse inclusa uma formal participação de casamento, subentendidas estas palavras: «Meu amigo: Viu-me muitos anos ao lado dum homem que foi meu amante. Calcúlo o prazer com que reconhecerá o direito que tenho hoje para chamar a esse homem «o meu marido» e para usar o titulo dêle por esta só vez... oficialmente.»

Creio que me não enganei.

Em Março de 1889 foi a última jornada de

Camilo a Lisboa na via-sacra a que o obrigou a cegueirâ.

Em 13 de Junho desse ano faleceu no Porto meu pai, e a viscondessa de Correia Botelho enviou-me num cartão de pêsames estas palavras com a mesma assinatura que sempre para mim usára antes do casamento:

«Meu presado amigo

«Nas crises dolorosas da vida é um pequeno refrigerio saber que ha almas que nos comprehendem e pranteam. Conte no numero d'essas — que terá muitas e boas, mas não melhores; perdôe-me a immodestia! — a sua velha, dedicada e muito grata — Anna Placido.»

Não havia rialmente imodéstia em algumas das poucas mas carinhosas palavras que aí ficam; e por isso as fui procurar deixando de parte outras cartas e outras confissões. Não havia imodéstia, mas apenas a verdade, expréssa sincéramente. Ana Plácido era uma das mais bondosas e claras almas que tenho conhecido. Não sabia mentir, e essa virtude foi que a perdeu. Não ocultou ou negou, como tantas outras, a verdade do seu apaixonado desvarío. «Camilo é o homem de quem gósto», disse éla, trinta anos antes, na presença de alguns amigos do primeiro marido.[1] E desde essa hora foi condenada pela sociedade, ao passo que outras mu-

[1] *Os Amores de Camillo*, pag. 260

lheres hipócritas e refalsadas, delinqùentes de igual êrro, reincidentes no mesmo delíto, continuaram a merecer a confiança dos maridos atraiçoados, e a consideração da sociedade.

Tão bondosa quanto sincera, a sua alma estava sempre disposta á prática de boas acções e piedosos sacrifícios.

Camilo, descrevendo a Vieira de Castro a situação do morgado de Pereira, que o acompanharia a Africa, fornece-lhe esta informação interessante: «Deixa a mulher e os filhos; e como a casa em que vivem tem de ser vendida para pagamento de dividas cujo juro devora os restantes bens, vão ella e os filhos para a casa de Seide que D. Anna lhe offereceu.»

Nesta mesma casa sempre vi hóspedes, alguns quase permanentes e em difíceis circunstâncias financeiras, os quais tanto Camilo como D. Ana Plácido tratavam sem enfado, antes com nobre magnanimidade.

Vizinhos pobres, rude gente de lavoira, entravam na cozinha de Seide e sentavam-se a reforçar-se com um naco de brôa e uma canéca de vinho, que nunca ali lhes faltavam.

Ana Plácido gostava de os consultar sobre assuntos agrícolas; de os ouvir historiar casos sucedidos nos arredóres, antiga ou recentemente, e ia depois repeti-los a Camilo, que aproveitou alguns nos seus romances.

Éla mesma se fez aldeã pelo hábito de rusti-

car entre cavadores e ceifeiras, especialmente na sua cozinha de Seide, durante os longos serões de inverno, sentada á lareira chamejante.

Tinha ali a sua « côrte na aldeia », criados e vizinhos — porque no Minho os criados são como pessoas da familia — homens e mulheres que respeitosamente a haviam tratado por sr.ª D. Ana e depois de 1888 a tratavam por *sr.ª biscondessa*.

Era aquela a sua mais freqüente sociedade. Por isso, quando pela ultima vez Ana Plácido veio a Lisboa, em 1889, fez-me pena ouvi-la falar com uma pronúncia cerradamente minhôta, como o poderia fazer uma vulgar *biscondessa* de riba-Vizela ou de riba d'Ave.

Isto me penalizou quase tanto como os vestígios crueis da velhice, os vincos da fadiga física e moral, o gravame dos anos e dos trabalhos.

Eu confrontava-a mentalmente com a mulher que éla fôra outrora, formosa entre as mais formosas, distinta na conversação entre os primeiros escritores do país pelo brilho espontâneo do espirito e pela singeleza elegante da frase.

Esse confronto entristecia-me, acabrunhava-me profundamente.

Em 1890 saiu a lume um livro de versos — *Nas trevas* — a que poderemos chamar o testamento literário de Camilo, porque ressôa aí o éco dos seus últimos pensamentos e derradeiras impressões.

O sonêto VIII intitula-se *Rachel.*

Quem seja Raquel bem o sabemos

É Ana Plácido e foi ***, [1] a *ignota dea;* chamou-se *Henriqueta* [2], *Ludovina* [3] e *Anna Augusta;* [4] foi *Rachel,* [5] a grega bela, e *Adriana,* [6] o belo demónio; depois de ter sido *providencia* [7] foi *chimera;* [8] é, finalmente, Aninhas, a triste enfermeira, Aninhas a sem ventura, que tanto vale como dizer — a sr.ª viscondessa de Correia Botelho.

Eis aqui o sonêto:

Libavas, borboleta, a flôr da vida
No parque ameno d'ideaes chimeras.
Que seja amor, não sabes; mas esperas
Vencer captiva, e captivar vencida.

Chega a paixão... Retraes-te espavorida!
Saudade tens das quinze primaveras,

---

[1] *Inspiraçoens,* 1851 (Dedicatória).

[2] *Poesia ou dinheiro?* drama em 2 actos, 1855.

[3] *O que fazem mulheres,* 1858. Aí vem, como tendo sido dedicada por outrem á *Ludovina* do romance, a primeira poesia oferecida por Camilo a D. Ana Plácido.

[4] *O ultimo acto,* drama, 1862.

[5] *Annos de prosa,* 1863.

[6] *No Bom Jesus do Monte,* 1864.

[7] «... nas minhas idolatrias alguma hora se chamou *providencia...*» (*No Bom Jesus do Monte*).

[8] «No romance chama-se Rachel, no meu espirito chama-se chimera...» (*No Bom Jesus do Monte*).

Em que, menina e moça, amada eras,
Sempre isenta, risonha e distrahida.

Vence a paixão... E o teu anjo innocente,
Desligado de ti, mésto e dolente,
Regressa para o ceo; mas vai chamando-te... [1]

Não foste! És presa á minha desventura!
Em grande amor te dei grande amargura...
Fui teu verdugo, mas verdugo amando-te.

O ultimo verso do sonêto é uma síntese psicológica, a súmula exacta dos arcanos duma alma atribulada.

Fui teu verdugo, mas verdugo amando-te.

Rezado em voz alta este sincero acto de contrição, não tarda muito a agonia final.

Camilo suicida-se, em Seide, no dia 1 de Junho de 1890.

Depois deste sucesso trágico, Ana Plácido, que desde 1876 não tornára a escrever para o publico, apenas consentiu que fosse impressa uma carta sua.

O redactor da *Nova Alvorada* solicitou-lhe algumas palavras destinadas ao numero especial que, em homenagem á memoria de Camilo, apareceu no dia 1 de Junho de 1891.

---

[1] Alude Camilo á morte de Maria José Pálcido, o «anjo inocente» que do céu chamava a irmã para arrancá-la ao abismo.

Ana Plácido prefaciou em poucos períodos os ultimos versos que, segundo revela, seu marido tinha compôsto e recitado poucas horas antes de pôr termo á existencia.

.....

Vem tambem, santa das dores,
Receber o extremo ai!
Não me vás levar flores
Á sepultura, não vás.
Leva-me os filhos felizes,
Leva-os comtigo e verás
Que me aquece a luz da vida
Na sepultura esquecida,
Onde emfim hei de ter paz!

Num dos períodos da sua carta Ana Plácido dizia-se completamente desligada deste vale de profundíssimas misérias, a que não mais quereria descer os olhos. Pois foi tão infeliz, que ainda teve de presenciar uma das misérias profundissimas do orbe terráqueo, sentindo rugir bem perto de si mesma a insensata questão relativa á «filha de Camilo».

Depois, durante cinco anos, é bem de crêr que, «tantalisada pela fome e sêde da saudade, o seu espirito avoejasse nos páramos infinitos;»[1] já que seus olhos, quase cegos, não logravam suportar a claridade da luz consoladôra que

---

[1] Artigo, já citado, da *Nova Alvorada*.

desce da abóbada celeste sobre os que choram cá em baixo.

Singular coincidência a de se igualarem até á ultima desgraça os destinos de duas almas infortunadas.

No dia 20 de Setembro de 1895, Ana Plácido acordou bem disposta, na sua casa de Seide. Estava no mesmo leito uma criancinha de cinco anos, Raquel,[1] filha do visconde de S. Miguel de Seide. Ana Plácido fez o primeiro movimento para vestir-se. Soltou um grito, teve um vómito de sangue e expirou logo.

Assim morreu a *Teresa* de Espronceda, que tambem fugiu ao marido para seguir o amante. Mas a espanhola não póde equilibrar-se em perfeito paralélo com a portuguêsa, porque, leôa indomável no ciume, infamou-se esbravejando raivas perversas.[2]

E já que veio isto a propósito... Todos conhecem a notavel elegía — misto de lágrimas e fel, de amor e ressentimento, de ternura e ironia — que Espronceda compôs na morte de Teresa. Pois se Camilo tivesse sobrevivido a Ana Plácido, estou certo, certissimo, de que ditaria a

---

[1] Esta menina, como todos os seus irmãos, nasceram duma ligação amorosa contraída pelo visconde de S. Miguel de Seide depois de ter enviuvado.

[2] Rodriguez-Solís, *Espronceda, su tiempo, su vida y sus obras* (Madrid, 1883), pág 154.

qualquer amanuense a mais sublime página de toda a sua vida, porque êle foi em Portugal o maior poeta da saudade, no verso ou no romance, e porque nenhum grito de cólera ou despeito podia conturbar a suavidade flébil do assunto nem o curso dolente dos pensamentos e das lágrimas.

Ana Plácido repoisa no antigo cemitério [1] de Vila Nova de Famalicão em jazigo de granito, longe de Camilo, que desejou ter sepultura no cemitério da Lapa, no Porto, onde tambem descansa Pinheiro Alves.

E' pois num singelo *campo santo* de província que D. Ana Plácido dorme o sono eterno junto da nora [2] e da primeira neta, Maria Camila, que já lá a esperavam; junto dos seus próprios filhos, que se lhe foram depois reunir, um, Nuno, passados apenas quatro mêses, o outro, Jorge, em 1900.

Flóra, a irmã mais velha de Raquel, dedicou á morte da avó um plangente cantar singelíssimo, que transcrevo do jornal em que foi publicado:

---

[1] Actualmente condenado. Para o novo cemitério foi escolhido o sítio chamado de Moço Morto.

[2] Cujo pai, Antonio Joaquim da Costa Macedo, foi que mandou erigir o jazigo—obra de bem mau gosto artistico.

Jazigo de D. Ana Plácido no antigo cemitério
de Vila Nova de Famalicão

SAUDADE

A' memoria da minha avó D. Anna Placido

Falar da morte é tão triste,
Tão espinhosa missão!
Vem logo a dura saudade
Cravar-se sem piedade
Dentro do meu coração.

Não poderei eu choral-a,
A ella, que adorei tanto,
Não poderei, suspirando,
Sua campa visitando,
Regar-lh'a toda de pranto?

Então deixae-me choral-a,
Que me tortura esta ancia.
Deixae-me lembrar ainda
Aquella face tão linda
Do anjo da minha infancia.

Ella morreu! e eu tenho
O mais horrivel soffrer
Por não mais poder achal-a,
Nem ao meu peito estreital-a,
Para assim feliz morrer.

Amaldiçoada vida,
Na amargura até ao fim.

Para que a levaste, ó morte?
Aqui tens meu peito forte,
Levasses-me antes a mim.

A mim, que te desafio,
Que me não causas horror.
Porque não vens traiçoeira
Findar-me a luz derradeira,
Se a arrebataste sem dôr?!

Covarde morte, eu te espero,
Que resignada já estou.
Crava em mim sem piedade
A tua feroz maldade
E mata o peito que amou.

Alfredo de Musset, escreveu no túmulo de Elisa Mercœur [1] estas memoráveis palavras: «*Je ne pleure pas, j'envie ton sort.*»

Quanto a D. Ana Plácido pode afirmar-se o contrário: que o seu destino não inspira inveja mas lágrimas.

Na pedra tumular que se fechou sobre éla bem pudera ter-se gravado uma breve legenda, a mais conforme ao modesto espírito, aos hábitos simples e, sobretudo, á humilde resignação com que a mal sorteada portuense expiou, em

---

[1] Poetisa francêsa (1809-1835) que mereceu ser cognominada *Musa armoricana.*

longos anos de amargura, um desvairamento amoroso.

Essa legenda, tal como eu a entendo, seria menos que uma frase, ainda menos que uma palavra; seriam estas duas letras apenas:

A. A.

FIM

UMA PÁGINA A MAIS

A FORMIGA

A' Snr.ª D. Anna Augusta Placido offerece o autor esta rustica oblata deposta por um romeiro sincero no altar da amizade antiga

Oh! que grande cobardia
Esta em que eu ia cahindo!
Pobre formiga, fugia!
Com que pressa ia fugindo
Toda cheia de canseira,
Por haver roubado da eira
De loiro trigo um só bago!
E eu de entretido que ia
Por um triz que a não esmago!

Sem querer era cobarde,
Mas juro por minha fé
Que passava mal a tarde
Se lhe tenho posto o pé.

Que a formiga é tão activa,
Tão mansa e laboriosa,
Do seu trabalho captiva,
Do seu viver cuidadosa!

Passa e não deixa um vestigio!
Não mancha as folhas da rosa!
Chega mesmo a ser prodigio
Que um tão pequenino insecto,
Que se arrasta aos pés da gente,
Trabalhe tão diligente,
Tão delicado e discreto!

Ha insectos bem maiores
Que vivem na mandriice,
São pánreas, são mandriões,
E dizem co'os seus botões
Que o trabalhar é tolice.

A cigarra é cantadeira,
Não faz nada a descuidosa,
Por mais que a gente a condemne.
Até o bom La Fontaine
Lá lhe chamou preguiçosa.
Nem assim se envergonhou!
Vive inda entregue á cantiga!
Canta, cantará, cantou...
E talvez até que diga
Vendo a formiga cansada,
Tão activa e carregada:
«Ora a tôla da formiga!»

Mas a formiga, coitada!
Tão pequenina, que até
De qualquer criança o pé
A deixa logo esmagada,
Vai lidando a sua lida,
Soffrendo a sua canseira:
Aqui vence uma barreira

— Alguma hervinha mimosa! —
Ali transpõe um barranco,
Uma montanha alterosa,
— Qualquer seixosito branco!

Corre o risco de afogar-se
No oceano temeroso
De qualquer gota de orvalho!
Eu, quando a vejo arrastar-se
No seu lidar canseiroso,
Bemdigo n'ella o Trabalho.

E escuto uma voz amiga
Que me diz, vendo-a passar:
«Tu és irmão da formiga
«Na condição do lidar».

O mundo é vasto, é enorme
E os grandes tomam-n'o todo!
O rico descansa e dorme
Tendo delicias a rôdo.
D'esta rede de grandeza
Só rompe o espesso tecido
O pobre que na pobreza
Fôr do mais pobre doído.

Lida a formiga, trabalha
E á força de trabalhar
Consegue que a dura malha
Ceda para ella passar.

«O que tu tens feito é isto
— Diz da consciencia a voz sã,
Sempre sincera e amiga —
«Deixa passar a formiga,
«Que a formiga é tua irmã.

« Grande gloria o vencel-a
« Quando co' um bago de trigo
« Vai passando carregada!
« Vaidade! havia de tel-a
« O grande que te esmagasse
« Na tua lide suada! »

Deixae que a formiga passe
Evitando o mar-orvalho
E a cordilheira-pedrinha.
A formiga é o Trabalho...
Poupae-a, se ella caminha.

Sem querer, era cobarde,
Mas juro por minha fé
Que passava mal a tarde
Se lhe tenho posto o pé. [1]

Vizella — Santo Thyrso, 1885.

ALBERTO PIMENTEL.

Estas redondilhas, outrora oferecidas a Ana Plácido, não são por certo descabidas num livro em cujas páginas se projecta a sombra melancólica dessa martirizada figura de mulher.

Mas não é este o unico motivo por que as reedíto. Quero tambem dar as mãos á palmatória a respeito da laboriosidade próvida da formiga e da alegre mandriice da cigarra.

---

[1] *Uma visita ao primeiro romancista portuguez em S. Miguel de Seide.* Porto, 1885.

Um sábio de nossos dias, o ilustre entomologista Fabre, deitou por terra esse velho apólogo tal como o contou La Fontaine, que por sua vez o foi buscar a Esôpo, o qual o receberia da India e teria metido em scena a cigarra, por se desconhecer na Grécia o insecto da versão indostánica.

Ora, segundo Fabre [1], a cigarra, em vez de querer explorar a formiga, é explorada, em verdade, pela vêspa, pela môsca, pela sféx, por outros muitos insectos, mas, principalmente, pela formiga.

Nas tardes calmosas de Julho, quando toda esta catérva minúscula quere dessedentar-se, e apenas encontra flores murchas e ervas ressequidas, a cigarra, empoleirada num galho e tendo verrumado com o rostro o caule de qualquer arbusto, vai chupando alguma corrente de seiva e cantando refrigerada.

Logo todos os outros insectos abrasados pela sêde correm em tropel ao encôntro da cigarra, que se levanta magnánimamente nas patas para deixar que os invasores se aproximem da ferida do caule e se refresquem, mas êles ás vezes são tantos e tão sequiosos, que recalcam, repisam, remordem o seu Moisés junto ao borbulhante Oréb.

---

[1] *Souvenirs entomologiques*, cinquième série, cap. XIII, pág. 215.

Entre todos estes audazes invasores assinála-se a formiga pela raiva no assalto e pela avidez na extorsão.

A cigarra, não podendo aguentar por mais tempo o choque brutal, trata de salvar-se fugindo e com soberano desprêso — gesto digno do Bocage dos insectos — expéle um esguicho de urina sobre a horda dos colegas ladravazes.

Aqui temos pois reabilitada a cigarra, que dois fabulistas malsinaram. Ela canta, sim, mas depois de haver trabalhado para viver bem, e é a formiga que vai aproveitar-se do seu trabalho e ofendê-la, não apenas com as palavras irónicas do apólogo, pior ainda, muito pior, passando a vias de facto, na ansia egoista de molhar a goéla de parcería com outros scelerados lambões.

Quem nos afirma isto é uma autoridade no assunto, um homem de sciencia que tem passado a vida, quase infantilmente, de joelhos como se estivesse adorando Deus, curvado sobre a terra, silencioso e atento, para estudar os costumes dos insectos, que os bons e os maus poetas — eu neste numero — deturparam contando patranhas e fazendo sentimentalismo.

DOCUMENTOS

A

Certidão do nascimento e baptismo de Ana Augusta Plácido

« Certifico eu abaixo assignado, que em um livro de baptismos a fl. 139 está o assento seguinte:

Anna, filha legitima de Antonio José Placido Braga e de sua mulher Anna Augusta Vieira, moradores na Praça Nova, nasceu aos vinte e sete de Setembro do anno de mil oitocentos e trinta e um, e foi baptisada aos oito de Outubro do dito anno. Foi padrinho Manoel Pinto Vieira, viuvo, e morador na rua da Fabrica, e foi madrinha Jeronima Perciosa Vieira, solteira, moradora na mesma, neta paterna de Lourenço Antonio Placido, natural da freguesia de São Victor do arcebispado de Braga e de Antonia Thereza, da mesma, e materna de Manoel Pinto Vieira, natural da freguesia de Ramalde deste bispado, e de Maria Jacintha, natural da freguesia de São Miguel de Nevogilde d'este bispado, do que fiz este assento. O coadjutor Antonio Gomes da Cruz — E' a copia fiel. Porto e Santo Ildefonso 4 de Agosto de 1911 e onze.

O coadjutor — Eugenio dos Santos Freire »

B

Certidão do primeiro casamento de D. Ana Augusta Plácido

MANOEL JOSÉ COELHO, Bacharel formado em Direito pela Universidade de Coimbra e Conservador do REGISTO CIVIL do primeiro Bairro do Porto:

Certifico que nos livros de Casamentos arquivados n'esta conservatoria se encontra o registo do teor seguinte:

Aos vinte e oito de Setembro de mil oito centos e cincoenta na Capella da Quinta de Villar de Allem desta freguezia de Santa Maria de Campanhã, em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, com portaria do Excelentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo desta Diocese e dispença dos Proclames constante de outra Portaria, depois de satisfeitos os direitos ao competente Parocho dos contraentes, sem impedimento algum, pelas cinco e meia horas da tarde, em face da Egreja com palavras de presente se receberam Manoel Pinheiro Alves, filho legitimo de Antonio Pinheiro Alves e Anna Maria Machado já falecidos, naturaes da freguezia de São Miguel de Seide do arcebispado de Braga, neto paterno de João Pinheiro Alves e sua mulher Custodia Francisca, esta natural de Salvador de Ruivães e aquele de São Miguel de Seide e materno de André Machado e de sua mulher Josepha Alves, esta natural de Santa Maria de Guardizela e aquelle de São Thiago da Carreira, com Dona Ana Augusta Placido, filha legitima de Antonio José Placido Braga

e de sua mulher Dona Ana Augusta Vieira, neta paterna de Lourenço Antonio Placido, natural da freguezia de São Victor do Arcebispado de Braga e de Antonia Thereza, da mesma, e materna de Manoel Pinto Vieira, natural da freguezia de Ramalde deste bispado e de Maria Jacinta, da freguezia de São Miguel de Nevogilde deste mesmo bispado, e logo recebêrão as bençãos nupciaes na forma do costume, do que foram testemunhas presentes Fortunato Alves de Souza e Antonio Joaquim Teixeira, residentes no Porto, do que e para constar fiz este termo que assignei com as testemunhas. Era ut supra. O Reitor Antonio Augusto d'Assumpção e Souza. Fortunato Alves de Souza, Antonio Joaquim Teixeira. É a copia fiel do original a que me reporto. Por ser verdade mandei passar a presente certidão que conferi e assigno. Porto vinte oito de maio de mil novecentos e trese.

Manoel José Coelho.

Sou informado de que o sr. Alberto Rebêlo Valente Álen diz que deve ter havido confusão entre a sua quinta e a do Freixo (tambem nesse tempo conhecida por Quinta de Campanhã), situada igualmente em Campanhã de Baixo e apenas separada da quinta de Vilar Álen pela estrada de Valbom. Aléga que a sua quinta não teve capela nunca; ao passo que a do Freixo tinha capela e ainda tem; mais aléga saber que a quinta de Vilar Álen esteve alugada durante muitos anos a uma família inglêsa, mas não lhe constar, por tradição de família, que tivesse sido emprestada ou alugada a mais ninguem.

Contudo, o termo de casamento tem valor legal e juridico. Nele, por nossa parte, nos baseamos, sem que, aliás, tivessemos descurado a identificação da quinta mencionada no termo de casamento com a que a familia Álen possúi em Campanhã desde 1839. Todos os nossos solícitos informadores foram concordes em que se tratava da mesma quinta. E o sr. Alberto Rebêlo Valente Álen amávelmente expôs em carta a um amigo meu que o nome de *Vilar de Além* procederia dos seguintes motivos: *a)* reunião de casas ou fógos pertencentes uns á quinta e outros aos seus foreiros, casas que formáram um pequeno *vilar* entre Campanhã e Valbom; *b)* fazer parte da quinta o monte chamado de *Além; c)* ter o povo, por ignorancia ou má pronúncia, confundido *Álen* com *Além*.

Sobre o portão de ferro, que dá entrada para a quinta, lê-se a designação de *Villar d'Allen*, encimada pelo brasão de familia.

C

Cópia do testamento de Manuel Pinheiro Alves

«Em nome de Deus, Amen. Eu Manoel Pinheiro Alves, achando-me com alguma doença, mas em meu perfeito juizo e entendimento e plena liberdade, faço o meu testamento da maneira seguinte: Declaro que sou Catholico Romano e que creio em todos os Dogmas e Doutrinas de tão santa como unica verdadeira religião. Sou natural da freguezia de São Miguel de Seide, Arcebispado de Braga, e filho dos senhores Antonio Pinheiro Alves e Anna Maria Machado, já fallecidos. Nomeio para meus Testamenteiros em primeiro logar ao Senhor Antonio de Sousa Barbosa, em segundo o Senhor Agostinho Francisco Velho, e em terceiro ao Senhor Antonio Bernardo Ferreira, todos desta cidade, e áquelle que pela ordem da nomiação acceitar deixo a gratificação de oito centos mil reis em metal por uma só vez. O meu funeral será feito sem pompa, e meu testamenteiro comprará um terreno no cemiterio da Lapa e me mandará fazer uma sepultura dessente aonde sejam encerrados meus restos mortaes. Deixo a cada um de meus cunhados Placido, Eduardo e Alberto, duzentos mil reis em metal por uma só vez. Por minha alma se dirão cem missas e pelas de meus Paes e irmãos outras cem da esmola cada uma dellas de duzentos e quarenta reis e por uma só vez. Os remanecentes de minha terça se devidirão em dous montes eguaes, um dos quaes deixo a meu sobrinho José, filho de meu irmão Francisco, e o outro o deixo a meus sobrinhos e sobrinhas, filhos de meu irmão João

á excepção da filha Narciza, para ser devidido por elles em partes eguaes. Por esta forma tenho concluido este meu Testamento que quero se cumpra e revogo quaisquer outros que tenha feito e este a meu rogo escreveo e assigna João d'Almeida Pinto e Silva, desta cidade, que li e assigno. Porto dous de setembro de mil oito centos sessenta e dous. Diz a emenda Souza. Como escriptor João d'Almeida Pinto e Silva — Manoel Pinheiro Alves. (Segue-se a aprovação.)

D

Extratos do Inventário por morte de Manuel Pinheiro Alves, arquivado no cartório do escrivão Alípio Augusto Guimarães, na comarca de Vila Nova da Famalicão:

No auto de noticia deste inventário e respectivo juramento da inventariante, D. Ana Plácido assina — Anna Augusta Placido Pinheiro Alves (fls. 4).

A fls. 18 D. Ana Plácido, pelo seu advogado João Bernardo do Vale Vessadas, pede que lhe permitam residir na quinta de S. Miguel de Seide *para assistir á descripção e mais actos daquelle inventario, pois se acha n'uma hospedaria fazendo avultadas despezas por se acharem arrendadas as casas sitas na dita cidade do Porto que são do cazal.* Para as despesas reclamadas pela sua mudança para Seide pede tambem, a titulo de adiantamento da herança, reis 450$000.

As *casas sitas na cidade do Porto e pertencentes ao casal*, ás quais acima se faz referência,

eram as seguintes, ambas no Bairro Alto (extrema superior da rua do Bomjardim): prédio de um andar, com o n.º 862; outro, de dois andares, com quintal, tendo os n.ºs 856, 858, 860 — prédios foreiros a João Correia Pacheco Pereira de Magalhães e compreendidos na freguesia de Santo Ildefonso. Neste ultimo prédio habitaram, mais tarde, Ana Plácido e Camilo.

O inventario menciona tambem um prédio, n.º 114, na rua Arménia, freguesia de Miragaia, (a mesma rua onde morava a Augusta do romance *Onde está a felicidade?*) tendo o n.º 7 para a viela da Baleia; e declara que este prédio o herdou D. Ana Plácido de seus pais.

Em Braga possuia o casal na «Praça do Rocio» a morada de casas que tinha o n.º 4 e era foreira a Estêvão Falcão.

A fls. 37 acha-se o auto do juramento do visconde de Lagoaça quando assumiu as funções de tutôr do menor Manuel Augusto Pinheiro Alves, filho unico de Pinheiro Alves.

A casa de S. Miguel de Seide foi inventariada por 700$000 reis, e está assim descrita sob n.º 97-A:

«Item uma morada de cazas torres e terreas, tendo unidas terras d'horta e algumas arvores de fructo e ramadas de vinho, tudo tapado por um muro, confrontando do

norte e poente com caminhos, do sul com Francisco da Silva, do nascente com os herdeiros de Antonio José Pinheiro, que os louvados viram e acharam poder render annualmente, livre de reparos, a quantia de 35.000 reis, que por vinte annos faz o total de sete centos mil reis. (fls. 57).»

Da escriptura que legalizou a compra da catacumba n.º 55 feita por Agostinho Francisco Velho á Irmandade da Lapa para repouso privativo do cadáver de Manoel Pinheiro Alves, consta o seguinte:

«Aos vinte e dois dias do mez de Dezembro de mil oito centos e sessenta e trez, em reunião da meza presidida pelo N. C. I. o Ill.mo Snr. Director Thomaz Antonio d'Araujo Lobo, e comparecendo o N. C. I. o Ill.mo Snr. Agostinho Francisco Velho, por elle foi dito que havendo fallecido o Ill.mo Snr. Manoel Pinheiro Alves em Julho do corrente anno; e achando-se depositado o seu cadaver no carneiro n.º um do Cemiterio de Baixo, desejava agora obter a posse *in perpetuo* da catacumba n.º cincoenta e cinco no novo Cemiterio de Cima a fim de para a mesma ser trasladado o cadaver do Ill.mo Snr. Manoel Pinheiro Alves e *alli ser conservado em jazigo perpetuo, só e unicamente, e emquanto os tempos durarem*, e para isso offereceu a quantia de cem mil reis, valor estipulado pela Meza (fls. 110).»

Alegações do advogado da inventariante dr. João Bernardo do Vale Vessadas, a fls. 171 v. e seguintes:

« E' sempre fatal o resultado quando a perspectiva de grandes riquezas fascina o espirito dos paes, que só vêem

no oiro a felicidade de seus filhos. Esses paes, sacrificando ao bezerro de metal, teem o matrimonio na conta de uma especulação mercantil, não lhes repugnando a consciencia de adjudicar para sempre uma filha no verdor dos annos ao argentario velho na edade, porem ainda com aspirações de mancebo.

« O inventariado Manuel Pinheiro Alves era um capitalista que, segundo a phrase sacramental dos da sua classe, *pezava uns oitenta contos de reis*, e assim recommendado por tão valiosa cifra, não hesitou pedir a mão da inventariante.

« Se os paes da inventariante folgaram com a proposta, antevendo a fortuna da filha, bem será de suppor outra ordem de sentimentos da parte d'esta.

« Dezoito annos não se seduzem com o brilho de metaes cunhados, e fôra desconcerto da natureza que uma donzella, em tão imaginosa edade, sonhasse um marido quinquagenario embora rico e dinheiroso.

« A posição social dos paes da inventariante, a abundancia de seus meios, a edade e mais qualidades pessoaes da filha, tudo conspirava para que seus naturaes protectores negassem o placito a um consorcio de todo o ponto inconveniente e arriscado.

« Foi um erro, que as boas intenções desculpam, mas foi mais que erro da parte de quem, já no outomno da vida, arrastara uma menor á alcova nupcial satisfazendo-se apenas com o consentimento dos paes.

« Não maravilha pois que um matrimonio em tão deseguaes condições se dissolvessse de facto durante a vida dos conjuges. Nascem espontaneos os sentimentos do coração humano, e este orgão, o mais refractario a toda a especie de coacção, reage sempre contra o dominio que não acceite voluntario.

« A falta de consciencia do merecimento proprio, natural effeito das confrontações, faz acordar no homem sentimentos de desconfiança, e dahi os remoques, a suspeita

e todo esse inferno que atribula dois infelizes a quem atara o nó do cazamento em vez da reciproca affeição.

« Era preciso pôr aqui em escripta estas ponderações porque o Juizo tem de alguma forma o direito de ser informado ácêrca das causas de um phenomeno, cuja apreciação menos reflectida ou apaixonada pode ser desfavoravel á Inventariante. »

A fl. 182 e seguintes está o mapa de partilha em que são inventariados bens moveis, de raiz e dinheiro em ser, na importancia total de 26:855$580 reis, dizendo-se depois textualmente:

« A cuja quantia, abatendo-se-lhe o que o inventariado ficou devendo ao menor, por herança de suas tias, reis 4.220$864, fica em 22.634$716 reis e abatendo mais á quantia supra o importe das dividas passivas, unicas approvadas pelo conselho de familia a fl. 165, e que montam em 114$740 reis, deixa o monte reduzido a 22.519$976 reis.

Do qual pertence á viuva Inventariante 11.259$988 reis de sua meação; aos legados do terço 3:753$329; e ao menor 7.506$659 reis. »

A fl. 360 lê-se uma procuração de José Cardoso Vieira de Castro como membro do conselho de familia.

A fl. 377 encontra-se o auto de juramento do barão de Trovisqueira como novo tutôr do menor.

A fl. 445 D. Ana Plácido requere o ser investida do poder paternal em relação ao menor, seu filho e de Pinheiro Alves, segundo o disposto no Codigo Civil, que pouco antes (em 1865) tinha começado a vigorar.

A fl. 446 é-lhe deferido este requerimento.

A opinião publica, orientada pelos banqueiros, dizia que Pinheiro Alves pesava oitenta contos de reis.

Não era, portanto, dos homens mais ricos do Porto, mas, em relação ás exigencias sociáis da época e, especialmente, aos modestos costumes de vida naquela cidade, o rendimento anual de 4:000$000 reis podia considerar-se uma feliz situação financeira, propícia a sucessivas capitalizações.

Eu já disse algures [1], generalizando, quanta era então a simplicidade de mobiliário nas casas portuenses, salvas rarissimas excepções.

Agora, referindo-me unicamente ao domicílio de Pinheiro Alves, notarei que, segundo o inventário, havia alguns móveis de mogno (*pau de fóra* na linguagem dos avaliadores) e tambem os havia de cerejeira; que as cadeiras e os canapés tinham assento de palhinha; que a loiça da copa

---

[1] *O Porto ha trinta annos*, edição da livraria Magalhães e Moniz, Porto, 1893, pag. 16.

ou era azul, inglêsa, ou branca, nacional; que as roupas de cama eram de linho ou algodão; que o paliteiro era de prata, mas que as facas e os garfos apenas se permitiam o «luxo» de ter cabo de marfim, alguns.

Quanto ás joias adstritas á *toilette* de D. Ana Plácido, mencionaremos as mais caras e ficaremos sabendo que não poderiam ser qualificadas de ostentosas:

Um par de brincos com 144 brilhantes, avaliado em 150$000 reis.

Um broche montado com 58 brilhantes, avaliado em 90$000 reis.

Um alfinete de oiro de lei com 125 diamantes cravados em prata, avaliado em 76$000 reis.

Uma pulseira de oiro com esmalte verde, ornada de 13 brilhantes e duas pérolas, avaliada em 44$000 reis.

Outra de oiro esmaltada, com 8 brilhantes e quatro pérolas, avaliada em 30$000 reis.

Outra de oiro, com balão pendente, circundada de granadas, avaliada em 19$670 reis.

Uma cadeia de oiro com dois passadores e chave com estrelas esmaltadas a preto, avaliada em 12$140 reis.

Finalmente, todas as joias do casal, incluindo as acima descritas, foram avaliadas em 645$331 reis.

Naquele tempo as damas portuenses apenas caprichavam em sair á rua com vestidos caros,

atingindo por vezes um requinte demasiadamente burguês, e nesta despesa estavam de acôrdo os maridos lamechas. Pinheiro Alves, como já dissemos, era, quanto a isto, enternecidamente dadivoso.

E

Uma carta íntima de Camilo

Já depois de escrito este livro, recebemos, por espontâneo obsequio do ilustre poeta portuense sr. Manuel de Moura, a seguinte cópia duma interessantissima carta de Camilo a D. Ana Plácido, carta que, como tantas outras, não tem data, mas que deve ser dos ultimos dias de abril de 1881:

«Milha filha:

«Fallei com o Vasques de Mesquita, que está de cama, e não tinha presente a lei, mas disse-me que o Nuno, seja qual fôr o perigo do facto, não deve ir para Seide, e deve esconder-se com ella, em q.to se movem os primeiros passos judiciarios. Acrescenta que, indo ella para Seide, eu hei-de ser envolvido na cumplic.de do rapto, como receptador de m.er raptada. Olha q̃ espiga! Ámanhan, ao meio dia, vou combinar com elle o meio menos arriscado em face da Lei.

Em vista do que tenho dito, parece-me intempestiva a compra de moveis. Já comprei as camisas, &.a e as encommendas que fizéste. Portanto, vamos ámanhan (3.ª feira) no comboio da tarde.

Manda recado ao Florindo, e as burras á Portella. Vae pensando onde poderemos arranjar uma casa em que elles

se alapardem. Tenciono escrever ao....., a ver se elle em Traz-os-Montes arranja um padre que os receba. Vale a pena offerecer um ou dous contos de reis. O que não podemos é desistir, porque estes lances não se repetem na vida. Não sei como te escrevo.

Ad.s, adoradinha.
Teu *Cam.o*

O Jorge está no Christal e já foi a S. Lazaro.»

Como acaba de vêr-se, Camilo planeava o rapto da «menina dos trezentos contos» por Nuno Castelo Branco.

Ora este rapto realizou-se em Famalicão a 4 de Maio de 1881, e o casamento em Braga a 2 de Julho do mesmo ano.

Na segunda entrevista entre Camilo e o advogado portuense Vasques de Mesquita o que ficou assente, se confrontarmos a carta com os *Amores de Camillo* (pág. 390), foi que, logo que o rapto se tivesse efectuado, Camilo saisse furtivamente de Seide para Santo Tirso, simulando procurar o filho Nuno que lhe tinha fugido, diria.

Assim queria Camilo evitar que pudesse ser envolvido na cumplicidade do rapto.

A carta aqui publicada, e cuja aparição eu não podia prevêr, não invalída, antes confirma tudo quanto escrevi a este respeito nos *Amores de Camillo*.

F

Certidão do óbito de D. Ana Augusta Plácido

«Antonio José da Costa, parocho da freguezia de San Miguel de Seide, concelho de Villa Nova de Famalicão.

Certifico que, revendo um dos livros de assentos de obitos, acontecidos n'esta freguezia, n'elle a folhas seis, encontrei o termo do teor seguinte:

Aos vinte dias do mez de septembro, do anno de mil oitocentos noventa e cinco, na caza e morada de seu filho Visconde de San Miguel de Seide, logar do Cruzeiro desta freguezia de San Miguel de Seide, concelho de Famalicão, diocese de Braga, falleceu quase repentinamente,um individuo do sexo feminino por nome Donna Anna Augusta Placido, Viscondessa de Correa Botelho, com edade de sessenta e quatro annos, natural da cidade do Porto, moradora que era n'esta freguezia de Seide, e viuva de seu segundo marido Camillo Castello Branco, Visconde de Correa Botelho, filha legitima de José [1] Placido Braga, natural de Braga e Anna Augusta [2] Placido, natural do Porto; a qual não fez testamento, deixou filhos, e foi sepultada no jazigo de sua familia, que se acha collocado no cemiterio de Villa Nova de Famalicão. E para constar lavrei em duplicado este assento, que assigno. Erat ut supra. O Parocho, Antonio José da Costa. E nada mais continha o dito termo, que fielmente copiei do referido livro e ao qual me reporto e que s'tanto é necessario juro in sacris. Seide, 8 de Febr.º de 1897 e sete.

O Parocho, *Antonio José da Costa.*»

---

[1] Aliás — Antonio José.

[2] Ana Augusta Vieira Plácido.

NOTA FINAL

Devo dizer, quanto aos *Documentos*, que um dêles deu imenso trabalho a descobrir: refiro-me ao termo do primeiro casamento de D. Ana Plácido. Gastaram-se dois anos em pesquisas. Teve grande parte na investigação e na descoberta um patrício meu, um velho e querido amigo, Antonio Maria Pinto. Certo dia pôde encontrar e mandar-me um traslado autêntico do formal de partilhas extraído dos autos de inventário a que se procedeu por falecimento de Pinheiro Alves.

Achado este fio condutor, outro prezado amigo meu, o sr. senador Joaquim José de Sousa Fernandes, procurou o inventário em Vila Nova de Famalicão, leu-o e por sua própria mão copiou ou extratou as passagens que mais nos interessariam.

Tambem devo agradecimentos ao meu antigo amigo Francisco de Castro Monteiro, que no Porto fez algumas diligências no mesmo sentido de Antonio Maria Pinto.

É notavel que, no requerimento de queréla por adultério, o advogado de Pinheiro Alves se limitasse a dizer que este tinha casado á face da Igreja no ano de 1850, omitindo o logar e o dia. Pelo que duas testemunhas tiveram de jurar perante o juiz que o facto era verdadeiro.

Tambem me prestaram auxilio valioso, noutras investigações para este livro, o sr. João Gonçalves de Sousa, distinto funcionário da Bibliotéca Pública do Porto e o ilustre brasileiro Max Fleiuss.

Algés, 9 de setembro de 1913.

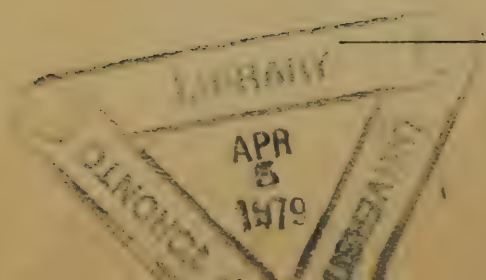
Alberto Pimentel.

INDICE

	Pag.
I — Um supôsto enigma.	7
II — A chave do enigma.	27
III — Destinos trágicos	53
IV — Galeria de mulheres infelizes.	87
V — Três folhetins	105
VI — Primeiro pseudónimo	127
VII — Segundo pseudónimo	159
VIII — Ultimos livros	189
IX — Morte redentôra.	217
Uma página a mais	243
Documentos	249
Nota final	269

ALGUMAS ERRATAS

		ONDE SE LÊ	LEIA-SE
Pag. 16.	Lin. 25	A noite	Á noite
» 29	» 23	despresava	desprezava
» 34	» 9	Vê-lo-emos	Vê-lo hemos
» 46	» 3	jornalsinho	jornalzinho
» 49	» 12	jornalsinho	jornalzinho
» 50	» 14	ideias	ideas
» 104	» 5	As portas	Ás portas
» 131	» 22	Vezinhos	Vizinhos
» 168	» 6	notando	notado
» 171	» 11	Hontem	Ontem



ULTIMAS EDIÇÕES

DA

COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA

Largo dos Loyos, 11 a 14 — Rua da Fabrica, 5 — Rua do Almada, 119 a 123 — PORT

Eduardo de Noronha

Á Esquina do Chiado — 1 vol. br. 800

Agonizar de uma dymnastia (O)— *O calvario de uma mãe*—Illustrado com 15 gravuras e linda capa a côres.—1 vol. br. 1$000; enc. . . . . 1$200

A apostasia d'um bispo — Novella inacreditavel mas verdadeira de um homem que foi fidalgo, frade, bispo, nababo, general, etc., primorosamente illustrada. — Broch. 1$000; enc. . . . . 1$200

Christo e Mahomet. Traducção. 1 vol. br., 600; enc. 800

Conquista de Bizancio. Segunda e ultima parte do *Christo e Mahomet*, traducção. 1 vol. br., 600; enc. 800

Da Madeira ao Alto Zambeze *(Viagem dramatica através de Angola e Moçambique).* 1 vol. br., 400; enc. 600

Do Minho ao Algarve. Viagem pinturesca e aventurosa através de Portugal. 1 vol. br., 400; enc. 600

Duarte Pacheco Pereira — Quadro épico da Historia Nacional. 1 vol. illustrado com 50 gravuras, br., 400; enc. 500

Heroe de Chaimite (O)—Narrativa historica e militar. 1 vol. illustrado com 67 photograv., br. 400

Marquez de Niza (O)— Primoroso romance historico, maritimo, illustrado com 28 gravuras. 1 vol. br., 1$000; enc. . . . . 1$200

Memorias d'um gallego. 1 vol. br. 800

O Passado...—1 vol. br. 800

Palacio das Mil Luzes (O) — Traducção. 1 vol. br., 800; enc. . 1$000

Porta da Havaneza (A) — Da Thomarada á Republica—Narrativa dramatica dos ultimos cincoenta annos da existencia nacional. 1 vol. illustrado com 40 grav. 800

Ultimo Marquez de Niza (O). 1 vol. illustrado com 26 retratos e photogravuras, br. 1$000; enc. 1$200

Theotonio Filho

Bruno Ragaz (Anarchista)—1 vo- 500

A. de Lamartine

O Conselheiro do Povo . . . . .

Rocha Pombo

Contos e Pontos—Um grosso vo lume in-8.º . . . . . .

Almachio Diniz

Sociologia e Crítica (Estudos, Es criptos e Polemicas)—1 vol. d 412 paginas . . . . . .

Moral e Crítica—1 vol. . . . . .

Sciencia e Crítica (a sahir do prelo)

Conselheiro Ruy Barb

Discursos e Conferencias—1 vol de 558 paginas, bella edição br., 1$500; enc. em capas es peciaes . . . . . .

Eugenio de Castro

O Filho Prodigo — Poema biblic — Um volume. . . . . .

Sylva, 2.ª edição — Um volume.

Julio Brandão

Figuras de barro — Um volume a tisticamente illustrado.—Broc

Léon Poinsard

Portugal Ignorado. Um elegan volume. . . . . .

Silva Pinto

Saldos—Crítica á vida social e p litica. — Um volume. . . . .

Euclydes da Cunh

Contrastes e Confrontos—3.ª edição, com um estudo crítico do Dr. Araripe Junior. Prefacio de José Pereira de Sampaio (Bruno) e um artigo biographico de João Luso.—1 vol. br., 800; enc. em capas especiaes . . . . . 1$000

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF
PQD
00 36125

832-939

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 12 01 02 004 1